

Paul E. Little

Como compartilhar sua fé

Digitalizado por: L.D.

-E.G.-

Este livro foi digitalizado com o intuito de disponibilizar literaturas edificantes à todos aqueles que não tem condições financeiras ou não tem boas literaturas ao seu alcance.

Muitos se perdem por falta de conhecimento como diz a Bíblia, e às vezes por que muitos cobram muito caro para compartilhar este conhecimento.

Estou disponibilizando esta obra na rede para que você através de um meio de comunicação tão versátil tenha acesso ao mesmo.

Espero que esta obra lhe traga edificação para sua vida espiritual.

Se você gostar deste livro e for abençoado por ele, eu lhe recomendo comprar esta obra impressa para abençoar o autor.

Esta é uma obra voluntária, e caso encontre alguns erros ortográficos e queira nos ajudar nesta obra, faça a correção e nos envie.
Grato

Paul E. Little

COMO COMPARTILHAR SUA FÉ

Paul E. Little

Tradução de David A. de Mendonça
Revisão de Milton A. Andrade
Ilustrações de Jack Sidebotham
Capa de Ruy J. M. Pedreira

Publicado em conjunto
Por
ALIANÇA BÍBLICA UNIVERSITÁRIA DO BRASIL
Caixa Postal 30.505 — 01000 — SP

e

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES **VIDA NOVA**
Rua Dr. Antônio Bento, 556 — Sto. Amaro
Caixa Postal 8218 — 01000 — São Paulo

Título original

HOW TO GIYE AWAY YOUR FAITH
Publicado por INTER-VARSITY PRESS
Downers, Illinois 60515, EEUU.

Primeira Edição Em Português
3.000 Exemplares

1974

Direitos para a língua portuguesa adquiridos e reservados pela
Outreach Inc. P.O. Box 1000
Grand Rapids, Michigan 49501

Impresso na República Federativa do Brasil

ÍNDICE

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

1. O Fundamento Essencial
2. Como Dar Testemunho
3. Saltando Barreiras Sociais
4. Qual é a Essência de Nossa Mensagem?
5. Que Razão Temos para Crer
6. Cristo Convém à Época Atual?
7. Mundanismo: Exterior ou Interior?
8. A Fé é a Chave
9. Abasteçamos a Fonte

Prefácio

Cada geração tem a responsabilidade de alcançar sua própria geração. Cumpre-lhe viver realisticamente no presente enquanto vai aprendendo do passado e antecipando o futuro.

Alguns líderes eclesiásticos de hoje lançam dúvidas sérias em torno da conversão pessoal. A Comissão de nosso Senhor, entretanto, permanece imutável, ordenando-nos Ele que saiamos por todo o mundo e preguemos o evangelho a toda criatura. E ainda é evidente que o evangelho "é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê".

Neste livro daremos relevo, antes de tudo, à instrução mais que à exortação. Muitos querem testemunhar, porém se vêem frustrados porque não sabem como fazê-lo.

As idéias e sugestões aqui apresentadas resultaram do contado direto com estudantes crentes e não-crentes em universidades seculares e escolas evangélicas nos EUA e no exterior. Pessoas da igreja têm-se mostrado, de imediato, sensíveis às mesmas idéias práticas.

Algumas das sugestões não são originalmente minhas. Devo a muitos o auxílio prático que me prestaram, seus conselhos e pareceres. Apreciável estímulo adveio da entusiástica reação diante de uma parte da matéria aqui apresentada e que apareceu publicada em primeira-mão na revista HIS, da Aliança Bíblica Universitária americana (Inter-Varsity Fellowship). Somos gratos de modo especial à Sra. Elizabeth Leake, ex-diretora da Editora daquela entidade, por suas recomendações e incentivos em matéria de publicações, bem como a Jack Sidebotham, que nos preparou as ilustrações com tanto carinho.

Lançamos este livro com uma súplica a Deus, para que

muitos possam aprender o "caminho sobremodo excelente" de levar outros a nosso Senhor.

Paul E. Little
Chicago, Illinois
Março de 1966

Introdução

Cinqüenta e sete gerações já se passaram desde que o maior de todos os evangelistas escreveu: "Não me envergonho do Evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para a salvação".

As "explosões" do século vinte — ciência, liberdade, espaço, comunicação — não tornaram obsoleta esta preocupação de São Paulo. Elas somente tornaram mais urgente a tarefa de comunicar a dinâmica explosiva do Evangelho.

Após anos de experiência como Diretor de Evangelismo da ABU americana, Paul Little oferece-nos um livro sobre evangelismo; livro que revigora, é provocante e está em dia com a nossa época.

É um livro que fala com autoridade. O Sr. Little não escreveu como um estrategista de gabinete. É ele um veterano de muitos combates, na evangelização de pessoas isoladas ou de grupos. Estivemos trabalhando juntos durante a Cruzada de Billy Graham em Nova York, em missões na Universidade, em conferências de ministros e convenções de jovens. Conheço Pau! como homem de reflexões profundas, ousado nas ações e de palavra clara a respeito da missão evangélica.

Embora a maior parte do seu trabalho tenha sido no mundo estudantil, o que Paul Little tem a dizer cativará a atenção de quantos se interessam hoje por evangelização.

Este livro é **bíblico.** Seu autor conhece a sua fé. Ele faz soar com nitidez as notas básicas da mensagem cristã aos ouvidos de uma geração que vagueia em confusão teológica.

É **pertinente** à época atual. O autor conhece o mundo em que vive. Ajuda-nos a entrar em contacto com o nosso próximo neste século vinte, e não com os seus bisavós.

É **prático.** O autor sabe o que é evangelização. Não comete o erro de nos dizer o "por que" omitindo o "como".

É **realístico.** O autor conhece as pessoas. Não trata com santos, super-homens nem com pecadores inalteráveis, mas com verdadeiros crentes que procuram dar o seu testemunho a não-crentes.

É **Cristocêntrico.** O autor conhece o seu Senhor. Mostra-nos que dar testemunho eficiente não é tanto uma questão mecânica, mas procede de um relacionamento genuíno, honesto e intenso com o nosso Salvador vivo.

Emocionado e agradecido, sinto-me honrado em recomendar esta obra como um guia prático para o testemunho evangélico na atualidade.

Leighton Ford
Charlotte, North Carolina
Janeiro de 1966

1. O Fundamento Essencial

ENTÃO, VOCÊ DESEJA COMPARTILHAR SUA FÉ!

Eu também desejava, mas não tinha uma pista que me indicasse o modo de agir sem dar topadas.

E você? Sabe como despertar interesse para com as boas--novas? Sabe como entrar em contacto com as pessoas alheias ao evangelho? Como é que você fala a respeito de Jesus Cristo?

— ao religioso eminente, que se tem na conta de avançado, que zomba da defesa que você faz de um ensino bíblico, e diz: "Mas nós estamos no século vinte, José!"?

— ao colega terceiranista, que está promovendo aquele movimento de ação "esquerdista" na Universidade?

— ao bioquímico que está prestes a fazer surgir "vida" num tubo de ensaio?

— ao homem da rua que poderá achar-se no meio dos 150 milhões de mortos nas primeiras dezoito horas de uma guerra nuclear?

— ao moço farrista, lá embaixo no salão?

— àquele empregado de escritório que acaba de ser substituído no serviço por uma máquina que pensa?

— àquela jovem lá embaixo no salão, que já arranjou tudo quanto queria?

— à dona de casa, presa no subúrbio da cidade, lutando para dar conta dos filhos pequenos e corresponder a uma dúzia de deveres cívicos?

— ao estudante de outro país, cujo talento nos assusta, e que fala quatro ou cinco línguas além da sua?

— à vítima do divórcio ou de um lar desfeito, que não mais confia em ninguém?

— aos que estão mais perto de você: sua família, seu colega de quarto, seu vizinho?

É fácil citar o texto "De tal maneira Deus amou ao mundo..." mas qual o seu sentido? Que pode você dizer que tenha sentido para essa gente na sua vida do dia-a-dia?

O Realismo é Essencial

Precisamos ser realistas. Os tempos estão mudando mais depressa do que nunca na história. Conquanto Jesus Cristo seja o mesmo, ontem, hoje e eternamente, é a constante mudança o que caracteriza tudo o mais na vida, inclusive você e eu.

Crescemos brincando de "cow-boys" e índios, de policiais e bandidos, com bonecas de papel ou ainda "de mercearia". Quando não se prende ao lado de um televisor, a criança de hoje, consciente da exploração espacial, prefere o jargão do moderno lançamento de foguetes — "cinco, quatro, três, dois, um, zero — fogo!"

Meios melhorados de comunicação fazem-nos assistir bem de perto a qualquer acontecimento importante, em qualquer parte do mundo. Transportes rápidos anulam distâncias e espaço. Temos comunicação via satélite; em breve teremos jatos de 1200 milhas por hora e vôos de oito horas e meia de Tóquio a Londres. Daqui a cinco anos tudo isto já estará obsoleto.

Revolução — o povo resolvendo por si mesmo agir para alcançar as mudanças políticas, econômicas ou sociais pelas quais suspira — é a característica da vida de alguns países em cada continente. Mais de cinqüenta novas nações surgiram desde 1945.

Mas, ao passo que os homens se vão firmando mais nas suas esperanças de moldar e conquistar o universo, o futuro da civilização parece cada vez menos certo. A expressão das crian-

ças "Quando eu crescer, vou ser. . ." não tem mais aquele tom de graça. Muitos líderes mundiais e correspondentes de notícias participam igualmente desse pessimismo. Quando, no final de um sumário dos fatos do ano, a rede de TV CBS perguntou a Alexander Kendrick, de Londres, o que ele podia prever — um mundo de paz e amor, ou um mundo caótico — ele honestamente reconheceu o que outros vacilam em admitir: "Com a proliferação das armas nucleares não julgo que vamos conseguir".

Se o conseguíssemos, para onde iríamos? A tendência moderna é cada vez mais para a ciência e o "cientificismo". Esta ênfase sobre ciência tem aumentado e vem-se expandindo ultimamente. Noventa por cento de todos os cientistas que este mundo já viu estão vivos hoje. Não é de se admirar que muita gente se volte para eles e para o seu cabedal de conhecimentos e lhes preste culto: tecnologia é a nova religião do mundo. Mas o que nos deve preocupar é que a maior parte da humanidade civilizada não reconhece nenhuma outra fonte possível de verdade suprema, definitiva e nenhuma outra fonte de salvação.

Salvação? De quê? Perdição e desespero caracterizam nossa época. A literatura moderna, por exemplo, as obras *Náusea* e *Nenhuma Saída,* de Jean Paul Sartre, e o que mais existe de filosofia existencialista, dão uma impressão de vazio, de falta de sentido prevalecente no mundo de hoje. A popularidade fenomenal de livros recentes, como *Franny and Zooney* e *Catcher in the Rye,* da autoria de J. D. Salinger, reflete a frustração generalizada daqueles que, ansiando por uma "realidade espiritual", vêem-se iludidos. Pouco antes de sua morte, o Dr. Karl Gustav Jung comentava: "A neurose central de nosso tempo é o vazio, a solidão". A época da satisfação-própria e da estabilidade, da confiança de que o que se constrói hoje perdura para os nossos filhos, essa época já era.

Nas universidades faz-se repetidamente a mesma indagação. Muitos estudantes anseiam encontrar algum sentido para a vida. Sabem que não têm a resposta, mas suspiram ardentemente por descobri-la. Num livro recente, ***What College Students Think*** (Em Que Pensam os Universitários) vários sociólogos mostram, com dados estatísticos, que os estudantes, em grande maioria, sentem uma necessidade profunda de alguma fé religiosa que lhes dê direção à vida.

Estudantes, doutores em filosofia, donas de casa, médicos, estadistas, os seus e os meus vizinhos estão sentindo um vácuo em suas vidas, vácuo que somente Jesus Cristo pode preencher. Se somos crentes, que conhecemos a resposta à necessidade deles, estamos em face de uma vibrante oportunidade de ação. Ou pode ser que nos vejamos diante de uma situação aterrorizante, porque as pessoas, às dúzias, rejeitam a toda hora a resposta cristã. Como podemos mostrar aos outros que são as boas-novas, por nós proclamadas, a solução justa e adequada dos seus problemas? Em que terreno podemos, você e eu, firmar-nos para entrar em contacto com aquele estudante de outro país, com o religioso culto, com o colega de quarto, e esperar sermos ouvidos e aceitos?

Nossos contemporâneos não-crentes procuram alguma coisa ***real.*** O que lhes oferecemos deve ser bastante autêntico, que possa passar por uma verificação cuidadosa e completa. Cansados com soluções falsas, ainda mais fartos estão de impostores. Não se deixam lograr pelas pessoas piedosas, cuja religião é apenas superficial. Nem se deixam atrair por ingênuos e bem intencionados pensadores, que não se dispõem a enfrentar as duras realidades da vida. Apresentando a resposta cristã, temos que demonstrar sua relevância como solução realística em situações específicas. Só existe um meio de fazer isto: sermos realistas em torno do Cristianismo e de nós mesmos.

O Cristianismo é Realista

Sim, o Cristianismo é realista. Não é assim espiritual e transcendental ao ponto de negar a existência da matéria e afirmar que toda realidade está na mente (como fazem muitas filosofias populares, idealistas, do Oriente). Mas, assim como afirma a existência das coisas materiais, o ponto de vista cristão do mundo alcança, mais além delas, as coisas espirituais, a realidade suprema e definitiva.

Nosso Senhor visava o ponto crucial desta questão de realidade quando falou aos cinco mil que alimentara com cinco pães e dois peixes. Impressionados ao extremo pelo poder deste ato milagroso, quiseram fazer dEle o seu líder. Nosso Senhor, entretanto, como sempre fazia quando pessoas O seguiam por um motivo errado, afastou-se deles. No dia seguinte o povo ainda O procurou avidamente, descobrindo-O afinal em Cafarnaum. E logo indagaram: "Mestre, quando chegaste aqui?". Jesus, porém, lhes respondeu: "Em verdade, em verdade vos digo: Vós me procurais não porque vistes sinais, mas porque comestes dos pães e vos saciastes. Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que subsiste para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; porque Deus, o Pai, o confirmou com o seu selo" (João 6:25-27).

Nosso Senhor reconhece que o alimento material é real. A matéria é coisa real. O mundo de cidades e ruas, rochedos e árvores e gente existe de fato. Mas o que Ele põe em relevo é uma realidade espiritual que é de maior e supremo valor; transcende a realidade material e a ela sobrevive. Ele nos instrui a sermos crentes realistas, perseguindo o que é eterno e impedindo que as coisas perecíveis nos dominem. Concentrando-nos nas coisas de importância maior, o que é menos importante coloca-se na sua perspectiva própria. Isto não quer dizer, no entanto, que tudo quanto é "material" fica excluído de cogitação.

O Exemplo de Cristo

Quando aqui no mundo, nosso Senhor lançou mão de verdadeira comida para alimentar uma multidão, por saber que aquela gente estava faminta. Seguindo o Seu exemplo, uma de nossas primeiras e óbvias providências é conhecer as condições dos que nos cercam — se têm fome, se estão cansados, entediados, solitários, maltratados, rejeitados. Precisamos entender o que pensam e como pensam, como se sentem, o que anseiam fazer e ser. O que conhecermos acerca de outras pessoas terá aspectos tanto individuais como coletivos, mas em qualquer caso precisamos conhecer algo sobre **esta** geração.

Todos temos encontrado crentes cujo ministério evangelístico foi seriamente embaraçado porque não puderam fazer que sua mensagem atingisse o alvo. Devem ter pensado que ainda viviam em 1925, e que os seus ouvintes também estavam por lá. Pelo menos era desse modo que apresentavam sua mensagem. Seus ouvintes, como era natural, não reagiam favoravelmente. Os auditórios de hoje deixam-se influenciar por insinuações hodiernas, as que obviamente condizem com a década presente. Querem saber como as verdades do evangelho são aplicáveis, hoje.

Realismo: Uma Responsabilidade Cristã

Aí está a razão por que, como crentes, precisamos viver no mundo de hoje. Temos uma responsabilidade espiritual — a de estarmos informados. De que modo você está em dia com o mundo atual e com os assuntos nacionais? Muitos universitários têm-se destacado pelo seu desinteresse e apatia por tais coisas. Em muitas universidades menos de 10% dos estudantes assinam alguma revista noticiosa. Manter-se inteligentemente informado sobre os últimos acontecimentos, o evoluir dos fatos e as crises que agitam o mundo inteiro, é um dos meios de demonstrar às pessoas de nossas relações que os crentes *estão* realisticamente

atentos aos negócios desta vida. À medida que os nossos amigos não-crentes percebem que não vamos somente por aí andando com a cabeça nas nuvens, desapercebidos do que se passa aqui embaixo, mais se inclinam a confiar em nós. Por outro lado, tendem a perder confiança em todos os crentes quando encontram alguns que invariavelmente não estão a par dos fatos e vivem despreocupados.

Alguns de nós, naturalmente, podem estar tão absorvidos no mundo em geral que ignoram o aspecto individual, isto é, pessoas em particular, É então que enfrentamos o problema daquele indivíduo que escreveu:

Amar ao mundo não é tarefa para mim, meu grande problema é o vizinho ao lado.

Precisamos entrar em contacto com o mundo na base de homem-para-homem e mulher-para-mulher. Algumas vezes a leitura pode esclarecer-nos o que se passa no íntimo das pessoas assim como ao seu derredor. Um longo artigo da revista *Time* sobre culpa e ansiedade (31 de março de 1961), por exemplo, ajudou muitos de nós a sentir o efeito pressurizante, competitivo, da vida de corre-corre numa metrópole moderna. Todavia, comumente é a nossa ingerência na vida dos outros, como indivíduos, que aprofunda a nossa compreensão sobre eles com o máximo resultado. Apresentando nosso testemunho a uma pessoa, ainda que seja mera apresentação de conhecimentos intelectuais, ela se transformará em comunicação de coração-a-coração.

Nunca me esquecerei de um crente japonês, um juiz que conversava comigo no refeitório da Universidade de Harvard há algum tempo atrás. Falando como crente, disse: "Gostaria que vocês, crentes ocidentais, pudessem ver que nós, orientais, que temos passado pelos reveses da guerra, fome, sofrimento, perturbações políticas e perda de pessoas queridas, trazemos uma profunda mágoa no coração". E continuou: "Sei que em

sua essência o evangelho é a mensagem do amor de Deus, e que embora tenha implicações sociais, tem por alvo primordial satisfazer à necessidade espiritual humana da redenção; mas seria muito importante se apenas pudéssemos *saber que vocês sabem* que nós trazemos esta mágoa no coração".

Milhões pelo mundo a fora, no Ocidente como no Oriente, levam em si uma profunda mágoa. Sua reação a nós e às boas-novas que anunciamos depende muito do fato de pensarem que nós realmente os compreendemos e deles nos importamos. Um velho provérbio dos índios americanos fala-nos diretamente a este respeito: "Uma pessoa não deve dizer nada a outra até que tenha andado com os sapatos dela". Reconhece-se que isto nem sempre é possível ou aconselhável efetivamente, mas em espírito, pelo menos, precisamos sentar-nos onde os outros se sentam e andar por onde andam. Quando pudermos expressar a eles seus pensamentos e sentimentos com palavras nossas, começarão a confiar em nós, por saberem que nós sabemos, e então aumentará a disposição deles de debaterem conosco assuntos espirituais. Não deve ser surpresa para nós que os homens que Deus tem usado através dos séculos em grande parte não apenas conhecem bem as suas Bíblias, mas também conhecem bem os homens. E amando a ambos, tornaram a Palavra relevante para o homem.

O Que os Crentes Oferecem ao Mundo?

Até aqui temos encarado o nosso mundo atual e considerado as necessidades individuais dos seres humanos. Temos visto como é imperativo que conheçamos e compreendamos alguma coisa sobre esses dois pontos. Mas, se vamos ser crentes realistas, temos de encarar também com maior seriedade a dimensão espiritual, a nossa própria dimensão espiritual. Que temos a oferecer? Não faz muito tempo certa moça não-crente foi à igreja com um amigo meu, na Costa Ocidental. Na reunião de jovens e no culto vespertino,

em seguida, conheceu vários membros da igreja e com eles falou. Voltando para casa, depois, meu amigo perguntou-lhe com naturalidade: "Que você achou?" Ela respondeu francamente, mas no tom de quem tudo observou: "Há algumas pessoas que dão para a *coisa*, e outras não". Na qualidade de não-crente, procurando encontrar essa "coisa" intangível, a diferença era óbvia para ela. Os não-crentes examinam atentamente a igreja e os seus membros de *per si*, para ver se de fato eles encontraram na vida uma dimensão eterna. Uma profissão de fé superficial não os convencerá; as pessoas estão à procura do fato real — a fé genuína, viva. Nem sempre, no entanto, a encontram, e não por serem cegos espiritualmente. Algumas vezes é porque ela não existe mesmo.

1. Fé Ambiente

O problema da simples "fé ambiente" está infestando como praga a Igreja de Jesus Cristo. Emprego esta expressão para descrever a vida espiritual que em grande parte é o reflexo do meio em que se vive: aos domingos sempre vamos à Escola Bíblica e aos cultos, onde ouvimos a exposição da Palavra de Deus. Durante a semana assistimos a reuniões de oração e delas participamos. Grande parte de nosso tempo gastamos com amigos crentes; falamos a linguagem deles. Mas resume-se nisto só a nossa vida cristã. Nada sabemos do que seja uma comunicação direta, pessoal, entre nós e o Deus vivo. Julgamos que uma misteriosa espécie de osmose nos torna "espirituais". O resultado? Quando os não-crentes olham para nós, vêem que refletimos o ambiente que freqüentamos (do qual eles não participam) e nada mais além disso. E isto não os impressiona. Eles não andam atrás de ambiente. Procuram fé viva.

Se saímos de nossa zona de segurança — indo à Faculdade, por exemplo — podemos tomar um choque. De súbito nos vemos diante da pequena superficialidade de nossa experiência cristã. Em universidades seculares tenho muitas

vezes encontrado estudantes cujo ambiente cristão de sua intimidade, de casa ou da igreja (e talvez da escola) desaparecem. Entre eles, os que nunca aprenderam a viver cada dia com Jesus Cristo, numa relação pessoal, vertical, logo viram sua fé de segunda-mão desintegrar-se. Para evitar que nos deixemos arrastar inconscientemente para uma confiança assim em ambiente (fé em base horizontal), precisamos com freqüência perguntar-nos: "Existe algo em minha vida que só se explica por causa de Deus? Ou devo tudo aos meus antecedentes, ao que me rodeia, a condições presentes? Que acontecerá se, daqui a uma semana, meu ambiente ficar de todo mudado?"

2. "Acomodação" ao Cristianismo

Além de evitar a fé tipo ambiente em nós, precisamos precaver-nos da atitude não raro inconsciente de nos "acomodarmos" ao Cristianismo. Esta tendência nociva progride facilmente, de modo especial em lares evangélicos. Recentemente meus próprios filhos pequenos impressionaram-me de novo com este problema. O Paulinho passa pela casa pulando e cantando: "Sou feliz, feliz, feliz, feliz todo o dia porque Jesus é meu amigo". Sei que ele é feliz quase sempre, especialmente se não está de castigo. Gosto também de pensar que Jesus é seu amigo. Mas estes versos, como outros tantos hinos religiosos que começamos a ensinar aos nossos filhos pequeninos, logo que eles aprendem a falar, expressam verdades de experiência pessoal, que meu filho ainda não experimentou. Ele provavelmente não sabe de fato o que canta — ele é muito jovem; mas nem o sabemos nós muitas vezes.

Já se observou, sabiamente penso eu, que hinos e corinhos com freqüência nos levam a proferir mentiras. Cantamos as gloriosas experiências cristãs, como se fossem propriamente nossas. Muitas vezes, porém, não o são, e assim a tendência cada vez maior é a de aceitarmos, como coisa normal,

uma experiência que não é real em nós. Não percebemos que de fato estamos vivendo uma mentira. Assim, também, proferimos inverdades quando cantamos um hino de entrega pessoal a Deus, entrega de nossas vidas que não nos dispomos a fazer. Se não tivermos cuidado, o cabedal que herdamos de hinos evangélicos pode levar-nos a substituir "uma coisa real" por uma ficção.

3. Acreditar nos FATOS não Basta

Há outro substitutivo que alguns de nós podem inconscientemente aceitar. Trata-se da mera crença nos *fatos* acerca de Jesus Cristo, em vez de um relacionamento dinâmico com a Pessoa que encarna tais fatos. Já encontrei muitos universitários que me afirmavam honestamente: "Creio tudo acerca de Cristo", mas tinham que acrescentar: "Isto no entanto nada significa para mim. Minha fé é tal como um refrigerante que perdeu toda a sua efervescência". Por que haverá de ser a vida de um crente semelhante a um purê de batatas frio? Por que haverá de ser insípida e incômoda? Não deve ser assim, mas para alguns de nós ela é.

Será que esquecemos de que tornar-se e ser crente envolve mais do que alguma *coisa* em que *acreditar?* Há além disso *alguém* a *receber* e continuar recebendo; alguém com quem viver, e a quem corresponder. Dar assentimento mental a uma lista de proposições acerca de Jesus Cristo não eqüivale a ser crente e conhecê-Lo pessoalmente. Ser crente requer uma entrega pessoal e permanente a um Senhor vivo. Essa entrega depende de um relacionamento de amor e obediência — como o relacionamento do casamento (a ilustração que o N.T. faz do nosso relacionamento com Cristo). Sorrimos para o solteirão que diz: "Pois não, acredito no casamento. É assunto a que me dedico sempre. Veja só todos os livros que já li a respeito. Estou por dentro desta questão. Além disso, já assisti a muitas cerimônias de casamento. Há, porém, uma coisa engraçada —

não posso absolutamente compreendê-lo: o casamento nada significa para mim". Mas enquanto sorrimos, alguns de nós fazem exatamente o mesmo. Apesar de sabermos tudo *acerca* de Jesus Cristo, não conhecemos ao Senhor, a Ele propriamente. Talvez nunca tenhamos feito a grande pergunta, nunca O convidamos pessoalmente para o recesso de nossas vidas, para ser o nosso Senhor e Salvador vivo. Ou talvez algumas vezes tenhamos sido tentados a pedir-Lhe que seja menos do que Senhor, não exigindo de nós contínua e decidida obediência.

Algumas das palavras mais solenes de nosso Senhor acham--se registradas em Mateus 7:21, onde Ele adverte seus discípulos: "Nem todo o que me diz: 'Senhor, Senhor', entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus". Entrar no reino não é questão de usar vocabulário correto ou de agir com propriedade; salvação não se ganha em troca de obediência. Antes a obediência é que é resultado da salvação; é a evidência da experiência do novo nascimento, transformadora de nossa vida — nascimento para uma vida de entrega voluntária a Jesus como Senhor. João assegurou aos seus irmãos crentes: "sabemos que O temos conhecido por isto: se guardarmos os seus mandamentos" (I João 2:3) e toda a epístola de Tiago é uma ampliação do que aí se afirma.

A fé, por sua própria natureza, demanda ação. A fé é ação — jamais uma atitude passiva. Por exemplo, se um homem entrasse, aos tropeções, no seu quarto e lhe informasse que o prédio seria dinamitado dentro de cinco minutos, você poderia levá-lo imediatamente até à porta, dizendo que acredita nele. Mas, se você, cinco minutos depois, ainda permanecesse no prédio, ele concluiria que você não acreditou no seu aviso. De igual modo, posso declarar que acredito ser Jesus Cristo o Salvador do mundo e que o pleno sentido da vida só se pode saber mediante Ele, e que a não ser por Ele todas as pessoas estão sob a condenação eterna de Deus. Mas, se prossigo na

minha alegre vida, vivendo sob o padrão da própria consciência e da conveniência pessoal, é claro que não dou muito crédito àquelas declarações. Não creio nelas no sentido bíblico.

Se de fato cremos na mensagem evangélica e conhecemos Jesus Cristo, Senhor, neste caso os não-crentes verão uma fé e um compromisso adequados em nosso viver cotidiano. Por toda a Bíblia é possível ver a fé em Deus revelar-se através dos atos e decisões do dia-a-dia de certos homens. José literalmente deixou suas vestes nas mãos da mulher de Potifar, a fim de evitar imoralidade. Moisés abandonou os prazeres e privilégios de um filho de Faraó para se identificar com o povo sofredor de Deus. Elias desafiou ousadamente os profetas de Baal para uma prova de sacrifício, dizendo: "O Deus que responder com fogo, esse é que é Deus". A seguir, com aparente calma, passou a despejar cântaros d'água no seu sacrifício. Sabia que o seu Deus vivo e poderoso responderia, e respondeu mesmo. Açoitados e presos, Paulo e Silas cantaram hinos de louvor ao seu Deus à meia-noite. Não foram, nos casos acima, simplesmente expressões piedosas, mas confissões e atos de fé na trama da vida diária.

A afirmação que fazemos de conhecer Jesus Cristo produz diferença em nossa vida cotidiana — no uso que fazemos do tempo, do dinheiro, da força — influi na classificação que fazemos dos valores? Que acontece de segunda a sábado? Que dizer de nossa maneira de estudar e dos motivos que nos levam a isso? A fé que dizemos ter influi em nosso relacionamento com os membros do sexo oposto, de modo que, recusando-nos satisfação-própria e explorações, respeitamos a integridade de cada pessoa e repelimos qualquer intimidade que nos possa trazer dor ou aflição? Outrossim, que acontece quando experimentamos sofrimento, luto, elogio, desapontamento? Quando a situação é precária, vêem os não-crentes em nós uma atitude para com a vida que eles gostariam de ter, ou ao contrário ficam mais propensos a dizer com seus

botões (como de fato *com razão* muitos dizem): "Já tenho muitos problemas comigo; não me importune com os seus!"? Finalmente, o conhecimento que temos de Jesus Cristo influi em nosso futuro — na escolha de um curso, ou de uma carreira, um curso pós-universitário, uma esposa, um emprego?

4. Como é que Você Trata a Deus?

As respostas a perguntas como estas ajudam a avaliar a autenticidade de nossa experiência pessoal com Jesus Cristo, mas revelam apenas uma parte da situação. Que dizer do próprio Deus em Si? Pensamos nEle e O tratamos de fato como uma Pessoa que vive? Temos aquela fome e sede interior que nos compele dia após dia a afastar-nos para — a sós com Ele — estudar Sua Palavra e com Ele falar em oração? Muitos de nós cantam "Bendita Hora de Oração" e fogem dela o quanto podem. Estamos sendo honestos conosco mesmos? Quando foi a última vez que tivemos encontro com o Senhor — nós a sós com Ele — foi hoje de manhã, ou foi na semana passada, há um mês atrás, há um ano atrás, ou nunca?

Os não-crentes querem primeiro notar a realidade da genuína experiência cristã em nossas vidas. *Depois* serão atraídos por nossas palavras a respeito de Jesus Cristo e sobre o que significa conhecê-Lo pessoalmente. Após falar a um grupo, muitas vezes estudantes abordam-me com perguntas pessoais: "Como é que isso funciona?" "Como posso ter o tipo de vida de que você tem falado?" "Haverá alguma esperança para *mim?"* É sempre um privilégio sentar e explicar como podemos pessoalmente alcançar perdão, purificação e poder no Senhor Jesus Cristo e mediante Ele.

Seja Honesto Consigo Mesmo

Cada um de nós chegou a ler este capítulo até aqui com atitudes diferentes, diferentes reações e diferentes conclusões a respeito de si próprio. Alguns de nós estão convencidos de que

a nossa fé no Senhor Jesus Cristo é genuína, mas querem que ela se aprofunde e aumente na proporção em que passamos cada vez mais percebê-Lo e senti-Lo em nós. Outros se lembram que a sua fé costumava parecer mais importante do que parece agora. Talvez comecemos a perceber, arrepiados, que a nossa fé nunca passou de assentimento mental aos fatos concernentes a Jesus Cristo e de consideração social aos nossos colegas crentes; todos estes anos passados lidamos com informações a respeito de Jesus, porém sem interesse nEle pessoalmente. Sejamos francos, pode ser até que tenhamos duvidado ser possível possuir essa coisa chamada fé genuína ou entrar num relacionamento pessoal com Jesus Cristo.

Qualquer que seja a situação de cada um de nós individualmente, pelo menos sejamos honestos conosco mesmos e não andemos com uma fachada para impressionar os outros. Na presença de Deus cada um de nós pode perguntar a si próprio se tem fé genuína, fé que de fato tenha sentido dia após dia. Se pudermos responder "sim" convictamente, agradeçamos a Deus uma vez mais a Sua bondade e Sua graça, e peçamos-Lhe que aprofunde e aumente nossa fé em cada experiência da vida. Aqueles de nós que não têm certeza de ser afirmativa a resposta, ou que sabem ser ela negativa, podem chegar-se a Ele como estiverem, para Lhe dizer que precisam conhecê-Lo e ter fé nEle e que estão preparados a se entregar inteiramente nas Suas mãos.

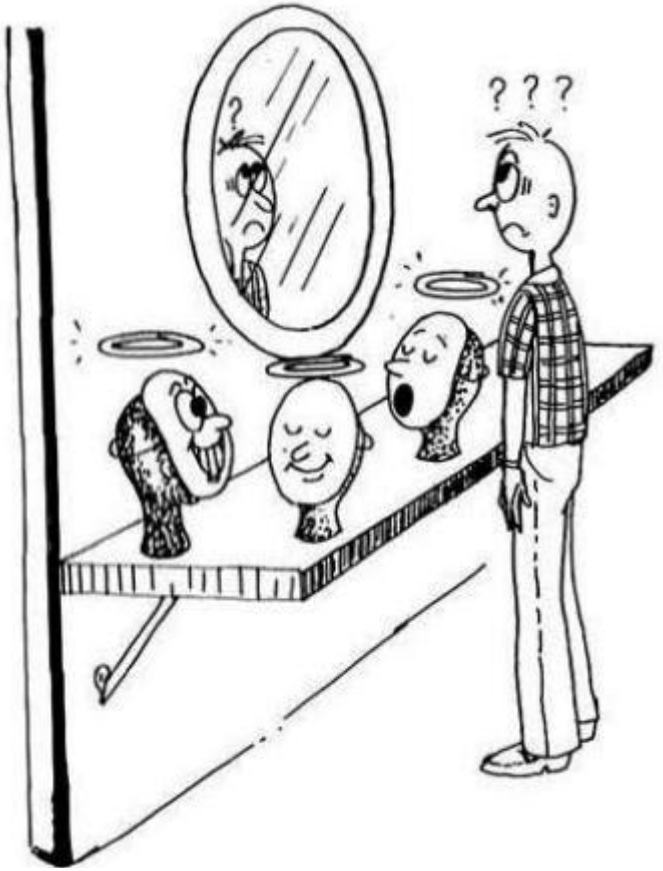
Entrega total e irrevogável a Jesus Cristo, entrega que se renova todos os dias, é requisito prévio para um relacionamento vital com o Senhor. Se começarmos a resistir a Ele, dEle discordando em alguma área da vida, ou nos rebelando contra a Sua vontade (mesmo em algum "diminuto" detalhe), nossa vitalidade espiritual sofre. Um curto-circuito espiritual interrompe as comunicações. Dizemos que estamos dispostos a dar testemunho do Senhor na universidade: "Mas, por favor, Senhor, não me peças que eu ajude ao José; posso ajudar a

outro qualquer, a ele não". Ou, com um jovem estudante de medicina, oferecemo-nos como voluntário para servi-lO no estrangeiro: "Mas, Senhor, não me faças partir para a África. Para lá não dá para eu ir!"

Como somos inclinados a pensar que nos cabe escolher *entre* a vontade de Deus e nosso próprio bem-estar, nossa felicidade, como se Deus nos quisesse infelizes e angustiados! Nosso Pai celeste nos ama; Jesus Cristo morreu por nós; o Espírito Santo que em nós habita foi o que Ele nos prometeu. Certamente este Deus Triúno não está cuidando de transformar de súbito a nossa vida. Venhamos a Ele como estamos, quaisquer que sejam as circunstâncias, e pecamos ao Senhor Jesus Cristo (pela centésima vez, ou mesmo pela primeira) que more em nós como Senhor e Salvador, e que preencha a nossa vida de experiências autenticamente cristãs.

Se nos achegarmos a Ele sem reservas, Ele passará a viver em nós e nos capacitará para testemunhar dEle fielmente. Quando Ele como Senhor dominar todas as áreas de nossa vida, achá-lO-emos importante em cada aspecto, até mesmo quando não tivermos plena consciência de Sua presença. E na medida em que procurarmos transmitir aos outros a mensagem de salvação, pessoalmente significativa para nós, Ele nos levará a ter um crescente conhecimento e compreensão das pessoas e do mundo em que vivem (que é também nosso, e dEle), de sorte que o Seu evangelho seja entregue com amor e convenientemente — realisticamente — àqueles por quem Ele morreu.

LEMBRE-SE: *Para compartilharmos nossa fé eficientemente, precisamos ser realistas — autênticos no conhecimento das pessoas do mundo de hoje e autênticos em nossa entrega total a Jesus Cristo.*



Para impostores ou eremitas não há vez.

2. Como Dar Testemunho

QUE queremos dizer com "dar testemunho"? Proferir uma porção de textos bíblicos a uma pessoa não-crente? Não é isto. "Dar testemunho" envolve tudo quanto somos e, por conseguinte, o que fazemos; vai muito além do que dizemos em certos momentos de inspiração. De modo que a pergunta não é *daremos* testemunho (falaremos). Mas é *como* vamos testemunhar? Quando confiamos em Jesus Cristo como Senhor e Salvador, Ele nos capacita a viver e falar como fiéis testemunhas.

Não raro, entretanto, presumimos ingenuamente que uma vez que passamos a relacionar-nos vitalmente com o Senhor, todos os nossos problemas de testemunho desaparecerão. Presumindo isto, subestimamos esses problemas. Uma fé genuína e pessoal no Senhor, e conhecimento dEle são pré-requisitos incondicionais, porque Jesus Cristo é a vida e a substância do nosso testemunho evangélico. Somente Ele pode dinamicamente motivar-nos, constrangendo-nos a dividir o Seu amor com outras pessoas. Todavia, outros fatores também precisam estar presentes para que sejamos testemunhas inteligentes e eficientes.

Falando a centenas de estudantes crentes no país inteiro, tenho descoberto alguns problemas comuns, que também tive ao me pôr em contacto com outras pessoas. A dificuldade costuma reduzir-se ao seguinte: quando acontece de conversarmos com alguém sobre o evangelho, ficamos embaraçados e desajeitados. Muitos de nós não sabem mesmo como abordar as pessoas; apesar de falarem apaixonadamente, ainda esperam o grande amanhã que nunca chega. São como o

treinador que anima seu time no vestiário do campo: "Aqui somos invictos, ninguém nos segura, nenhum ponto marcado há contra nós. . . e assim estamos prontos para nossa primeira peleja!" Nunca arriscamos estragar nossa folha-corrida dispondo-nos a enfrentar o adversário. E nossa folha-corrida continuará sendo um papel em branco, enquanto continuarmos evitando os necessários contactos.

Tentativas Inábeis no Testemunho

Talvez alguns de nós, pressionados por amigos crentes bem intencionados e por numerosas exortações para que testemunhemos, tenham feito pelo menos uma tentativa desajeitada de falar em prol do Senhor; mas saem-se desencorajados como elefantes sobre o gelo! Uma experiência mutuamente traumática começou quando desajeitadamente abordamos nosso confiado ouvinte. Agredida rudemente por nós, a vítima tomou nota mentalmente para desviar-se de nós no futuro (ou pelo menos correr quando tocamos em religião). Quanto a nós outros, arrastamo-nos em retirada murmurando: "Não o quero ver mais em tempo algum". E assim nos fomos afastando de nosso efêmero ministério de testemunho pessoal e arranjamos um lugar nos bastidores. Oferecemo-nos como voluntários: "Vou preencher envelopes e lamber selos. E se ainda quiserem, posso até afixar cartazes e passar hinários de mão em mão. Mas outro qualquer que fale às pessoas sobre Jesus Cristo — como, por exemplo, o Luís que tem o dom de tagarelar". A maioria de nós, que conhece o Senhor, não sabe movimentar-se no mundo que é Seu; ao invés disso tem-se afastado dele. Desta sorte, enquanto 98% de nós recuam e deixam que os profissionais e os que têm "dom" façam o trabalho, o evangelho continua sendo pouco conhecido e menos ainda crido.

Quando os Crentes Recuam

Com o nosso recuo privamos muitas pessoas de sua única oportunidade de ouvir o evangelho. Também nos sufocamos espiritualmente, por negarmos a nós a experiência de vermos pessoas nascerem realmente na família de Deus. Quando não vemos evidência nenhuma do seu poder redentor, o evangelho começa a parecer-nos menos real. Se repetidamente ouvimos o que Cristo afirma de Si e o que promete, mas nunca observamos qualquer impacto, nenhuma reação positiva, nenhuma vida transformada como resultado dessas afirmações e promessas, inevitavelmente começamos a estranhar (no íntimo de nossos corações, a princípio, porque não ousaríamos revelar essa estranheza a outros): "É o evangelho, no final de contas, verdade? Tem mesmo poder?" Uma mortalha de irrealidade pode sem demora cair sobre nossa vida espiritual. Nossas orações tornam-se vagas; nosso estudo da Bíblia passa a ser por demais acadêmico — como mercadorias teológicas enlatadas numa prateleira. Volvendo nossas vistas do mundo exterior e concentrando-as em nós mesmos, é possível que cheios de justiça própria fiquemos de olho em nossos colegas crentes, esmiucemos-lhes as vidas, criticando-as e nelas encontrando faltas.

Obediência na Evangelização

A obediência na evangelização é uma das condições de saúde espiritual. Ela é vital para todos os crentes, individual e coletivamente. A evangelização é para a vida cristã o que a água é para as baterias seco-carregadas: são de fabricação recente, estão intactas quando nos chegam às mãos, porém não fornecem energia enquanto não lhes adicionarmos água. Semelhantemente, a evangelização acende uma faísca na vida cristã, fazendo-a inflamar-se. Quando evangelizamos, oramos de modo definido, lançando-nos sobre Deus para alcançarmos vitórias nas lutas espirituais que se travam na alma de uma

pessoa em quem temos interesse. Pedimos a Deus que a ilumine de modo especial, que a leve ao Salvador e a uma vida nova, que use a nós ou qualquer outro meio de Sua escolha para atingi-la. E ficamos à espera que Ele nos responda. Vemos baixar a indiferença ou antagonismo e o interesse tomar vulto. Nesse ínterim a Bíblia torna-se sempre mais viva e importante, ao vermos as pessoas respondendo às suas verdades. Passagens que antes pareciam áridas e sem maior significado, parecem agora práticas e pertinentes. E é de notar que, concentrando-nos em evangelizar, não nos sobra tempo de bisbilhotar a vida de outros crentes, apontando-lhes as faltas. Unindo-nos todos fervorosamente na proclamação da mensagem redentora do Senhor esquecemos fraquezas e irritações mesquinhas e os pecados que mais nos preocupam são os nossos próprios.

Façamos uma revisão rápida. Temos concordado: (1) que um relacionamento genuíno e pessoal com Jesus Cristo como Senhor é um pré-requisito para sermos Suas testemunhas; (2) que o testemunho cristão envolve nossa vida completa; (3) que nosso comprometimento na evangelização é uma vitamina necessária para uma experiência crescente com o Senhor e para uma vida cristã vigorosa. Temos também admitido um problema básico: não raro desconhecemos como apresentar verbalmente nosso testemunho. Mais especificamente, não sabemos como transmitir de maneira atraente o evangelho numa base de pessoa-a-pessoa.

Arcando com o problema, reconhecemos um fato básico: todo crente é um missionário. Qualquer pessoa que haja nascido na família de Deus mediante a fé e a confiança em Jesus Cristo recebe automaticamente a Comissão do Senhor. Paulo informou aos coríntios: "Somos embaixadores em nome de Cristo" (II Cor. 5:20). Para evitar ser mal compreendido ou faltar a seu dever, ele várias vezes reafirmou o fato de que o ministério da reconciliação nos foi concedido. Deus faz os Seus apelos usando-nos como instrumentos. Assumimos o lugar de Cristo

rogando aos homens que se reconciliem com Deus (II Cor. 5:18-20). Que visão deslumbrante, quando a consciência deste fato acaba por se apoderar de nós! Você já alguma vez meditou nisto — que você é Jesus Cristo para uma porção de pessoas? Ninguém mais. *Você* é Jesus Cristo para eles.

Responsabilidade tremenda e infinito privilégio nos são confiados como representantes de Cristo. Para estimular-nos, Pedro lembra que o Senhor nos guia por Seu próprio exemplo (I Pedro 2:21). Devemos "seguir os Seus passos" em todos os aspectos de nossa vida, inclusive no do testemunho.

Sete Princípios de Ação

Da entrevista de nosso Senhor com a mulher samaritana, junto ao poço perto de Sicar, por exemplo, podemos descobrir alguns princípios práticos e básicos para seguir, ao procurarmos representá-lO de um modo realístico e natural. Só sabemos de uma única palestra de nosso Senhor com esta mulher de Samaria (João 4). Por isso, como em outras inúmeras ocasiões, Ele condensou todo o Seu "testemunho" numa simples conversa. Acontece às vezes, especialmente quando viajamos, encontrarmos uma pessoa, a quem nunca mais veremos, e com ela trocarmos idéias. É comum, no entanto, termos repetidos contados com um limitado número de não-crentes — como o nosso companheiro de quarto, um colega de laboratório, um vizinho, um parente, ou colega no trabalho. Embora devamos estar atentos para as oportunidades "únicas", parece que nosso primeiro dever é dar testemunho àquelas pessoas que estamos vendo de contínuo. Contudo, de qualquer modo, vacilamos quase sempre ao se nos deparar uma oportunidade de conversa a respeito do Senhor com as pessoas a quem conhecemos bem. Não admitiríamos fazer nada que fosse ridículo em sua presença — precisamos viver com elas — embora nos arrisquemos a ser mais decisivos com o estranho a quem não tornaremos a ver.

1. Façamos Contactos Socialmente

Agora vejamos como nosso Senhor trabalhou e selecionemos os princípios centrais em que Ele baseou a Sua única entrevista com aquela mulher. Consideremos em particular como podemos aplicar estes princípios num relacionamento amplo com os não-crentes.

Comecemos do começo:

Quando, pois, o Senhor veio a saber que os fariseus tinham ouvido dizer que Ele, Jesus, fazia e batizava mais discípulos que João (se bem que Jesus mesmo não batizava, e, sim, os seus discípulos), deixou a Judéia, retirando-se outra vez para a Galiléia. E era-lhe necessário atravessar a província de Samaria. Chegou, pois, a uma cidade samaritana, chamada Sicar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José. Estava ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, assentara-se Jesus junto à fonte, por volta da hora sexta.

Nisto veio uma mulher samaritana tirar água.

O primeiro princípio é óbvio: temos de entrar socialmente em contacto com os não-crentes. Todavia isto não se faz em muitos círculos evangélicos. Este simples fato explica muito da aparente falta de poder do evangelho no mundo de hoje. Tanto em nossas comunidades evangélicas (igrejas e outras), quanto como indivíduos, muitas vezes não vemos ninguém se chegar a Jesus Cristo, porque nenhum descrente ouve nossa mensagem. O Espírito Santo não pode salvar santos nem bancos vazios. Se não conhecemos nenhum descrente, como podemos levar alguém ao Salvador?

Quando nosso Senhor chamou Simão e André, disse-lhes: "Segui-me e eu vos farei pescadores de homens" (Marcos 1:17). Entre outras coisas Ele estava ensinando que, para se apanhar peixes, é necessário ir aonde eles estão. Um quadro que apresentasse Simão com a sua linha e seu anzol dentro de uma

barrica cheia d'água, seria de fazer pena. E, no entanto, alguns de nós fazemos bem essa figura na evangelização. Promovemos reuniões evangelísticas a que comparecem poucos descrentes ou mesmo nenhum! Peixes em cardumes passam ao largo de nossa barrica. Temos de ir aonde eles estão, se quisermos ter razoáveis auditórios para o evangelho.

Por exemplo, ultimamente, numa série de palestras numa universidade, várias centenas de estudantes compareceram fielmente em cada palestra noturna no auditório da universidade. Foi uma maravilha. Mas alcançamos mil e trezentos estudantes não-crentes, procurando-os nos seus grêmios, nas agremiações estudantis femininas e nos dormitórios. Embora uns poucos desses mil e trezentos pudessem ter sido persuadidos a assistir às palestras, ouviram-nos de boa-vontade e com interesse crescente. E uma quantidade deles tornou-se crente lá mesmo nos seus dormitórios! Damos ainda valor às palestras e ainda vemos a necessidade de se fazer diferentes formas de contacto para ganharmos pessoas para o Reino. Permanece, no entanto, o fato de que quase sempre alcançamos um número significativo quando vamos ao encontro das pessoas onde elas se acham.

Vejamos outra vez a atitude de nosso Senhor, noutro incidente. Os fariseus, orgulhosos aos seus próprios olhos, ficaram contrariados porque Ele se achava entre pessoas pecadoras; "Vejam a espécie de gente com quem Ele fala — e come até!" diziam. "Por que é Ele amigo de publicanos e pecadores!" Ele, porém, lhes respondeu (note a ironia com que lhes falou): "Vocês não compreendem? Eu não vim chamar os justos e, sim, os pecadores ao arrependimento" (Lucas 5:27-32).

Grande parte de nossa dificuldade provém de erroneamente confundirmos separação com isolamento. Uma analogia da medicina vem a propósito. Quando o Departamento de Saúde Pública teme uma epidemia, por exemplo, de escarlatina, trata de isolar os portadores do seu vírus. Se todas

as pessoas com essa doença são postas em quarentena, a moléstia não se propaga. Semelhantemente, um preventivo seguro na propagação do evangelho é isolar seus portadores (os crentes) de qualquer outra pessoa. O inimigo das almas procura fazer exatamente isto, persuadindo--nos a que nos reunamos e evitemos todo contacto desnecessário com os não crentes, a fim de não nos contaminarmos. Com sua lógica demoníaca ele tem convencido muitos crentes. Alguns me contaram, com evidente orgulho, que nenhum não-crente jamais entrou em suas casas. Sentindo-se muito espirituais, gabam-se de não ter nenhum amigo descrente. E depois estranham nunca haverem tido a alegria de encaminhar alguém ao Salvador!

Reexaminando o ensino do Novo Testamento, descobrimos que separar-se do mundo e dele isolar-se não são atitudes equivalentes. Em Sua clássica oração por nós (João 17), o Senhor Jesus deixou isso claro: "Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do maligno" (v. 15). E havendo-nos confiado à proteção do Pai, afastou-se dos Seus seguidores dando-lhes este mandamento: "Ide, pois, e ensinai a todas as nações. . ." porque "... sereis minhas testemunhas... até aos confins da terra" (Mateus 28:19, Atos 1:8).

Nossa presente confusão entre isolamento e separação, entretanto, não é problema de hoje. Notamos que entre os coríntios do primeiro século havia o mesmo equívoco. Paulo explicou-lhes: "Já em carta vos escrevi que não vos associásseis com os impuros; refiro-me com isto não propriamente aos impuros deste mundo, ou aos avarentos, ou roubadores, ou idólatras; pois, neste caso teríeis que sair do mundo. Mas agora vos escrevo que não vos associeis com alguém que, dizendo-se irmão for. . ." (I Coríntios 5:9-11). Os cristãos coríntios precisavam ver, como também nós precisamos, que *afastar-se dos que não conhecem Jesus Cristo é franca desobediência à vontade do Senhor*.

Ao invés de afastar-nos, temos de sair e nos pôr em

comunicação com o mundo. Precisamos descobrir como, praticamente, iniciar e desenvolver amizades com os descrentes e, depois, realística, apropriada e amavelmente explicar-lhes o evangelho de Jesus Cristo. Vejamos pois que possibilidades há para isto.

Ao estudante crente, numa universidade secular, oferecem-se ilimitadas oportunidades. Como regra geral, poderíamos compartilhar com os não-crentes mais tempo e atividades que, via de regra, reservamos para os nossos companheiros crentes (ou mais honestamente, para nosso grupinho evangélico). Fazer compras juntos, assistir a concertos e peças teatrais, assistir a um jogo de bola, fazer refeições em comum, estudar juntos e numerosas outras atividades poderão assim ter uma compensação eterna.

Podemos também fazer parte do grupo coral, do clube de debates, do jornal estudantil, ou de alguma outra organização na universidade que apele ao nosso interesse e capacidade pessoal. Participando da vida universitária, estaremos contribuindo positivamente para ela, ao passo que também vamos naturalmente mantendo contactos com os não-crentes.

Aqueles de nós que moram perto da universidade podem convidar estudantes, a quem conheceram no laboratório ou na sala de leitura, a passar um fim-de-semana em suas casas, preparando assim o terreno para uma amizade significativa.

A freqüência a uma faculdade evangélica apresenta um problema singular, porque é possível haver lá poucos não-crentes. Com iniciativa e esforço, entretanto, podemos fomentar algumas das seguintes possibilidades de um frutífero contacto com não-crentes.

Um clube acadêmico (de literatura, sociologia, filosofia, etc.) poderia convidar a correspondente organização de uma faculdade secular das proximidades, para debaterem juntos algum tema de interesse mútuo. Por meio desta troca de idéias, esclarecedora e estimulante, os crentes poderiam alcançar um

discernimento preciso, de primeira-mão, do pensamento dos não-evangélicos, enquanto estes ouviriam como os crentes encaram alguma questão de importância.

Um encontro informal com uma escola secular, após uma competição esportiva, prove a oportunidade de se conseguir camaradagem com os não-crentes, assim como a de fomentar conhecimentos que posteriormente poderão converter-se em amizades pessoais. Algumas vezes um encontro dos conselhos administrativos estudantis é também possível e de valor.

De igual modo, alguns de nós trabalham parte do tempo, na universidade, ou fora dela. Pode ser o caso de morarmos fora da faculdade. Que tal prestarmos um favor a um vizinho ou colega de trabalho, procurando conhecê-lo e amá-lo para levá-lo ao Senhor Jesus Cristo? Uma saudação casual com um aceno e um sorriso ao passarmos um pelo outro na rua é um bom começo.

Não devemos esquecer os estudantes de outros países, na nossa ou em outras universidades, a maioria dos quais vive isolada. Até os crentes de países estrangeiros muitas vezes se sentem deslocados e perplexos com o nosso viver despreocupado e agitado. Todo amigo procedente de outras terras precisa de companheirismo e compreensão enquanto se adapta ao nosso meio, de modo que, regressando ao seu país, esteja bem preparado (não apenas academicamente, mas como pessoa e como crente) para liderar o seu povo.

Nossa própria vizinhança, para os que moram em casa, é muitas vezes a oportunidade mais negligenciada para um testemunho frutífero. Sendo como é o principal lugar de evangelização, o lar pode tornar-se uma rede de pesca que alimente a Igreja. O não-crente penetrará em nosso lar em média dez vezes mais depressa do que em nossa Igreja.

Mas, como a Escritura diz, quem tem amigos proceda como amigo (Provérbios 18:24). A arte da amizade perdeu-se

para muitos crentes, por sentirem que o seu tempo se desperdiça quando não aplicado a uma atividade especificamente religiosa. Ser amigo pode requerer que se ouça os problemas de nosso próximo ou que se participe com ele de atividades não religiosas, que sejam de interesse mútuo, socialmente. Significa procurar ativamente oportunidades de manifestar amor levando recados, cuidando de crianças e executando qualquer outro serviço secular, mas prático, que demonstre o amor de Cristo.

Reuniões sociais e outras atividades do mesmo gênero não representam necessariamente tempo perdido, mesmo se de imediato não ofereçam oportunidade para alusão direta ao evangelho. Se entregamos nosso tempo ao Senhor, o Espírito Santo em ocasião própria dará naturalmente oportunidades para falarmos sobre o Salvador. Muitos que se aproximaram assim informalmente têm participado prazerosamente de um grupo local de estudo bíblico. Mediante tais estudos bíblicos e as conversas deles decorrentes muitos chegaram a conhecer Jesus Cristo, passando a fazer parte de sua Igreja.(*)

Há várias coisas a considerar na concretização destas idéias. Por exemplo, não podemos impor nosso modo de proceder aos não-crentes, mesmo no caso de sermos seus hospedeiros. Mera cortesia pode sugerir que alguém adquira uns poucos cinzeiros para a União de Estudantes e que obtenhamos um para a nossa própria sala (no caso de não haver proibição de fumar por parte dos regulamentos de precaução contra incêndio). Às vezes, irrefletidamente, censuramos um não-crente por causa de uma questão secundária como esta, e isto com freqüência provoca um ressentimento contra todos os crentes, e uma vez engrossada sua couraça de autodefesa é mais difícil furá-la do que um muro de concreto. Mostrando-se cortês a um fumante, não significa que você aprova o uso de cigarros! Visto como amizade é coisa que se desenvolve numa relação de dar-e-receber, precisamos igualmente dispor-nos a ser hóspedes de um amigo não-crente que deseja pagar-nos o convite. A arte

de ser hóspede agradável, sem comprometimento com a sociedade não-evangélica, é um assunto sério, pelo que voltaremos a tratar disto no Capítulo Três.

Vamos repetir este primeiro princípio do testemunho — mantenha-se em contacto com os não-crentes. Cada um de nós deve perguntar a si mesmo: "Por quem estou orando diariamente, mencionando-lhe o nome, pedindo a Deus que pelo Seu Espírito Santo lhe abra os olhos, o ilumine, dobre-lhe a vontade até que receba a Jesus Cristo como Senhor e Salvador? Haverá uma pessoa a quem procuro oportunidades para mostrar o amor de Cristo? Estou disposto a tomar nova iniciativa de lhe transmitir o evangelho, logo que o Espírito apresente a oportunidade?" Se descobrirmos falta do indispensável contacto com não-crentes, podemos simplesmente rogar a Deus que nos mostre uma pessoa a quem Ele quer que ajudemos, por quem oremos, a quem amemos e por fim tragamos ao Salvador, e Ele nos mostrará essa pessoa. "Erguei os vossos olhos **e** vede. . .", diz Ele (João 4:35).

(*) Quem desejar informação sobre material de estudo bíblico em disponibilidade escreva para a Aliança Bíblica Universitária do Brasil, Caixa Postal 30505 — São Paulo.

2. Firmemos um Interesse Comum

Podemos então aplicar o segundo princípio: firmemos um interesse comum que sirva de comunicação. Vejamos outra vez a passagem:

Nisto veio uma mulher samaritana tirar água. Disse-lhe Jesus: Dá-me de beber. Pois seus discípulos tinham ido à cidade para comprar alimentos.

Nós, crentes, achamos tolice alguma coisa demandar muito preparo preliminar. Gostamos de omitir os pontos "não-essenciais" e ir direto ao âmago da questão. Prelúdios são um desperdício de tempo, assim pensamos. Se fôssemos nosso Senhor, provavelmente teríamos proferido abruptamente —

"Minha senhora, sabe quem eu sou?" Nosso Senhor não a abordou desta forma. Nesse incidente Ele começou referindo-se a algo em que ela estava obviamente interessada (Ela viera tirar água). Pouco a pouco Ele desviou a conversa, partindo deste interesse conhecido para uma realidade espiritual de que ela nada sabia. A maioria das pessoas aborrecem-se quando se vêem presas numa conversa sem fim por alguém que se intromete e passa a expor com minúcias seu assunto, sem se dar ao trabalho de ver se o ouvinte está interessado nisso ou não. Aborrecemo-nos nós também. Faz-nos duvidar se o que fala nos dá alguma importância, ou se apenas quer ouvir repetido seu arrazoado.

Gostaria de ter aprendido mais cedo esta lição sobre comunicação com as pessoas. Uma vez em cada seis meses, a pressão interior para que eu desse meu testemunho ia quase ao ponto de explodir. Não conhecendo nada melhor, arremetia-me de súbito sobre alguém e, olhos arregalados e vidrados, lançava por cima dele todos os versículos que sabia. Honestamente não esperava qualquer resposta. Assim que minha vítima manifestava falta de interesse, com jeito ia-me afastando, com um suspiro de alívio e o pensamento consolador: "Todos quantos querem viver piamente em Cristo Jesus padecerão perseguição" (II Timóteo 3:12). Cumprido o dever, voltava para o meu recolhimento de mártir a fim de passar outros seis meses de hibernação, até que a pressão interna outra vez ficasse intolerável e me expulsasse dali. Fiquei de fato chocado quando por fim verifiquei que eu mesmo, não a cruz, estava escandalizando as pessoas. Minha maneira inepta, não intencionalmente rude, até mesmo estúpida de abordá-los era responsável por haverem rejeitado a mim e à mensagem do evangelho.

Como instrumentos nas mãos de Deus, cumpre-nos agir positiva e pacientemente para firmar mútuos interesses com as outras pessoas, começando de onde procedem seus interesses.

Posteriormente podemos com proveito discutir juntos temas espirituais. O popular livro de Dale Carnegie *How to Win Friends and Influence People* (Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas) oferece muitas ilustrações adequadas da personalidade humana em ações e reações, além de algumas sugestões razoáveis e sensatas para a melhoria de nossas relações com os demais. Por exemplo, faz-nos lembrar que a voz que qualquer pessoa mais gosta de ouvir é a sua própria. Todos gostam de falar, porém uns mais do que outros. Muitas pessoas dariam qualquer coisa para encontrar alguém que apenas ficasse escutando-as falar Quando ouvimos uma pessoa durante bastante tempo, não somente passamos a conhecê-la e compreendê-la; conquistamos por igual a sua gratidão e a disposição de nos ouvir por nossa vez, e isto nos capacita a lhe falar mais adiante com proveito. Por esta maneira o Espírito Santo muitas vezes atrai pessoas a nós para, por nosso intermédio, falar-lhes sobre Jesus Cristo, de modo a poderem vir a Ele. É esta a maneira positiva de abordarmos os outros, que o Dr. Bob Smith (um enxadrista) chamou de três pulos para a coluna do rei".

Há algum tempo atrás nossa família encontrou um casal que tinha impressões bem negativas do Cristianismo. Logo aos primeiros contactos esse casal descobriu, naturalmente, que estávamos envolvidos no trabalho evangélico — e ficou boquiaberto. Imediatamente recuou, pondo-se na defensiva. Experiências anteriores tinham deixado neles uma imagem mental do que podiam esperar dos crentes.

Logo descobrimos que eles tinham interesse especial por duas coisas: flores e a história de nossa cidade (moram nela desde a infância). Apesar de não ter eu nenhuma paixão por floricultura — muito pelo contrário — aprendi muita coisa a respeito de flores nos últimos anos. Minha esposa e eu temos ouvido também e aprendido muito sobre nossa cidade. Pouco a pouco criamos um interesse recíproco (entre nós e eles). Ao

voltar de uma viagem quase sempre me saúdam, perguntando: "Que esteve fazendo na Universidade de . . . ? Que foi que disse? Os estudantes ficaram de fato interessados?" Respondendo, posso comunicar-lhes o poder e a provisão de Jesus Cristo para todas as pessoas e suas necessidades individuais. Tem sido comovedor verificarmos que o interesse deles tem aumentado. (Durante a Cruzada de Billy Graham em Chicago, *eles pediram* para nos acompanhar a um culto vespertino. Se os convidássemos, creio que se teriam melindrado e recusariam a ir).

Pusemo-nos em contacto com esses amigos onde eles estavam, concentrando-nos nos seus interesses. Não assentou em nós a máscara que eles conheciam do Cristianismo. Porque de boa-vontade partilhamos dos seus interesses, não os condenando pelo seu vício de fumar e de praguejar, não se tomaram hostis, nem se desgostaram de nós, porém cada vez mais se têm mostrado receptivos a nós e ao nosso principal interesse. Pela graça de Deus creio que não tardarão a entrar no Seu reino.

3. Despertemos Interesse

Pela leitura de João 4 vemos nosso Senhor despertando o interesse e a curiosidade daquela mulher na Sua mensagem, por dois modos:

Então lhe disse a mulher samaritana: Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim que sou mulher samaritana (porque os judeus não se dão com os samaritanos)? Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu, porventura, maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu o poço, do qual ele mesmo bebeu e, bem assim, seus filhos e seu gado? Afirmou-lhe Jesus: Quem

beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la.

É fascinante observar como pega fogo a curiosidade desta mulher à medida que o Senhor lhe fala. Primeiro, Ele veio até ao ponto onde ela se encontrava. Segundo, Ele Se mostrou interessado com o que a preocupava. Agora emprega ações e palavras para provocar uma reação positiva a Ele e à verdade de Sua mensagem.

Neste ponto o impacto de Sua ação jaz meramente no que diz. Pelo simples ato de conversar com a mulher, Ele põe abaixo barreiras sociais, religiosas, políticas e raciais. Ele, como homem, fala com uma mulher. Ele, como rabino, fala com uma mulher de vida licenciosa. Ele, como judeu, fala com uma samaritana. Deste modo Ele a surpreende. Embora não alcance ainda a importância dEle, sente a Sua superioridade por não fazer discriminação, aceitando-a.

Seguindo o exemplo de nosso Senhor, como vamos prender a atenção e o interesse das pessoas, de modo que Deus, por meio de nós, as leve à convicção e decisão? Pessoalmente creio que desfilar pelas calçadas com um cartaz ao ombro onde se lê em caracteres grandes e rabiscados — "Sou Crente. Façam-me Perguntas" — não é o método do Senhor. Ele não nos chamou para sermos camelôs. Sendo, como somos, representantes de Cristo, algumas pessoas nos têm na conta de tolos, e nos dizem isto mesmo na cara, mas a opinião delas não nos dá licença de procedermos com esquisitices. Com nossas palhaçadas podemos por um instante atrair os olhares dos circunstantes, mas acabamos anulando o verdadeiro interesse pelo evangelho. Assim que o observador comum, que poderia

ser atraído pela mensagem evangélica, vê um crente com maneiras extravagantes, diz lá consigo mesmo — se este é o proceder típico de um crente, melhor é deixar esse negócio de Cristianismo de lado. Uma reação negativa deste porte significa derrota. Precisamos estimular um interesse positivo que induza as pessoas a esquadrinhar mais a fundo e descobrir o que de fato é o Cristianismo.

Essa outra dimensão da vida, mais profunda — que falta aos descrentes, mas que habitualmente podem reconhecer — deve caracterizar-nos como crentes. Ao gastarmos tempo com uma pessoa não-crente, nosso senso do real propósito da vida, os valores que defendemos, essas coisas que de fato consomem a nós e as nossas energias, tudo isto se revelará com naturalidade em nossas atividades de cada dia. As atitudes para com as pessoas, as reações a circunstâncias, essa paz e serenidade e esse contentamento que nos sustentam no meio das opressões e crises da vida, tudo isto indica a qualidade de nossas vidas. Se neste particular não somos diferentes das pessoas que nos rodeiam, urge que, na presença do Senhor, verifiquemos o que é que está faltando e então peçamos-Lhe que venha ao encontro de nossa necessidade.

Se nossa vida é farta de contradições, melhor será que conservemos a boca fechada. Todavia, não estou sugerindo que esperemos ser perfeitos para depois falar aos outros. (Em outro capítulo meditaremos *como* nosso Senhor quer que falemos). Satanás quer que, nos conservemos em silêncio. Um dos seus métodos enganosos é convencer-nos de que não devemos dar nosso testemunho a ninguém acerca de Jesus Cristo enquanto não formos tão bonzinhos como irmãos gêmeos do anjo Gabriel. Além do que, não devemos ser hipócritas. Essa mentira, de precisarmos ser perfeitos para depois falarmos, tem feito muitos crentes guardar silêncio. Na realidade, as fraquezas e falhas pessoais que sentimos ardentemente só raras vezes são notadas pelos que não conhecem Jesus Cristo. Porque ao

vivermos em comunhão verdadeira e diária com Jesus Cristo, o Espírito Santo tanto nos convence do pecado como acrescenta à nossa vida esta outra dimensão — mesmo que não a sintamos. Como Moisés, cujo rosto resplandecia, as pessoas verão esta qualidade em nossa vida muito mais prontamente do que nós mesmos. E a sua curiosidade pode levá-las além do que nos cumpre inquirir acerca da fonte de nossa vida em Cristo.

Jesus chamou-nos sal da terra, porque através de nossa vida (pois Ele vive em nós) Ele faz que as pessoas tenham sede dEle próprio, a água da vida. Se, no entanto, falhamos em reconhecer a fonte de nossa vida em Jesus Cristo, lançamos-lhes confusão e roubamos a Deus Sua legítima glória. O não-crente pode apenas concluir que Joana ou José são excelentes pessoas, e gostaria de também o ser. Enquanto não dermos testemunho de Cristo, ele não suspeitará qual seja a fonte da vida por ele admirada e desejada.

Algumas vezes se pergunta: "Que é mais importante no testemunho, a vida que levamos, ou as palavras que dizemos?" Esta pergunta põe a consistência de nossa vida e o nosso testemunho verbal numa falsa antítese. É como indagar qual a asa do avião que é mais importante, a da direita ou a da esquerda! Sem dúvida ambas são indispensáveis e sem as duas não temos fiada. A vida e os lábios são inseparáveis num testemunho eficiente por Cristo.

Visto que, reagindo contra a evangelização feita sob pressão, muitos de nós tendem para um silêncio passivo, precisamos aprender a ser agressivos porta-vozes do Senhor, sem sermos antipáticos. Nosso Senhor, com o que disse, provocou a mulher samaritana a Lhe fazer uma pergunta. Eis um princípio que também podemos observar. Uma vez que o não-crente tenha a iniciativa e dê o primeiro passo, todo o constrangimento se extingue em qualquer conversa a respeito de Jesus Cristo. Ela pode ser retomada no ponto em que foi deixada, sem dificuldade. Por outro lado, enquanto forçarmos

caminho contra uma resistência sempre maior, tendemos a causar mais prejuízo do que bem. Como podemos levar um não-crente a fazer perguntas? A resposta está em lançar iscas, como pescadores de homens que somos, e falar aos que se mostrarem sensíveis.

Não podemos despertar interesse espiritual na vida de ninguém, mesmo que o quiséssemos. Só o Espírito Santo pode fazer isto. Todavia podemos ser Seus instrumentos em descobrir o interesse que Ele despertou. Descobriremos tanta gente interessada em realidade espiritual que não precisaremos nos esforçar com os que não estão interessados. É um alívio enorme quando descobrimos que podemos legitimamente por de lado o assunto se, depois de lançada a isca, não notamos reação instigada pelo Espírito Santo.

Todas as pessoas que tenho conhecido, usadas por Deus na evangelização pessoal, têm-se colocado em expectativa para descobrir pessoas interessadas. Em qualquer grupo, ou em conversa com uma pessoa em particular, elas perguntam a si mesmas: "Senhor, será que estás agindo nesta pessoa?" e a seguir, se o Espírito oferece oportunidade, continuam a conversa para ver qual é a reação.

Aliviados da tensão de conversar forçados com um ouvinte mal disposto, podemos falar mais tarde a respeito de Jesus Cristo. Confiantes na direção do Senhor e libertos da sensação de constrangimento ou embaraço, passamos a falar das coisas espirituais com naturalidade. Ao testemunharmos devemos ficar tão à vontade e naturais em nosso tom de voz e em nossa conduta como quando comentamos o jogo da noite anterior, o nosso trabalho de Física, as travessuras de um garoto, ou a bolsa de valores.

Mas como lançar a isca? Nosso Senhor lançou-a fazendo uma declaração enigmática que ocasionou uma pergunta da samaritana. A declaração relacionava-se com as necessidades básicas daquela mulher e, ao mesmo tempo, sugeria que Ele era

capaz e Se dispunha a satisfazer às mesmas.

Replicou-lhe Jesus: Se conheceras o dom de Deus e quem é o que te pede: Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. Respondeu-lhe ela: Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água viva? És tu, porventura, maior do que o nosso pai Jacó. . .

Podemos fazer uma declaração ou, em primeiro lugar, uma pergunta. Jesus também previu as reações da mulher. As perguntas dela não O pegaram desprevenido nem uma vez. Para tirarmos todo o proveito de cada oportunidade, também precisamos considerar as respostas prováveis. Ao refletirmos sobre possíveis situações, reflitamos bem como lançar a isca e como tratar a provável resposta.

Após mesmo uma vaga referência a "religião" numa conversa, muitos crentes têm usado esta série prática de perguntas para sondar algum interesse latente: Primeira, "Por falar nisto, você se interessa por assuntos de ordem espiritual?" Muitos dirão: "Sim". Mesmo, porém, que a pessoa responda "não", podemos fazer-lhe uma segunda pergunta: "O que é para você um verdadeiro cristão?" Sempre agrada a alguém a gente querer ouvir a *sua* opinião. De sua resposta ganharemos também uma compreensão mais precisa, de primeira-mão — talvez chocante — do seu pensamento como não-crente; e porque o ouvimos, ele estará muito mais pronto a ouvir-nos. Respostas a esta pergunta comumente giram em torno de alguma ação exterior — ir à igreja, ler a Bíblia, orar, dar o dízimo, ser batizado. Depois de respostas tais podemos concordar que um verdadeiro cristão em geral *faz* estas coisas, mas a seguir podemos salientar que isso não é o que um verdadeiro cristão *é.* O verdadeiro cristão é aquele que mantém uma relação pessoal com Jesus Cristo como uma Pessoa viva. Se o não-crente continua mostrando-se interessado, após esta explicação, podemos

avançar para a terceira pergunta: "Você gostaria de tornar-se agora mesmo um verdadeiro cristão?" Um número espantoso de pessoas debate-se numa cerração espiritual, suspirando por alguém que o conduza à certeza espiritual.

Se conversarmos com um amigo de formação católico-romana, podemos observar-lhe: "Como sabe, tenho muito mais em comum com você do que com os meus amigos protestantes liberais". Ele talvez se surpreenda com esta observação, mas se sentirá satisfeito. A seguir podemos explicar: "Você crê na Bíblia como a Palavra de Deus, crê na Divindade de Cristo, na necessidade de Sua morte para a expiação de nossos pecados, e em Sua ressurreição dentre os mortos; muitos protestantes liberais, no entanto, negam estes fatos básicos do Cristianismo do Novo Testamento". Ainda podemos ir adiante: "Julgo que na Igreja Católica você descobriu a mesma coisa que vejo na Igreja Protestante: Alguns metodistas, batistas, presbiterianos, episcopais, etc. conhecem de fato Jesus Cristo pessoalmente; outros, porém, não". Invariavelmente ele há de concordar e, destarte, há de reconhecer um fato importante, a saber, que ser membro de igreja, seja ela qual for, só isto não garante um relacionamento pessoal com Jesus Cristo. Podemos então discutir com ele o que é esse relacionamento pessoal com o Senhor.

Se formos ágeis, poderemos aproveitar muitas outras oportunidades para fazermos comentários apropriados. Mas com freqüência somos mal sucedidos na "arte das respostas rápidas e espirituosas", por pensarmos nos comentários adequados uma hora depois! Assim, pois, planejemos de antemão, agora, esses comentários comuns na conversa diária, que possam ser feitos com facilidade em prol do Senhor.

Outro meio de lançarmos a isca é ficarmos atentos às oportunidades de compartilharmos nossa experiência espiritual. Ao conhecermos os não-crentes de uma forma pessoal, eles passarão a confiar em nós com relação aos seus encargos, anseios, aspirações, frustrações e solidão. Ao tratarem destas

coisas conosco, podemos dizer-lhes calmamente (se nossa experiência for semelhante à deles): "Sabe, normalmente me sentia dessa mesma forma, até que passei por uma experiência que mudou por completo meu modo de encarar a vida. Você gostaria que eu lhe contasse como foi isso?" Fazendo assim uma declaração enigmática e oferecendo, ao invés de impor nossa experiência sobre ele, evitamos que sinta estarmos descarregando à sua porta mercadorias que ele não encomendou. Se ele pede para ouvir nossa experiência, prontifiquemo-nos a falar pouco, dando relevo à realidade de Cristo para nós hoje e pondo à parte minúcias cansativas e provavelmente sem importância. Devemos simplesmente dizer o que Cristo significa para nós hoje, e como Ele nos transformou.

Se nossa experiência não é análoga à que ele nos descreveu de si, mas Cristo é uma realidade hoje para nós, podemos dizer-lhe: "Saiba, eu sentiria dessa forma se não fosse uma experiência que mudou meu modo de apreciar a vida. Gostaria que eu lhe contasse a respeito?" Aqueles de nós que fomos criados em lares evangélicos e na igreja às vezes adquirimos um complexo de inferioridade pelo fato de não podermos apontar uma mudança dramática em nossas vidas quando nos tornamos crentes. Não podemos dizer: "Já fui um viciado em drogas, mas veja o que Cristo fez por mim!" Se foi em criança que alcançamos nova vida em Cristo, provavelmente não notamos muita mudança em nossas vidas. Não precisamos julgar-nos inferiorizados nem procurar desculpas para isso, como se de algum modo nossa experiência não fosse tão genuína quanto as mais espetaculares. A conversão de Paulo foi de uma maneira maravilhosamente dramática, todavia lembremo-nos que a de Timóteo não foi menos real. Desde a sua mais tenra idade ouviu a Palavra de Deus dos lábios de sua avó Lóide, e de sua mãe Eunice. A grande questão é se Jesus Cristo é uma realidade dinâmica para

nós hoje.

A isca pode lançar-se também de maneira concisa, se estivermos preparados para enfrentar perguntas que nos fazem com freqüência. Muitas vezes reconhecemos, já tarde demais, que tivemos esplêndida oportunidade de falar, mas perdemo-la porque não soubemos o que dizer na ocasião. Algumas vezes fazem-nos perguntas assim: "Por que você se sente tão feliz?" "Que é que o faz tão exato no cumprimento dos seus deveres?" "Parece que você tem uma motivação diferente. Você não é como eu e a maioria das pessoas. Por quê?" "Por que você aparenta ter um propósito na vida?" Outra vez podemos dizer: "Uma experiência que tive mudou meu modo de ver a vida". E então, ao sermos interrogados, podemos compartilhar-lhes esta nossa experiência com Cristo.

Perguntam-nos também às vezes a respeito de nossa igreja, ou de alguma atividade que pode estar diretamente relacionada com fatos espirituais, se abordarmos estes assuntos de maneira conveniente. Uma pergunta que sempre me fazem quando viajo é: "Que trabalho você faz?" Costumo responder francamente: "Sou um assessor da Aliança Bíblica Universitária". Acontece às vezes haver aí uma pausa constrangida, quando o meu interlocutor passa nervosamente para outro assunto e tenta levar a conversa adiante. Mas acontece que alguém me lembrou que respostas que descrevem atividades ou funções sempre dizem mais do que um bocado de nomes e títulos. Então, em vez disso, explico: "Falo a estudantes sobre como Jesus Cristo se põe em contacto com a nossa vida diária". O indagador curioso às vezes replica: "Parece interessante". "É", continuo, "uma noite destas estava falando com um estudante, que disse..." e em poucas palavras dou a substância de uma conversa de verdade. Depois pergunto: "A propósito, o senhor está interessado em assuntos espirituais?" Isto dá lugar a outra discussão proveitosa.

Numa conversa sobre as manchetes dos jornais do dia, as

últimas crises pelo mundo a fora, ou algum outro caso corrente, a pergunta "O que o senhor acha que está errado no mundo?" pode ser apropriada. Depois de escutarmos o lançamento da culpa dos problemas da humanidade sobre várias causas exteriores, podemos inquirir: "O senhor já considerou o que Jesus Cristo disse sobre isto?" e então recorremos ao diagnóstico que Ele fez do homem, como está em Marcos 7:21-23. O próprio homem, por causa de suas atitudes interiores, é que é o problema fundamental. É como G. K. **Chesterton diz**, e *é* certo "O que é que está errado no mundo? Eu é que estou errado no mundo." E a única solução do problema "Eu" é Jesus Cristo, que prometeu transformar-nos se nos entregarmos a Ele.

Livros e livretos que versem sobre assuntos provocativos provêem outra possibilidade para despertar conversas em torno de assuntos espirituais. Entre os livros para folhear em nossa sala-de-estar — os quais incluem *Ascensão e Queda do Terceiro Reich, A Produção do Presidente,* e *Esta Terra Santa* — temos *O Segredo Cristão de Uma Vida Feliz, De Mulher para Mulher, Indícios da Presença de Deus no Universo em Expansão,* e a bela obra pitoresca de Elizabeth Elliot, *Meu Parente Selvagem.* Hóspedes às vezes folheiam estes livros e casualmente pedem um emprestado. Outras vezes podemos oferecer um folheto evangélico — pode ser *Ê de se Crer no Cristianismo? Você Levou Cristo em Consideração?,* ou *Como Tornar-se um Verdadeiro Cristão* — a algum amigo, fazendo-lhe a observação: "Gostaria de saber o que você pensa sobre isto. Como não disponho de muitos exemplares, agradeceria se você devolvesse depois". Pondo deste modo uma declaração concisa da fé cristã nas mãos dele, podemos prever para logo mais uma conversa proveitosa a respeito de Jesus Cristo.

Em tais e semelhantes situações, saber de antemão o que vamos dizer ajuda-nos a dominar o nervosismo e a ficar à vontade. Se ficarmos em tensão, a outra pessoa ficará também; mas se afrouxarmos, ela igualmente o fará. Se conseguirmos, em

calma confiança, que o Espírito Santo nos ponha na presença de pessoas interessadas, podemos dominar toda inclinação de pedir desculpas da nossa fé. Se não temos interesse por alguém, sentimo-nos derrotados antes de começar. Por outro lado, se tomamos interesse, é comum sermos correspondidos com interesse igual. Cada encontro bem sucedido com um descrente leva-nos a uma fé e confiança sempre maiores para uma próxima abordagem.

4. Não Vamos Muito Longe

A parte que se segue da conversa de nosso Senhor revela o quarto e o quinto princípio: dê-se a uma pessoa somente aquela parte da mensagem para a qual ela esteja preparada, **e** não a condenemos.

Afirmou-lhe Jesus: Quem beber desta água tornará a ter sede; aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna. Disse-lhe a mulher: Senhor, dá-me dessa água para que eu não mais tenha sede, nem precise vir aqui buscá-la. Acudiu-lhe Jesus: Vai, chama teu marido e vem cá; ao que lhe respondeu a mulher: Não tenho marido. Replicou-lhe Jesus: Bem disseste, não tenho marido; porque cinco maridos já tiveste, e esse que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade. Senhor, disse-lhe a mulher: Vejo que tu és profeta. Apesar de se mostrar a mulher interessada e curiosa, Jesus não lhe disse tudo logo de uma vez. Pouco a pouco, quando ela ia ficando apta a ouvir mais, Ele lhe revelava mais Quem Ele era. Afinal, ao atingir sua curiosidade o ponto máximo (v. 26) Ele Se apresentou como o Cristo.

No momento em que notamos uma centelha de interesse num descrente muitos de nós querem avançar de supetão **e** declarar com vivacidade o evangelho todo, sem parar para tomar fôlego, ou aguardar a reação do ouvinte. (Afinal, pode ser que

não tenhamos outra oportunidade, raciocinamos). Todavia, amparando-nos na força e na presença do Espírito Santo, podemos ganhar equilíbrio. O descrente necessita de uma insinuação gentil ao começar a mostrar seu interesse: é comum ser ela débil no princípio. Do contrário, qual pássaro assustado de perto no seu pouso, por movimentos rápidos na sua direção, escapulir-se-á antes que, sobre-excitados, nos aproximemos dele. Por outro lado, se nossa atitude for natural e nossas maneiras forem relaxadas, o inquiridor será levado a pressionar-nos mais e mais a fim de descobrir qual o fundamento de nossa firme convicção.

5. Não Condenemos

No quinto princípio vemos que nosso Senhor não condenou a mulher. Na própria resposta que deu acerca do seu marido jazia o pecado que a ela mesma condenava. No incidente análogo da mulher apanhada em adultério, a qual os fariseus hipócritas levaram a nosso Senhor, Ele disse: "Nem eu te condeno; vai e não peques mais" (João 8:11). A maioria de nós, contrariamente, é apressada em condenar. Às vezes mantemos a idéia errada de que, se não condenamos determinada atitude ou ato, estamos relevando o mal. Não era este, porém, o parecer de nosso Senhor.

Inconscientemente condenamos o descrente que nos oferece um cigarro, convida-nos para um "drink" com ele, ou sugere alguma outra atividade que consideramos fora do limite. Nossa réplica pode produzir efeitos devastadores. É quase uma ação reflexa algumas vezes dizermos: "Não, obrigado, não fumo, não bebo, etc, sou crente". Mentalmente riscamos com giz mais um ponto no marcador do nosso testemunho. O que de fato fizemos foi isto: condenamos a pessoa e deturpamos o evangelho por inferir dele, falsamente, que este nosso particular "não, não" é parte inseparável do Cristianismo.

Milhares de não-crentes de nossa cultura não fazem estas

coisas, mas só por isso não são crentes. E o fato é que em alguns meios de outras culturas alguns crentes bebem cerveja, vinho, fumam, e nada de mais vêem nisso. Não são menos crentes porque fazem tais coisas. Num e noutro caso, o costume e as convicções pessoais criam hábitos. Todavia, se um amigo sugerisse: "Vamos roubar um banco", e disséssemos: "Não, obrigado, sou crente", ele entenderia de pronto a relação entre uma coisa e outra. O oitavo mandamento proíbe com clareza o roubo; não há como interpretar de outra forma o preceito: "Não furtarás".

Como, pois, vamos responder ao não-crente, cujos costumes e convicções particulares diferem dos nossos? A chave do problema está em reconhecermos a cortesia e a generosidade implícitas em seu oferecimento ou convite, e declinarmos por razões de ordem pessoal, de modo que ele não se sinta condenado ou repelido. Uma maneira de dizer "Não, obrigado" com o devido respeito à pessoa é sugerir uma alternativa. Quando convidados a tomar uma cervejinha, podemos retrucar: "Não, obrigado, mas a qualquer hora tomaremos uma coca-cola juntos". Ou, se solicitados a ir a alguma parte aonde preferimos não ir, podemos dizer: "Obrigado, não tenho interesse nisso, mas me diga quando você for a um concerto (jogo, reunião no clube, etc.) que eu quero acompanhá-lo." Com a sugestão assim de uma alternativa a pessoa vê que você não a repele.

Declinando de um oferecimento, não precisamos apresentar desculpas. Afinal, inúmeros descrentes não bebem, não fumam, não dançam, não mascam, nem fazem certas outras coisas. Se um descrente não se interessa por jogo de xadrez, por isso não se cora de vergonha e não fica a rosnar desculpas: "Não, obrigado, não jogo xadrez. Sou descrente". É natural que não. Replica animadamente: "Não, obrigado, xadrez não me apetece. Mas diga-me quando quer jogar pingue-pongue". Como testemunhas de Jesus Cristo podemos e devemos dizer

"Não, obrigado" neste mesmo espírito de calma e desembaraço.

Quando numa festa deparamos com licores sendo servidos (e aqueles de nós que se misturam com os vizinhos conhecidos, cedo ou tarde depararão), podemos gentilmente, em vez de tais licores pedir guaraná ou suco de frutas. Se o anfitrião não providenciou bebidas deste gênero para os não aficionados a bebidas fortes, essa falta social é dele, não nossa.

Ao convidarmos uma pessoa que fuma ao nosso quarto, no dormitório ou em casa, devemos ter a cortesia de providenciar um cinzeiro, para que o nosso convidado fique à vontade. Com isto não aprovamos "fumo", mas evitamos que o nosso amigo descrente fique desconcertado num caso assim de importância secundária. As outras únicas alternativas serão ou forçá-lo a fazer cair a cinza, com sacudidelas, no tapete, ou juntá-la na palma da mão, ou então fazer-lhe ver que não é permitido fumar dentro de nossas santas quatro paredes. Em qualquer destes casos, é provável que ele se magoe e não queira mais voltar à nossa casa.

Não só devemos evitar condenar as pessoas; precisamos aprender a arte dos elogios justos. Muita gente fica profundamente emocionada com um elogio sincero. A crítica assenta com muito mais naturalidade em nossos lábios e nos lábios do mundo do que o louvor, mas o louvor pode ocasionar um sentimento de cordialidade que é essencial a uma aceitação franca do evangelho.

No livro *Taking Men Alive* (Pegando Homens Vivos) Charles Trumbull afirma que é possível descobrir em qualquer pessoa pelo menos uma coisa que sirva de base para um elogio honesto. Como prova deste seu parecer, descreve uma de suas experiências num trem. Um sujeito embriagado, vomitando impropérios e obscenidades, entrou cambaleando no seu carro. Depois de umas guinadas, sentou-se ao seu lado e lhe ofereceu um trago da bebida que levava num cantil. O Sr. Trumbull recuou intimamente ante o linguajar repulsivo do bêbado. Ao

invés, porém, de censurar o homem sobre o estado em que se encontrava, replicou-lhe: "Não, obrigado, mas vejo que o senhor é muito generoso". Os olhos do homem se iluminaram, a despeito do entorpecimento alcoólico, e os dois passaram a conversar. Naquele dia o ébrio ouviu a respeito dAquele que tem a água da vida e que prometeu que, quem dela bebesse, nunca mais teria sede. Ficou profundamente emocionado e mais tarde se chegou ao Salvador.

6. Apeguemo-nos ao Ponto Central

Ao chegar ao fim a entrevista de nosso Senhor com a mulher samaritana, notamos dois princípios finais que se aplicam ao nosso testemunho verbal:

Nossos pais adoravam neste monte; vós, entretanto, dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar. Disse-lhe Jesus: Mulher, podes crer-me que a hora vem, quando nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai. . . Mas vem a hora, e já chegou, quando os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque são estes que o Pai procura para seus adoradores. Deus é espírito; e importa que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade. Eu sei, respondeu a mulher, que há de vir o Messias, chamado Cristo; quando ele vier nos anunciará todas as coisas. Disse-lhe Jesus: Eu o sou, eu que falo contigo.

Nosso Senhor não permitiu que assuntos de importância secundária O desviassem da questão central. A mulher perguntou se o lugar de culto era o Monte Gerizim ou em Jerusalém, mas Jesus fez retroceder a conversa, focalizando-a de novo em Sua pessoa e assim transferiu a ênfase de *onde* adorar para *como* adorar. Se bem que a pergunta da mulher fosse provavelmente razoável (sua atitude era semelhante à de muita gente hoje que honestamente indaga: "De que igreja devo

fazer parte?"), nosso Senhor recusou sair-se pela tangente; não deixou dúvidas quanto ao ponto central: Ele mesmo.

7. Confrontemo-nos com Ele Diretamente

E, por fim, declarando ser o Messias, nosso Senhor feriu o ponto crucial do evangelho. Da mesma maneira, quer seja uma quer mais de uma as nossas gestões por construirmos uma ponte de amizade entre nós, devemos afinal cruzar esta ponte e trazer os não-crentes a uma confrontação direta com o Senhor Jesus, de sorte que eles sintam sua responsabilidade pessoal de decidir-se *a favor,* ou *contra* — Ele.

Inicialmente as pessoas a quem damos nosso testemunho colocam-se numa dentre duas categorias. O primeiro grupo é constituído dos que têm falta da necessária informação sobre Jesus Cristo. Mesmo se quisessem tornar-se crentes, não saberiam como. Diante de tais pessoas devemos ficar de sobreaviso, primeiro, para descobrir os mal entendidos e as lacunas no que elas sabem e, segundo, para aproveitar cada oportunidade de explicar mais os fatos necessários.

Os do segundo grupo já têm informação sobre o evangelho, mas não tomaram ainda atitude em face da mesma. O ferir repetido das mesmas cordas e o socar continuado das mesmas informações em suas gargantas podem resultar mais em afastá-los do que cm conquistá-los. Quando sabemos que um indivíduo já tem bastante informação do evangelho, devemos guardar silêncio, orar fervorosamente todos os dias por ele, citando o seu nome, e amá-lo com vistas ao reino de Deus.

São estes, pois, os nossos sete princípios — ver e conhecer pessoalmente os não-crentes; firmar um interesse mútuo na conversa; despertar um interesse pessoal por meio da vida e da palavra; engrenar explicações ao ponto da receptividade e capacidade deles; aceitar e até elogiar, em vez de condenar; não sair da trilha; e perseverar rumo ao destino

final. Desde que lancemos mãos destes princípios e nos movimentemos com fé, a vida se torna todo dia uma fascinação. Ficamos de espreita, antecipando outras oportunidades que Deus nos venha a dar de testemunhar como embaixadores de Jesus Cristo e de descobrir como é que Ele vai operando na vida dos outros por meio de nós.



Mais moscas se apanham com mel do que com vinagre

3. Saltando Barreiras Sociais

Quem quer que abandone sua zona de segurança e se emaranhe no mundo real, é certo que se verá metido em situações melindrosas. Precisamos considerar de antemão como é possível fazer frente a algumas delas, descobrindo princípios aplicáveis a várias circunstâncias.

Usemos Contactos Ocasionais

Como, por exemplo, devemos reagir em face do irreverente ou obsceno? Provavelmente muitas vezes inclinamo-nos a assumir ares puritanos da era vitoriana, talvez a mostrar que somos mais santos do que os outros, fazendo observações causticantes ou encolhendo-nos em gélido silêncio. Quando reagimos assim frente a não-crentes, que só fazem o que lhes parece natural, perdemos muitas amizades suscetíveis de se manifestarem.

Se ficamos agastados quando alguém pragueja, ele passa a dragar do fundo de sua natureza a lama de toda anedota profana por ele ouvida nos últimos dois anos, para repeti-la aos nossos ouvidos e com isto nos irritar. Agravamos assim o problema que procurávamos resolver. Por outro lado, alguma frase humorística, que ocorra acidentalmente, pode operar prodígios numa situação como esta. Depois que o indivíduo desenrola sua extensa fiada de irreverências, podemos comentar meio jocosamente, mas de modo que ele fique sabendo que falamos muito sério: "Mas o seu vocabulário é bem limitado, rapaz!" Não precisamos condená-lo francamente ao ponto de deixá-lo abalado. Desde que ele perceba que não apreciamos essa parte de sua conversa, pode ser até que faça um esforço

positivo por modificar o seu linguajar. À proporção que conquistamos o seu respeito, em vez de provocarmos animosidade nele, o problema irá aos poucos se resolvendo.

Tenhamos Pronta uma Boa Piada para Contar

Podemos reagir a anedotas inconvenientes de maneira idêntica. Se possível, naturalmente, é melhor estar ausente quando se souber que elas vão aparecer na conversa. Às vezes, no entanto, somos pegados de surpresa e não podemos evadir-nos. Então o melhor recurso é estarmos preparados. Fiquemos alerta à espera da primeira pausa na conversa e então entremos, por nossa vez, com uma piada ou anedota decente. Contemos uma tão engraçada que o pessoal não contenha as gargalhadas. Algumas pessoas acham que estou brincando quando digo isto, mas não estou. Tenho-me convencido que todo crente deve sempre ter, engatilhados, chistes e boas piadas para soltar nas ocasiões oportunas. Contos humorísticos, bem escolhidos, para ocasiões certas podem levantar o nível de uma conversa; podem levar-nos a transpor uma dificuldade aparentemente intransponível. Como para se lembrar nomes, a única maneira de ter presente na memória um chiste ou piada é repeti-la logo depois que for ouvida. Se necessário, escrevamo-la logo que a ouçamos. Depois contemo-la quando houver oportunidade.

A um sujeito de boca suja não precisamos dizer que ele se chafurda em imundo pantanal. Ele sabe disto. Mas não acha que pode gozar a vida sem o fardo de imundícies que leva às costas. Provavelmente julga que os crentes têm que abandonar o senso de humor ao se tornarem crentes. A idéia fixa que faz dos crentes é que eles não gostam de troça, não se divertem. Temos primeiro que corrigir essa impressão negativa do Cristianismo. Queremos que tais pessoas vejam que ainda gostamos de brincadeiras — e que as diversões e prazeres do crente são de nível mais alto e mais duradouro do que os seus.

Pela graça de Deus podemos, sem comprometer-nos ou sem desculpar o linguajar dos descrentes, reagir com amor aos tais que praguejam e blasfemam ou contam anedotas indecorosas. Dá melhor resultado do que uma asseveração surda de nossa felicidade no Senhor, ou nossa ufania em torno da delícia que a vida cristã encerra. Se nos portarmos com naturalidade e espontaneidade nas situações do dia-a-dia, muitas das quais assumem aspecto divertido, podemos dizer gracejos saudáveis, puros, aos nossos amigos, mostrando-lhes assim o deleite que usufruímos na companhia de Jesus Cristo. Se estivermos preparados para dissimular o que eles dizem e demonstrar-lhes o nosso amor, apesar de serem o que são, podemos ganhá-los como amigos.

Comecemos Agora — Onde Estamos

É provável que agora mesmo alguém pense: "Moço, isto parece ser muito bom; preciso no entanto começar mais adiante; preciso ir aonde não sou conhecido, aí sim. As trapalhadas, em que me tenho metido. . . Não posso livrar-me desta situação! Estou num beco sem saída!" Se você pensa assim, não desanime. Situação nenhuma é causa perdida. Você querendo, a coisa pode mudar.

Conheço uma secretária que resolveu diante de Deus reencetar a vida exatamente no ponto onde se encontrava. Estivera trabalhando num escritório já por oito anos e meio. Diariamente, ao meio-dia, quando os demais funcionários almoçavam juntos, ela se afastava para comer sozinha e ler a Bíblia. Não se dispunha a corromper-se com o mundanismo dos colegas, de conversas e piadas repulsivas. Entretanto um dia começou a ver que o seu afastamento não lhe proporcionava nunca oportunidades de testemunhar Jesus Cristo. Levada pelo amor aos colegas abandonou seu isolamento e passou a relacionar-se com eles. Seis meses depois de sua primeira tentativa, meio irresoluta, de dizer gracejos, revelou-me com

alegria que o pessoal do seu escritório lhe dava uma acolhida cordial. Naqueles seis meses tivera mais oportunidade de comunicar a eles as boas-novas do que em todos os anos anteriores. Como você vê, se nos lançamos à ação cheios de fé, com nova atitude de amor, é-nos possível reencetar a carreira no ponto onde estamos, não importando se a situação anterior foi má.

Dar Graças em Público

Outra questão secundária, digna de atenção, é se convém dar graças antes das refeições. Se estamos sozinhos num restaurante, não há qualquer dúvida: inclinamos a cabeça e agradecemos a Deus. Mas, como crentes atenciosos, corteses, que faremos quando estivermos acompanhados de alguém que não nos conhece bem? Chegando o momento embaraçoso, nossa reação natural é querermos ocultar aquele ato; não desejamos que nosso companheiro veja o que fazemos. Contrafeitos, pegamos no guardanapo, ou pigarreamos, esperando que se façam dois segundos de silêncio para a oração, e então começamos a comer, antes que a comida esfrie. Se o garçom nos olha, há de supor que temos dor de cabeça, que queremos cheirar a comida, naquela nossa indecisão, ou talvez seja aquilo um hábito nosso. Como pode ser embaraçoso render graças! Um dos meus amigos crentes deu-me uma rápida lição no dia em que jantamos juntos. "Deixemos este negócio de esfregar as sobrancelhas", disse ele sem premeditar quando eu já ia levando a mão àquela posição. Demos uma risada, mas aprendi a lição. Antes disso nunca notara quanto eu estivera escravizado a essa tática de desviar as atenções.

Algumas vezes, sem querer, nossa maneira de dar graças ofende os outros. Nossa atitude implica numa censura: "Você é um incrédulo". Para evitar essa barreira, que pode impedir nossos amigos de levar em conta o que Jesus Cristo requer, pode ser melhor para nós que conservemos os olhos abertos ao

agradecermos a Deus o alimento que Ele nos dá? Na Escritura não há este preceito: "Darás graças com os olhos fechados". Já que o propósito é agradecer, o que nos move a isto importa mais do que a questão de ter os olhos abertos ou fechados. Por que não me disponho a inclinar a cabeça e render graças? Se me envergonho de reconhecer Jesus Cristo, preciso dispor-me intimamente a ajoelhar-me de público e dar graças. Mas, se de fato estou agradecido, e não desejo levantar uma barreira artificial entre meus amigos e o Senhor, isto é outro assunto. Cada um de nós conhece o que o move diante de Deus. Alguns provavelmente vêem no render graças uma ótima oportunidade de testemunhar pelo exemplo. É possível que sim — mas há perigos nessa atitude, especialmente se ofende um companheiro.

Dar graças, no entanto, é costume ainda em voga, como a religião em geral. Nos restaurantes não raro vemos pequenos cartões com três orações impressas — para protestantes, católicos e judeus. Se inclino a cabeça, com isto não digo aos outros muita coisa acerca de Jesus Cristo. Se eles chegam a concluir que eu sou religioso, daí nada deduzem sobre o meu Senhor. E no tocante à eficiência do testemunho, dar graças pode ser tanto um desproveito tanto quanto afirmar: "Não faço isto e aquilo porque sou crente".

Com tais e tais obstáculos, como agradecer a Deus o alimento que nos dá? Em restaurantes melhor é, de passagem, dizer ao nosso companheiro: "Tenho o costume de dar graças pelo que como. Quer que eu agradeça por nós dois?" Se me ofereço para agradecer por ele, dou com isto a entender que ele próprio tenha este costume; ele gostará desta suposição. Esse oferecimento dá também a entender que nós dois conhecemos o Deus vivo e com Ele falamos. Mais adiante é possível que indague dele explicitamente quais suas relações com Jesus **Cristo.**

A situação é tanto diferente em casa. Em nosso lar não

há dificuldade sobre como proceder. Uma simples explicação, como "É costume nosso dar graças pelo alimento, antes de comermos. Assim sendo o Carlos vai agora dar graças", previne o hóspede. Se este não tem religião, e não explicamos o nosso costume, pode ficar desconcertado na incerteza de qual seja este nosso ritual; é simples cortesia dizer-lhe o que estamos para fazer. O mesmo se aplica ao caso de termos leitura da Bíblia e oração depois do jantar. Não precisamos pedir desculpas por esse nosso costume nem alterá-lo, pelo motivo de termos um hóspede em casa. Mas em consideração ao fato de ser ele estranho à casa, devemos informar-lhe o que vai acontecer. Se, por outro lado, nós é que somos os hóspedes na casa de alguém, e nosso anfitrião não dá graças, será falta de polidez humilhá-lo fazendo nós mesmos, ostensivamente, a oração. Ficará magoado com a nossa grosseria numa questão assim de pouca monta, o que poderá bloquear uma ulterior conversação em torno de assuntos mais importantes.

Façamos Convites Definidos

Um aspecto mais amplo de nosso relacionamento social com os não-crentes é a questão de convidá-los à nossa casa. Muitas vezes pensamos: "Não tenho nada em comum com os descrentes", e então acontece ficarmos entravados. Se não temos absolutamente qualquer interesse comum, por que nos achegarmos a eles e passarmos por um fiasco? Tememos que eles se aborreçam, participando conosco de alguma atividade de nosso gosto; e receamos ficar embaraçados se com eles vamos a alguma parte. Este dilema se resolve facilmente se planejarmos de antemão o que vamos fazer juntos. Em vez de dizer: "José, dá para você aparecer lá em casa terça-feira à noite?" ou "Terei lá em casa vários estudantes neste fim-de-semana. Você também pode vir?" digamos explicitamente "para jogar pingue-pongue" ou "jogar volibol". Isto resolve logo de início a questão do "Para fazer o quê?" A pessoa que é convidada deve saber a

que vai; se não tem interesse nisso, declina do convite sem atrapalhar ninguém. Mas nove vezes em dez ela quererá vir.

Precisamos também pensar nas questões de ordem secundária que surgem no nosso relacionamento com o grupo. Muitas de nossas reuniões são feitas por necessidade, não de acordo com nossa preferência. Como não escolhemos os outros membros do grupo, raramente consideram nosso comportamento individual como afronta pessoal a eles. Os sentimentos individuais não se ofendem tão facilmente em agrupamentos como acontece nos relacionamentos pessoais. Em agrupamentos, portanto, podemos fazer coisas que na base pessoal hesitaríamos, pelo receio de condenar algum amigo.

Não é Necessário Seguir a Multidão

A freqüência à faculdade obriga-nos a viver juntos com descrentes vinte e quatro horas por dia. Antes de participarmos de qualquer situação de grupo, especialmente uma de considerável duração, é bom determinar com exatidão que hábitos vamos manter como crentes, e então mantê-los desde o princípio. Se você costuma dar graças pelo alimento, lembre-se de fazer isto na primeira refeição. Se diariamente tem um período de hora tranqüila, inclua-o no seu programa a partir do primeiro dia. Se você não estabelece a sua norma de conduta logo no começo, cada dia em que a mesma é adiada tornará mais difícil adotá-la.

Os grupos muitas vezes decidem fazer alguma coisa em conjunto, como corporação. Como crentes, que nos cumpre fazer se não temos liberdade para participar de uma atividade proposta? Somos membros de um agrupamento democrático que toma decisões pelo voto da maioria. Mas, se acompanharmos a turma, seremos infiéis ao nosso Senhor. Sempre que nosso dilema for este, se a questão é inerente ao Cristianismo, se relaciona com ele menos diretamente, precisamos tirar o corpo cortesmente. Podemos explicar aos nossos companheiros,

sem subterfúgios: "Não sou eu que vou ditar normas para vocês, mas pessoalmente não posso aceitar isso; é melhor vocês me excluírem". Apesar de, atualmente, a maioria das pessoas se deixar levar pela correnteza, respeitam os poucos que lutam indo contra ela. Em conversas particulares manifestam sua admiração; gostariam de ter, por seu turno, bastante coragem e convicção para assumirem atitude igual. Assim, pois, respeitam-nos porque nos dirigimos por nossas próprias convicções e não pelo que os outros ditam. Respeitam-nos, outrossim, porque, tendo nós a coragem oriunda de nossas convicções, não legislamos arbitrariamente para eles.

Manifestemos Amor

Em todas estas questões de natureza secundária, um pensamento vem aqui a propósito, antecipadamente, para que evitemos confusões. Não estamos inventando truques para abordarmos as pessoas sub-repticiamente com o evangelho. Procuramos meios de expressar o amor de Jesus Cristo. Porque o Senhor entrou em nossas vidas, nossa capacidade de amar aprofundou-se. Seu amor está sendo derramado em nossos corações para que o extravasemos em benefício dos demais. Amamos as pessoas pelo que são. pessoas completas e não abstrações. Se Jesus Cristo é uma realidade pessoal para nós, Seu amor atingirá mediante nós algumas pessoas desagradáveis, a quem as outras desprezam; Ele nos capacita para amá-las como pessoas.

Uma das manifestações de nosso amor por essas pessoas é a comunicação que lhes fazemos do evangelho. Nenhuma amizade, porém, deve depender do modo como os outros reajam ao evangelho. Infelizmente, muitos descrentes, hoje, desconfiam de todos os crentes por causa do contacto que antes tiveram com um religioso amigo que tinha interesses ulteriores. Alguns descrentes recusam-se a ouvir uma palavra que seja a respeito de nosso Senhor, enquanto não se certificam de que,

apesar disso, seremos seus amigos — ainda mesmo que rejeitem Jesus Cristo. Devemos amar todas as pessoas como são.

Nenhum de nós pode fazer o papel de Deus para com ninguém. Não podemos determinar qual seja a fase da obra do Espírito Santo na vida de quem quer que seja. Pode ser que certa pessoa leve muitos anos para se chegar ao Salvador, e que um longo período de desinteresse preceda sua decisão. **Por** amor a Cristo devemos amar tal pessoa, apesar disso. É o Espírito Santo, não nós, quem converte. Nós, embaixadores privilegiados de Jesus Cristo, podemos comunicar a todos uma mensagem verbal; podemos demonstrar, mediante nossa personalidade e nossa vida, o que é que a graça de Jesus Cristo pode realizar. Mas não devemos sair por aí a fora a fazer contas, creditando a nós a obra do Espírito Santo dizendo: "Já consegui sete! Você só arranjou três". Esse orgulho espiritual, estúpido e ridículo, provoca náuseas. É nosso o *privilégio* de ser embaixadores. Podemos antecipar a possibilidade de ceifar almas, de sermos o último elo na longa cadeia de iniciativas, de convidarmos pessoas para aceitar o Salvador. Nunca, porém, pensemos ingenuamente que já convertemos uma alma só que seja e a trouxemos a Jesus Cristo. Quando alguém diz: "Já converti uma dúzia de pessoas!" acho que entendo o que ele quer dizer. Meneio, no entanto, admirado, a cabeça, desejando que ele saiba um pouco mais do que quis dizer. Ninguém chama Jesus de Senhor a não ser pelo Espírito Santo.

E, não obstante, o tremendo privilégio de apresentar Jesus Cristo é nosso. Somos os únicos a representá-IO neste mundo perdido, que suspira pela realidade.



Podemos: evadir-nos do trânsito sem acamparmos na zona de segurança

4. Qual é a Essência de Nossa Mensagem?

UM Embaixador deve comunicar com eficiência uma mensagem. Se ele não está seguro a respeito dessa mensagem não será nunca um embaixador eficiente. Muitos crentes são embaixadores ineficientes, porque não têm certeza quanto ao conteúdo de sua mensagem e são incapazes de comunicá-la de maneira compreensível aos outros. Para muitos, compreender o evangelho é como compreender um problema de matemática. Ouvem a explanação do problema na aula e entendem-no claramente à medida que vai sendo exposto pelo professor. Mas, quando um amigo que faltou à aula pede que lho expliquem são incapazes de expô-lo em termos que sejam bastante claros à compreensão dele. Muitos que têm crido e compreendido o evangelho para si próprios são incapazes de expô-lo com suficiente clareza a outra pessoa, para que esta igualmente o entenda e tenha experiência do mesmo Senhor.

Outros acrescentam muitos aspectos verdadeiros, sim, mas irrelevantes, na apresentação do evangelho. A conseqüência é muitos dos seus amigos ficarem confusos. Outros ainda têm uma percepção nítida do conteúdo da mensagem, mas possuem um vocabulário fora do alcance de quem, não-crente, nada sabe da Bíblia. Há algum tempo um estudante crente viajava de carro por uma rodovia da Pensilvânia, acompanhado de um descrente. Em certo ponto viram uma tabuleta em que se lia "JESUS SALVA". O moço descrente comentou com muita sinceridade: "Está aí uma coisa em que nunca pensei antes. Se Jesus economiza, também devo

ser econômico". (Entendeu ele o verbo *salvar* na acepção inglesa de *economizar).*

Na comunicação do evangelho é essencial ver que o Cristianismo não é uma filosofia ou maneira de vida; é uma pessoa viva, Jesus Cristo. A menos que o descrente descubra que se trata de seu relacionamento pessoal com esta Pessoa divina e não a que igreja deva pertencer, de que divertimentos não deva participar, etc, teremos falhado. Nem mesmo a questão decisiva de ser ou não a Bíblia a Palavra de Deus é o ponto central na salvação. Muitos crentes viram-se inibidos ao procurarem começar pela prova de que a Bíblia é a Palavra de Deus. É suficiente mostrar que a Bíblia é um documento histórico digno de confiança; nesta base leve-se a pessoa a confrontar-se com o que Cristo afirma de Si. Depois de depositar no Salvador a sua confiança é lógico que a pessoa assuma para com a Escritura a mesma atitude de Jesus para com ela, a saber, reconhecê-la ser a inspirada Palavra de Deus.

O evangelho, assim, é o próprio Jesus Cristo — quem Ele é, o que fez e como pode ser conhecido numa experiência pessoal.

Porque o evangelho tem por centro uma pessoa, não há uma maneira fixa e mecânica de apresentá-lo. Sempre que conversamos a respeito de uma pessoa, em lugar de usar uma fórmula, sempre começamos pela sua aparência, seu caráter e personalidade, pois isso é o que mais importa no momento. Suponha-se que temos um irmão louro, estudante de Química em certa universidade. Se encontramos alguém que também estuda na mesma universidade, não começamos a conversa dizendo: "Tenho um irmão que é louro, estuda Química na universidade tal". Pelo contrário, dizemos: "Oh, tenho um irmão que estuda lá", e daí passamos para outros fatos que sejam de interesse. Por outro lado, se você encontra alguém que é sósia de um irmão seu, você não começa dizendo que tem um irmão estudante de Química. Antes, o que você diz é: "Você se parece

com um irmão meu". Daí prossegue para outros assuntos.

De maneira idêntica, quando conversamos sobre o Senhor Jesus Cristo, pode ser que em dado momento Sua ressurreição seja o aspecto mais importante de Sua pessoa e obra. Noutra ocasião pode ser a Sua morte; mais adiante pode ser o diagnóstico que Ele fez da natureza humana; de outra vez podemos referir quem Ele é. Afinal, queremos dar cobertura a tudo quanto se informa no evangelho. Cumpre-nos ser versados nos fatos básicos acerca do Senhor Jesus Cristo, fatos que uma pessoa precisa conhecer para se tornar cristã, sendo imperativo saber onde, no Novo Testamento, eles estão documentados.

Fatos Básicos

Quais são alguns desses fatos? Damos a seguir um pequeno resumo deles. Não são, de modo algum, todos os fatos. Os abaixo apresentados, todavia, fornecem pelo menos uma estrutura em que fundamentemos nosso pensamento, e servem de ponto de partida para a apresentação do evangelho. Seguiremos o princípio de usar as palavras de nosso Senhor sempre que possível, e utilizar as referências mais evidentes que houver em apoio dos fatos.

1 . Quem Ele é

Ele é Deus em sentido pleno. Várias passagens do Novo Testamento documentam esta afirmação. As que se seguem figuram entre as mais claras: João 5:18, João 10:10-30 **e** João 14:9. Apresentando o que Cristo afirma de Si, é útil referir Suas palavras sempre que possível, pois há pessoas que insinuam aceitar tão somente Suas palavras. É também importante usar as declarações mais claras possíveis. As que *sabemos* que envolvem uma profecia ou afirmação de Divindade podem não ser claras para os não-crentes, por exemplo Gênesis 3:15, que encerra a promessa de um Salvador.

Ele é homem em sentido igualmente pleno: João 4:6 e

João 11:35.

2. Seu Diagnóstico da Natureza Humana

Em Marcos 7:1-23 Jesus nos mostra que o pecado é uma doença básica, que nos contamina e nos separa de Deus. Seus sintomas são variados e surgem internamente, não externamente. Vale a pena definir o pecado em termos de experiência, e não por meio de proposições. Apenas dizer a alguém que "todos pecaram" não impressiona geralmente. Entretanto, se descrevemos o pecado em termos de experiência, quase sempre todos concordam que eles estão incluídos nisso. Pecado é uma palavra cujo significado é falho para a maioria das pessoas, hoje. Comumente pensam que pecado é uma ou outra espécie de imoralidade. Se não cometem essa espécie definida de imoralidade, ficam extremamente ufanos por não se sentirem pecadores nestes termos. Pecado, no entanto, é basicamente uma doença, a rebelião contra Deus; é seguirmos nosso próprio caminho e não o dEle. Os sintomas variam muito de pessoa para pessoa. Mas a doença e os seus efeitos são universais. Separa-nos de Deus, como folha que se desprende da haste. Esta separação, resultante do nosso pecado, é que responde pelo nosso tédio, solidão, fraqueza moral, falta de objetivo na vida, etc.

3. O Fato e o Significado de Sua Crucificação

Descreve-se isto em cada um dos quatro evangelhos. Em Mateus 26:28 nosso Senhor afirma explicitamente que a Sua morte é "para perdão dos pecados". Pedro, que foi um dos discípulos mais achegados a nosso Senhor, conhecendo por isso com muita clareza o Seu pensamento, declara mui inteligivelmente em I Pedro 3:18: "Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus". Jesus Cristo tomou a Si a sentença de morte que pesava sobre nós como resultado de havermos

quebrado a lei moral de Deus. Tendo assumido o nosso lugar para receber o castigo, pode agora livremente oferecer-nos perdão e restaurar-nos à relação que Deus pretendia na criação.

4. O Fato e o Significado de Sua Ressurreição

Isto está registrado também em cada um dos quatro evangelhos. Talvez a narrativa mais dramática seja a de Lucas 24:36-48. Temos aí o registro da aparição de nosso Senhor aos discípulos na praia do Mar da Galiléia. Ficaram aterrorizados, supondo que viam um espírito; mas nosso Senhor, com aquelas palavras que se tornaram clássicas, disse-lhes: "Apalpai-me e vede, porque um espírito não tem carne nem ossos como vedes que eu tenho". Jesus Cristo ressurgiu dos mortos em forma corpórea, confirmando assim o que afirmara de Sua Divindade. Este simples fato revolucionou os primeiros cristãos; ficaram aterrorizados e aniquilados *na* Sexta-Feira Santa, mas desencadearam o vigoroso movimento cristão em conseqüência do Domingo de Páscoa. A implicação da ressurreição nos tempos atuais e que o Senhor Jesus Cristo é, hoje, uma pessoa viva. j Está vivo e tem o poder de entrar na vida de qualquer pessoal que O convide para isso. E é este poder da ressurreição, disponível hoje, que dá singularidade ao Cristianismo.

5. Como se Tornar Crente

As pessoas precisam saber como conhecer Jesus Cristo pessoalmente, para si mesmas. É neste ponto que muitos, cientes dos fatos, são incapazes de transmiti-los adiante com clareza. Empregam termos vagos, abstratos como crer, ter fé, etc, os quais não descrevem concretamente o que está implícito em tornar-se crente. Parece-me que a declaração mais clara do Novo Testamento sobre como isto se dá é João 1:12: "A quantos o receberam deu-lhes o poder de se fazerem filhos de Deus, a saber, os que crêem no seu nome". Há três verbos ativos nesta declaração : CRER, *receber e fazer-se.* Alguém disse que em se

fazendo crente a pessoa tem *alguma coisa* em que crer e *alguém* a receber. Aí está com propriedade um resumo desse versículo.

É significativo que o casamento seja uma das ilustrações do Novo Testamento do que é ser e tornar-se crente. É óbvio que apenas crer em um rapaz ou em uma jovem, por mais viva que seja essa crença, não realiza o casamento. Se além disso, estiverem ambos dominados por intensa emoção e "perdidos de amor" um pelo outro, ainda só por isto o casamento não está feito. Precisam comprometer-se reciprocamente e trocar o "sim", ao se receberem um ao outro para a vida inteira, estabelecendo assim o relacionamento mútuo. Nisso está envolvida a entrega total do intelecto, das emoções e da vontade. Deve-se crer em Jesus Cristo e pessoalmente recebê-lo na vida, e assim tornar-se filho de Deus. O casamento é a imagem disso: um rapaz começa crendo numa jovem, depois a recebe para participar de sua vida e, deste modo, ficam casados.

Mero assentimento intelectual a fatos não faz de ninguém um crente, assim como o mero assentimento intelectual a fatos não faz o casamento de ninguém. Muita gente se desgosta do Cristianismo porque procede como a pessoa que diz: "Acredito no casamento. Adoro-o. Já li uma dúzia de livros sobre isso, e nos últimos três meses assisti a 15 cerimônias de casamento. Mas, por alguma razão que não entendo, o casamento nada significa para mim". A razão é muito simples: tal pessoa não está casada. O casamento não é uma filosofia número 67 oposta ao celibato 12. Nem o Cristianismo uma filosofia número 78 oposta ao existencialismo 3, agnosticismo 14 ou positivismo lógico 21. Antes é um relacionamento dinâmico com uma pessoa viva, o Senhor Jesus Cristo. Assim como casar-se significa abrir mão de independência, o mesmo acontece com o receber a Cristo. A essência do pecado é viver independentemente de Deus — ir pelo meu caminho e não pelo Seu. A essência do arrependimento é o repúdio a esse princípio egocêntrico e fazer de Cristo e Sua vontade o centro da vida.

Ao nos casarmos temos de pensar na outra pessoa em todas as nossas decisões. Quando— recebemos Cristo, passamos a um relacionamento de consultas com Ele a respeito de todas as áreas de nossa vida. Nossa primeira reflexão há de ser: que pensa Ele e como deseja Ele?

Como, pois, se recebe de fato Jesus Cristo? Em Apocalipse 3:20 Ele compara nossa vida a uma casa, e diz: "Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa, cearei com ele, e ele comigo". Mostrando este versículo a um estudante interessado costumo perguntar: "Suponhamos que alguém chegue à porta do seu quarto e bata. Como você faz para que a pessoa entre?" Ele reflete um momento e responde: "Claro que abro a porta". Digo-lhe: "Exatamente. E depois, que você faz?" Invariavelmente responde: "Mando a pessoa entrar". Comumente o rosto se ilumina, por verificar que é assim mesmo que alguém se torna crente. O Senhor Jesus Cristo está batendo à porta de nossas vidas. Ele não as invade à força, sem ser convidado a entrar, mas aguarda o convite. Este pode ser feito com simples palavras em oração. Quando O recebemos em casa, Ele promete ficar conosco por toda a eternidade.

Fórmula Básica

Não somente necessitamos dos fatos básicos do evangelho para podermos manuseá-los desembaraçadamente, precisamos também de uma fórmula de apresentação (supondo-se que apareça uma oportunidade sem estorvo ou objeção). Tenho um modelo de três fases, muito útil. Em conversa, comumente é possível levar as pessoas a concordar que há no mundo alguma coisa errada. O outro passo é discutir o *diagnóstico* do mal, e ver que, se não se faz um diagnóstico exato, nenhuma cura dinâmica se poderá conseguir. O Senhor Jesus Cristo diagnostica que o homem sofre da moléstia do pecado, a qual fez separação entre ele e o seu Criador. Diz que

esta é a razão fundamental de sofrermos todas as frustrações, problemas, solidão e tédio que vemos ao derredor de nós. A solução destes e de outros muitos problemas é a restauração das relações desfeitas. Chegamos, pois, à prescrição médica que nos leva a cura: o Senhor Jesus Cristo. Esta fórmula: o problema, o diagnóstico e a cura pode ser útil em nos fazer atingir o âmago da questão.

Como já fizemos ver, vivemos numa sociedade incrédula e analfabeta da Bíblia. Esta a razão de ser preciso precaver-nos de modo particular daquilo que Eugene Nida chama "Latim Protestante". Em recente pesquisa descobriu-se que 74% dos escolares de Nova York eram incapazes de identificar com exatidão os primeiros quatro livros da Bíblia. Ficaremos provavelmente muito desapontados se julgarmos que nosso ouvinte tem conhecimento e compreensão da Bíblia. Devemos ser capazes de definir com clareza os termos que para nós têm elevado sentido, mas muito pouco significado para os não-crentes, tais como nascer de novo, regeneração, salvação, estar salvo, propiciação, santificação, justificação. O que de fato queremos dizer com estas palavras? Melhor é sentar-se e escrever uma definição não usando a própria palavra.

Três Passos

Como podemos melhorar o conhecimento e a compreensão que temos da mensagem? Seguem algumas providências de valor prático." Primeiro, escreva sobre o evangelho a um amigo hipotético, que não faz quaisquer objeções, mas ignora o que seja evangelho. Peça a um descrente que leia tudo o que você escreveu e pergunte-lhe o que entendeu. Isto ajuda a ver se você consegue comunicar-se e também dá a oportunidade de transmitir o evangelho a um descrente.

Segundo, você pode explanar o evangelho a um amigo crente, e então adquirir a prática de expressar com precisão o

evangelho a alguém que tenha simpatia. Terceiro, procure expressar verbalmente as boas-novas a um desconhecido, dando mesmo a entender que você está procurando adquirir a prática de transmiti-lo, e que você apreciaria a sua ajuda. De novo você terá a oportunidade de testemunhar, descobrindo depressa os pontos fracos desse testemunho e de sua transmissão. A única certeza de que a comunicação é feita com nitidez está em a outra pessoa poder repetir o que foi dito em termos que possamos entender.

Todo crente é uma testemunha e um embaixador. Como testemunhas e embaixadores temos de saber, com clareza, qual é a nossa mensagem.



É *como V. Excia. estava dizendo, Sr. Embaixador.*

5. Que Razão Temos para Crer

EM nossa era não basta saber o que cremos, como crentes: precisamos também saber *por que* é que cremos. Todo crente deve capacitar-se a defender sua fé. É esta uma responsabilidade espiritual a respeito da qual somos instruídos claramente em I Pedro 3:15: "Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vossos corações, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o; todavia, com mansidão e temor".

Esta ordem não é de obediência facultativa. Podemos alcançar suas razões, boas e práticas. Primeiro, em consideração a nossas próprias convicções em torno da verdade, devemos ter uma pronta resposta. A não ser que estejamos plenamente persuadidos, em nossa própria mente, de que Jesus Cristo é a verdade, jamais transmitiremos eficazmente o evangelho a quem quer que seja. Além disso, nossa própria vida espiritual depressa ficará exaurida. Ninguém há que se ponha em movimento a fazer com vontade uma coisa a respeito da qual não esteja intelectualmente convicto, e continue a agir assim por tempo indeterminado: um colapso emocional manifestar-se-á em breve. Devemos, nós próprios, estar convencidos da verdade.

Segundo, temos a responsabilidade de ajudar o não-crente solícito, que nos faz perguntas francas sobre o Cristianismo. Se de contínuo permitimos que os não-crentes nos façam calar com as suas perguntas, com isto aprovamos a sua incredulidade. Não estou dizendo ser-nos impossível testemunhar eficazmente acerca de Jesus Cristo, se não temos

respostas às perguntas que nos façam. Podemos sempre retroceder ao fato de nossa própria experiência, como o cego de que trata o cap. 9 de João. Quando o apertavam com perguntas que ele não sabia responder, relatou aos que o criticavam: "Uma coisa sei: era cego e agora vejo" (v. 25). Quando não sabemos o que responder a todas as perguntas que nos fazem, sempre é possível firmarmo-nos honestamente no que sabemos: que Jesus Cristo mudou a nossa vida. Não deve, entretanto, ser este nosso único recurso. Temos a responsabilidade de conhecer a fundo as respostas para as perguntas que com freqüência nos fazem.

Duas Atitudes Prejudiciais

Considerando e respondendo as perguntas que os não-crentes fazem, precisamos evitar duas atitudes opostas mas igualmente prejudiciais. A primeira é basicamente anti-intelectual. Algumas pessoas asseveram: "Você não precisa preocupar-se com a sabedoria humana. Nem tente pensar cuidadosamente sobre o Cristianismo". Dão com isto a entender que é errado elaborar, esquadrinhar as idéias. "Não fique atrapalhado com as perguntas das pessoas. Pregue o simples evangelho". O trágico resultado deste parecer é muitos pensadores não-crentes deduzirem do nosso procedimento que as suas perguntas honestas são irrespondíveis. E algumas vezes começamos a desconfiar se estamos ou não de posse da verdade: se nos confrontarmos com os fatos, como eles realmente são, suster-se-á a nossa fé? A atitude anti-intelectual costuma ser um beco sem saída tanto para os não-crentes como para nós.

Segundo, devemos precaver-nos de uma confiança ingênua nas respostas que temos, como se elas por si só trouxessem alguém a Jesus Cristo. Às vezes nos inclinamos a pensar que toda explicação que para nós tem sentido e que a outros tem ajudado é uma vara mágica. Julgamos que saímos

com ela, agitando-a para as pessoas que não têm outra coisa a fazer senão crer.

Naturalmente somos ingênuos pensando assim, porque já vimos que ninguém chama a Jesus, Senhor, exceto pelo Espírito Santo. A menos que o Santo Espírito ilumine a mente de alguém para que veja a verdade, como verdade; a menos que Ele dobre a vontade soberba para submeter-se à autoridade de Jesus Cristo, nenhuma palavra que falemos penetrará. Contudo, nas mãos de Deus a resposta inteligente, dada à pergunta de uma pessoa, bem pode ser o instrumento que lhe abra o coração e a mente ao evangelho. Temos de reconhecer a luta armada, espiritual, em que nós e o inquiridor estamos envolvidos. Paulo deu a razão de o povo não crer: "... o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo" (II Cor. 4:4). Simples informação não os traz à verdade, exceto se uma obra sobrenatural também ocorra para iluminá-los. Muitas vezes Deus, o Espírito Santo, usa de fato a apresentação de um informe como instrumento para trazer alguém à fé em Jesus Cristo.

Prover à Integridade Intelectual

John Stott, reitor de All Souls, na Praça Langham, Londres, falou acertadamente, ao declarar: "Não podemos servir de instrumento à arrogância intelectual do homem, mas cumpre-nos prover o necessário para a sua integridade intelectual". O homem todo, inclusive seu intelecto, emoções e vontade, deve converter-se. Se apenas convertemos o intelecto, e não a vontade, não teremos um crente. No cap. 4 consideramos a insuficiência de mero assentimento mental a determinadas proposições. Por outra parte, um assentimento emocional a Cristo, divorciado da mente e da vontade, significa ainda uma conversão incompleta. A personalidade total — intelecto, emoções e vontade — deve converter-se.

Eu seria o último a dar a entender que nós, como crentes,

temos todas as respostas para os problemas do mundo, ou mesmo todas as respostas para os problemas existentes no Cristianismo. De maneira nenhuma! O filósofo e matemático francês Pascal salientou que a suprema função da razão é mostrar ao homem que algumas coisas ficam além dela. No entanto, nosso Senhor, referindo-Se a Si mesmo, disse: "Conhecereis a verdade, **e** a verdade vos libertará" (João 8:32). Certamente Ele quis dizer que nós temos alguns fatos de valor absoluto sobre os quais alicerçamos nossa vida e nosso destino. Sem eles, teremos muito pouco, como crentes, a oferecer ao mundo de hoje.

Fico transtornado com uma atitude que às vezes descubro entre os crentes, bem como entre os incrédulos: a idéia de que a *busca* da verdade é tudo, é o que vale de fato. As pessoas não querem mesmo qualquer resposta porque isso poria fim ao seu jogo. Para eles a busca da verdade é tudo. A verdade em si tem poucos atrativos — fato que muitas vezes justificam, dizendo: a verdade é inatingível. Resulta daí darem a qualquer resposta a conotação de resposta engatilhada ou planejada. Isto para mim é uma idéia perigosa. Uma resposta válida não está necessariamente na ponta da língua. Uma resposta com esta característica é traída pelo modo como é dada. Uma resposta adrede preparada sai como a canção gravada que se ouve ao lançar a moeda na abertura da máquina. A resposta que leva em consideração os antecedentes do inquiridor e a sua pergunta, e que irresistivelmente fere o ponto visado não é resposta engatilhada. Não podemos modificar os fatos para fazê-los adaptarem-se às pressuposições de alguém, mas é possível apresentá-los como um desafio à sua integridade intelectual. Não fujamos de uma declaração honesta da verdade que temos recebido.

Graus Universitários Não São Necessários

Ao pensarmos nas perguntas das pessoas, muitas vezes deixamos que o volume de elucidações que existem sobre elas e

que não conhecemos a fundo venha nos oprimir. Para darmos respostas efetivas, julgamos ser preciso primeiro conquistar alguns graus universitários e adquirir conhecimento lendo alguns milhares de livros. Só em pensarmos nisto uma ansiedade toma conta de nós. E então concluímos: **"É impossível. Penso que** tenho que dar testemunho não desta forma". Entretanto, com o privilégio que tenho tido de falar a centenas de ouvintes não-crentes, em quase duzentas universidades seculares tanto na América como no exterior, tenho aprendido que não é este o caso. Ao começar, pensei que não sobreviveria. Meu primeiro debate evangelístico alguns anos atrás foi na Universidade de Kansas (logo onde!) num salão reservado a bolsistas. Pensei: "Senhor, por que hei de começar numa destas sedes reservadas a estudantes inteligentes, com bolsas de estudo? Vão colocar-me numa situação difícil!" Embora não esperasse continuar vivo passada aquela noite, sobrevivi pela graça de Deus e por Sua bondade; e além disso um estudante se tornou crente naquela noite mesmo e até hoje é um servo fiel de Jesus Cristo. Desde então comecei a adquirir algumas valiosas informações. Descobri algumas das perguntas que os não-crentes trazem na mente. À medida que viajava para outras faculdades e falava mais e mais com estudantes, um determinado padrão de perguntas começou a aparecer com as questões que me propunham.

Em qualquer aspecto da vida todos tememos o desconhecido. Por que não gostamos de sair batendo de porta em porta? Alguns de nós se arrepiam todo só de pensar nesta idéia. Temos medo porque não sabemos o que está atrás da porta. Por que as pessoas têm medo da morte? Enquanto não recebemos Jesus Cristo, a morte é um grande mistério para nós. Qualquer experiência que envolva algo desconhecido é difícil. Foi grande o problema que enfrentei nos meus primeiros debates, porque não sabia o que me estava esperando. Hoje, porém, posso prever, com bastante precisão, as perguntas que

me farão em qualquer debate com descrentes. É possível que algumas perguntas fujam ao padrão, porém a maioria enquadra-se em uma de várias categorias básicas.

Incidentalmente, dirigi há pouco uma reunião informal de estudantes no grêmio de uma Faculdade evangélica. Conversei com eles por um pouco, como costumo fazer em tais grêmios, e depois facultei a palavra a quem quisesse fazer perguntas. Penso ser muito significativo o fato de eles terem feito toda espécie de perguntas que eu nunca ouvira nos meus quinze anos de visita a universidades seculares. Muitas de suas perguntas foram formuladas em termos teológicos evangélicos, ou envolviam temas como as aparentes contradições da Bíblia. A maioria dos não-crentes em universidades seculares nada sabem da Bíblia, e por isso fazem mais perguntas básicas. Esta comparação mostra que a mente da média dos estudantes de uma instituição evangélica e a mente da média dos estudantes não-crentes tendem a percorrer canais diferentes. Embora compreensível esta diferença, cria um problema para os crentes que procuram relacionar-se com os descrentes. Precisamos conhecer as respostas para as perguntas que os descrentes fazem de fato, e não apegar-nos exaustivamente a uma dúzia de coisas de que não cogitam. Se temos respostas certas para as perguntas erradas, nossa ajuda é pequena.

Na Universidade de Geórgia, recentemente, um dos moços de nossa turma ficou realmente impressionado pela maneira como certas perguntas apareciam de contínuo. Havia lido meus pequenos artigos transcritos da revista HIS: "Que Perguntas Fazem os Descrentes", e observou: "Saiba que é absolutamente fantástico. Estive em três grêmios até agora nesta semana, e praticamente todas estas perguntas surgiram toda vez!" Assim, sua primeira experiência num confronto direto com as perguntas dos não-crentes confirmou o padrão. Porque existe um padrão para as perguntas que nos fazem, não temos que sair a ajuntar montes de informações para respondê-

las. Se refletirmos bem sobre as respostas para as perguntas comuns e básicas, ganharemos confiança e estaremos aptos a ajudar a quem no-las fizer.

Sete Perguntas Básicas

Repetidamente em universidades seculares os estudantes fizeram-me sete perguntas básicas — variando o tema às vezes um pouco. Gostaria de apresentar, concisamente, algumas das respostas que dei. Você pode, sem dúvida, melhorá-las.

1. E os pagãos?

Não-crentes e também muitos crentes com bastante freqüência perguntam sobre os pagãos. "Que aconteceu à pessoa que nunca ouviu falar de Jesus Cristo? Será condenada ao inferno?" De início, penso que temos que reconhecer que não temos informação completa sobre como Deus vai tratar essa gente. Ele não nos revelou. Certas coisas somente Deus conhece. Em Deuteronômio 29:29 lemos: "As coisas encobertas pertencem ao Senhor nosso Deus; porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre". A respeito de certos assuntos Deus não revelou totalmente Seu plano; este é um exemplo. Nosso interesse deve fixar-se no que Ele tem revelado. Todavia, sobre esta questão a Escritura oferece-nos alguns pormenores que devemos ter em mente.

Primeiro, Deus é justo. Tudo nos indica que podemos confiar em Seu caráter. Podemos confiar que o que Ele fizer, seja o que for, com aqueles que nunca conheceram a Jesus Cristo, será justo. Todos os dados ao nosso dispor indicam que o caráter de Deus é justo.

Segundo, ninguém será condenado por rejeitar Jesus Cristo, de quem nunca soube; ao invés disso será condenado por violar seu padrão de moral, elevado ou baixo que seja. O mundo inteiro — todas as pessoas, quer tenham ouvido falar dos Dez Mandamentos, quer não — está em pecado. Romanos

cap. 2 diz-nos claramente que toda pessoa tem alguma espécie de padrão, e que em todos os graus de cultura as pessoas conscientemente violam o padrão que possuem. A antropologia confirma este fato. Paulo escreve:

Todos os que pecaram sem conhecimento da Lei perecerão sem qualquer referência à Lei; e os que pecaram conhecendo a Lei, segundo a Lei serão julgados. Não é o conhecimento, mas a obediência à Lei que justifica o homem na presença de Deus.

Quando sem conhecerem a Lei, os gentios procedem em conformidade com ela à luz da natureza, já manifestam a existência da Lei no coração, mostrando os seus efeitos a agirem lá no íntimo. As consciências abonam a existência da Lei, porque há algo que condena ou recomenda as suas ações.

Podemos ter a certeza de que tudo isto será tomado em conta no dia do juízo, quando Deus vier julgar as vidas secretas dos homens, através de Jesus Cristo, conforme o afirma devidamente o meu evangelho. Romanos 2:12-16(*)

Terceiro. A Escritura indica que todo homem possui suficiente informação recebida da natureza, para saber que Deus existe. É o que está declarado em Romanos 1:19-20: "Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder como também a sua própria divindade claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são por isso indesculpáveis". O Salmo 19 confirma este fato. De Mateus 7:7-11 e Jeremias 29:13 podemos concluir que, se alguém responde à luz que tem e procura a Deus, o Senhor lhe dará uma oportunidade de ouvir a verdade acerca de Jesus Cristo.

Quarto. Não há na Bíblia nada que indique poder alguém

salvar-se a não ser por Jesus Cristo. Isto é muito claro. Nosso Senhor, Ele próprio afirmou em João 14:6: "Respondeu-lhe Jesus: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim". Jesus falava com autoridade divina. Por causa do que Ele é e do que realizou na cruz, é óbvio que não há outro caminho para Deus. Somente Ele expiou nossos pecados. Ele é a única ponte lançada sobre o abismo que separa os empreendimentos humanos mais altos que possa haver, do padrão infinitamente santo de Deus. Pedro não deixou lugar a dúvidas na categórica afirmação que fez em Atos 4:12: "E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos". Isto faz pesar tremenda responsabilidade sobre nós que nos chamamos crentes; precisamos diligenciar para que ouçam o evangelho os que ainda não ouviram.

(*) Cartas as Igrejas Novas, tradução de J. B. Phillips

A *última* coisa a salientar à pessoa que levantou esta questão é a absoluta clareza da Bíblia a respeito do julgamento que espera aqueles que têm ouvido o evangelho, entre os quais encontra-se essa pessoa. Ao se confrontar com Deus, não é o caso dos pagãos que interessará. Terá ela de dar conta do que pessoalmente fez de Jesus Cristo. Comumente alguém levanta a questão dos pagãos como cortina de fumaça, a fim de se evadir de sua responsabilidade pessoal. Precisamos responder esta pergunta no interesse próprio de quem no-la faz. Igualmente precisamos refletir nela para nosso convencimento e confiança. Mas, chegando ao fim do debate, devemos focalizar a própria pessoa e a sua responsabilidade: Que vai fazer de Jesus Cristo? O livro *The Case for Christianity* (A Razão do Cristianismo) de C. L. Lewis apresenta uma dissertação mais desenvolvida sobre a lei moral, inerente no universo.

2. É Cristo o Único Caminho para Deus?

A segunda pergunta, corolário ou ligeira variante da primeira, é a seguinte: "O muçulmano, ou budista, ou hindu sincero não adoram o mesmo Deus dos cristãos, mas sob um nome diferente?" Em outras palavras: "É Jesus Cristo realmente o único caminho para Deus"?

Sinceridade ou intensidade de fé não podem criar a verdade. A fé tem o valor do objeto que ela tem por alvo. O crer não faz só por si algo verdadeiro, e a recusa de crer numa verdade não a torna falsidade. O que importa é a questão da verdade. Comparemos Islamismo com Cristianismo, por exemplo. No que tange à moral e à ética é possível achar muitas semelhanças entre eles, mas as duas fés são diametralmente opostas na questão mais decisiva: Quem é Jesus Cristo? O Islamismo nega que Jesus Cristo seja Deus, o Filho. Nega que Ele morreu na cruz e ressurgiu dos mortos. O Cristianismo, por seu lado, afirma e dá realce ao fato de que Jesus Cristo, o Filho de Deus, morreu na cruz pelos nossos pecados e depois ressuscitou dentre os mortos. Uma fé e outra não podem, simultaneamente, ser verdadeiras neste particular. Uma é correta; a outra é incorreta. Se este ponto crucial do Cristianismo envolve uma falsidade, nossa fé nada vale.

Esta questão de outras religiões tem alguns aspectos emocionais que precisamos procurar vencer ao debatê-la. Queremos que as pessoas vejam que os crentes não são vítimas de fanatismo nem preconceito ou presunção quando afirmam que Cristo é o único caminho para Deus. Como crentes não temos outra coisa a escolher, porque o próprio Jesus Cristo o disse. Embora alguém possa preferir crer no que quiser, nenhum direito tem de redefinir o Cristianismo em seus próprios termos. Se vamos ser fiéis a Jesus Cristo, temos que nos firmar no que Ele disse. É perfeitamente óbvio, se Ele é Deus, esta é a única resposta. Reconhecendo isto, ninguém deve

pensar que se fôssemos menos fanáticos, nosso grêmio ou "comunidade" poderia reunir-se e alterar as regras do quadro social. Tal sugestão é de todo descabida. Lidamos com a verdade que veio a nós por revelação, mediante o próprio Deus em Jesus Cristo que entrou na história humana.

Uma ilustração tem muitas vezes ajudado a esclarecer este ponto. Em alguns setores da vida as penalidades pela transgressão das leis são determinadas pelo voto da sociedade. Por exemplo, há um sinal de parada numa esquina. Pelo voto a comunidade local pode decidir se um avanço contra o sinal sujeita o infrator à multa de Cr$ 20,00, Cr$ 50,00 ou Cr$ 500,00. Ou pode abolir as multas. A penalidade não é conseqüência imediata do ato de avançar sobre o sinal; a pena legal não é inerente à infração. Mas em outros setores da vida, como no domínio da Física, encontramos leis não fixadas pela sociedade. Suponha-se que a nossa comunidade resolvesse unanimemente suspender a lei da gravidade durante uma hora por dia, das 8 às 9 da manhã. Quem me acompanharia em pular das alturas de um telhado abaixo para comprovar essa suspensão? Suponha-se que a resolução fosse tomada três vezes. Ainda assim eu não arranjaria quem viesse comigo. Não decidimos em sociedade a pena da violação da lei da gravidade; essa pena está ligada à própria violação. Mesmo se continuássemos tomando aquela decisão por toda a vida, o fato permaneceria: se eu saltasse de cima do telhado para o leito da rua alguém teria de remover com uma pá os pedaços do meu corpo! No domínio da moral, como no mundo físico, existem leis que não são fixadas pelo voto da comunidade. Discernimo-las daquilo que Deus revelou acerca da lei que é inerente ao universo. Dorothy L. Sayers tem outros pensamentos úteis sobre este assunto, no livro *The Mind of the Maker* (A Mente do Criador).

3. Por que Sofrem os Inocentes?

A terceira pergunta que fazem com freqüência refere-se ao problema do mal. "Se Deus é todo-bondoso e todo-poderoso, por que os inocentes sofrem? Por que algumas crianças nascem cegas, ou mentalmente defeituosas, ou deformadas? Por que são permitidas as guerras? Por quê. . . ?" Ou Deus é todo-bondoso, mas não bastante poderoso para eliminar doenças e desastres, ou é todo-poderoso porém não todo-bondoso e, por conseguinte, não acaba com tudo quanto é mal. Uma vez mais julgo que devemos admitir nossa ignorância, em parte. Não temos completa explicação da origem e do problema do mal, porque Deus quis revelar-nos apenas uma parte desta questão. Não obstante, somos informados claramente que Deus criou o universo perfeito. Ao homem foi dada liberdade de obedecer ou desobedecer a Deus. O mal entrou no universo pela desobediência do homem. Devido à própria configuração ou feitio do universo, as ações do homem não se circunscrevem a ele só, mas sempre envolvem outras pessoas. Porque o homem desobedeceu e quebrou a lei de Deus, o mal espalha-se pelo universo.

Debatendo esta questão, não devemos esquecer a presença do mal em cada um de nós. Muita gente pergunta: "Por que Deus não intervém e expulsa o mal? Por que não dá fim às guerras?" Não vêem que, se Deus executasse o juízo uniformemente, nem um de nós sobreviveria. Suponha-se que Ele decretasse: "Hoje à meia-noite todo o mal será varrido do universo". Qual de nós estaria aqui a uma da madrugada?

Depois de salientarmos o problema pessoal do homem às voltas com o mal, necessitamos notar que Deus tem feito tudo quanto é preciso para enfrentar este problema. Ele não somente entrou na história humana, na pessoa do Senhor Jesus Cristo, como também morreu para resolver o mesmo problema. Todo indivíduo que, de bom grado, O aceita, recebe o dom do amor, da graça e do perdão em Jesus Cristo. Como C. S. Lewis observou, é ocioso especularmos acerca da origem do mal. O

problema que todos nós enfrentamos é o *fato* do mal. A única solução deste fato é a solução de Deus, Jesus Cristo.

4. Como é Possível Haver Milagres?

A questão número quatro versa sobre milagres, contrapondo-se naturalismo a supranaturalismo. "Como é possível haver milagres? Nesta era científica, como pode uma pessoa inteligente, que leva em consideração a ordem estabelecida no universo, crer neles?" Se não atingimos a raiz desta questão, desperdiçaremos longas horas discutindo se Cristo podia andar sobre as águas, se de fato alimentou os cinco mil com cinco pães e dois peixes, se os filhos de Israel passaram pelo meio do Mar Vermelho, etc. Só podemos deslindar esta questão se descermos à sua pressuposição básica. No fundo, a questão é se Deus existe, ou não. Se Ele existe, então há lógica para os milagres, não oferecendo eles nenhuma contradição intelectual. Um amigo japonês disse-me certa vez que não podia crer que um homem se fizesse Deus. Percebi num instante o seu problema e lhe retruquei: "Dr. Fukuma, já houve um tempo em que eu também pensava assim. Mas posso crer, sem dificuldade, que Deus se fez homem". A diferença entre estes dois conceitos é incalculável. Definimos Deus como todo-poderoso. Ele pode intervir e intervém mesmo no universo por Ele criado.

Ultimamente me têm perguntado: "Como posso saber que Deus existe?" Várias respostas sugerem a existência de Deus.

Uma é o argumento do desígnio ou propósito. Se o meu relógio de pulso, quase sem complicações como ele é, não veio a existir "por acaso", parece ilógico e ingênuo pensar que o universo, com sua infinita complexidade, tenha aparecido "casualmente". Um argumento semelhante baseia-se na lei de causa e efeito. Como seres humanos, se possuímos intelecto, emoções e vontade, admitimos que houve uma causa maior do

que isso para nos trazer à existência. Todavia, estas respostas enfrentam argumentos contrários e alguma evidência parece anulá-las. Assim, pois, devemos considerá-las idéias que podemos aludir, e não provas conclusivas da existência de Deus.

A maior indicação da existência de Deus é Ele ter vindo na história humana. Como observa J. B. Phillips, nós somos "o planeta visitado". Respondendo qualquer uma destas perguntas, devemos findar referindo a mesma solução: Jesus Cristo. Sei que Deus existe, não por causa de todos os argumentos filosóficos que haja a favor ou contra, mas porque Ele entrou na história humana mediante Jesus Cristo, tendo-0 encontrado pessoalmente em minha vida. Nossa resposta começa com Ele. Porque Jesus Cristo afirma de Si que é Deus, temos de investigar se as Suas credenciais comprovam essa afirmação. Afinal, qualquer pessoa poderia fazer essa afirmação. Eu poderia, você também. Um cidadão de Filadélfia declara-se Deus, chamando a si mesmo "Pai Divino". Com que credenciais, no entanto, ele comprova essa declaração? Ouso dizer que eu poderia refutar tal afirmação de sua parte em cinco minutos, e você poderia fazer o mesmo comigo em dois. E não é difícil fazer isto com relação ao tal homem de Filadélfia. Mas no caso de Jesus Cristo a coisa não é tão simples assim. Suas credenciais confirmam o que Ele afirma de Si. A suprema credencial, naturalmente, é o fato de Sua ressurreição dentre os mortos.

Auxiliando um descrente a refletir enveredando na base intelectual do Cristianismo, nossa melhor defesa é uma boa ofensiva. Não queremos estar a responder perguntas o tempo todo. Podemos formular algumas perguntas a ele também. Já que ele não crê, ele tem algumas perguntas a responder. "Em qual das outras três alternativas acerca de Jesus Cristo você crê, uma vez que não acredita que Ele era a Verdade?" Há somente quatro possíveis conclusões a respeito dEle e do que declarou de Si. Ou Ele foi um mentiroso, ou lunático, ou pessoa lendária,

ou a Verdade. Quem não crê que Ele é a Verdade, há de classificá-Lo de mentiroso, lunático, ou pessoa lendária. Os não-crentes, em geral, não vêem isto. Cabe-nos, então, fazê-los ver; dizendo que não crêem, restam-lhe apenas três alternativas.

"Em qual alternativa você acredita, e que prova pode apresentar em abono da mesma? Era Ele mentiroso?" Mesmo aqueles que negam Sua divindade invariavelmente se apressam a afirmar que Jesus foi um grande filósofo e professor de moral. Dizer que este bom professor era mentiroso seria fazer afirmações contraditórias entre si. Certo que parece improvável tenha Ele mentido em torno do ponto mais decisivo do Seu ensino, a saber, Sua divindade.

Talvez, quem sabe? Ele era lunático. Esta conclusão não destruiria Sua integridade moral: Ele cria que procedia acertadamente, porém padecia de impressão falsa de grandeza. Vemos hoje pessoas assim, a imaginarem que são Napoleão, ou até mesmo Jesus Cristo. A dificuldade com esta conclusão é que os sintomas clínicos de paranóia, como a conhecemos hoje, não calham nas características da personalidade de Jesus Cristo. Na Sua vida não há vestígios do desequilíbrio característico desses pobres pacientes. Vejamos, por exemplo, a Sua morte, a tremenda pressão que pesou sobre Ele. Sua compostura, nessa ocasião, não é característica das pessoas que padecem distúrbios mentais. O registro bíblico desse transe não evidencia que Ele fosse paranóico, ou que sofresse de outras desordens psíquicas.

A terceira alternativa é que os registros que temos a respeito de Jesus Cristo não passam de fábula. Ele nunca fez algumas das declarações que Lhe são atribuídas. Seguidores Seus, do terceiro ou quarto século, levados por um entusiasmo excessivo, é que Lhas puseram na boca. Ele estremeceria na Sua sepultura se soubesse o que dEle tem sido escrito. Entretanto

a moderna arqueologia a cada passo torna impossível manter esta teoria. Por exemplo, descobertas recentes confirmam a crença de que a documentação do Novo Testamento foi escrita quando ainda viviam os contemporâneos de Jesus Cristo. A evolução de uma lenda aprimorada haveria de exigir um período de tempo mais longo. O povo naquela época de cepticismo não daria guarida a semelhante fábula nem a divulgaria, como igualmente não é provável que os nossos contemporâneos de hoje espalhem a notícia fantástica de que o falecido Presidente Franklin D. Roosevelt tenha declarado ser Deus, ter o poder de perdoar pecados e de se levantar dos mortos. Muitos que conheceram o Presidente Roosevelt ainda estão vivos. Tantos seriam os testemunhos em contrário que o boato jamais tomaria pé.

Debatendo a existência de Deus, precisamos considerar também com o nosso interlocutor o que significa provar ou não provar a existência de Deus. Sem se dar conta a isto, ele provavelmente espera uma prova segundo o método científico. Não podemos jamais provar Deus por este método, o que não quer dizer, porém, que nossa causa esteja perdida. O método científico, como meio de verificação, limita-se a aspectos mensuráveis da realidade. É incapaz, portanto, de verificar muitos aspectos da vida. Ninguém jamais viu um metro de amor ou um quilo de justiça, no entanto não negamos que exista amor e justiça. Insistir que tudo precisa submeter-se ao método científico de verificação seria tão ridículo quanto teimar em medir o gás cloro com um microfone. Não é esta a finalidade dos microfones; não podemos pretender que eles façam aquilo para o que não têm capacidade, nem negar a realidade do gás num determinado processo!

Outra ilustração do método científico de verificação é a sua necessidade de repetição; esta repetição faz parte do método científico. Ora, acontece que a história não se repete. Uma vez que ninguém vai em tempo algum ser uma repetição de

Napoleão, podemos dizer enfaticamente que não podemos provar que ele já existiu (pelo método científico, diga-se de passagem). Mas, que prova isto? Não prova muito. Pelo fato de não podermos fazer que a história se repita, fica ela fora do escopo do método científico de verificação. Existe, porém, a ciência História. Examinando-se os dados existentes que militam a favor do Cristianismo e em particular a evidência em prol da ressurreição, deparamos com uma causa firme em que basear nossa convicção. São estas as idéias que nos cumpre sugerir a uma pessoa que assume a posição essencialmente materialista, baseada nas pressuposições racional istas e que afirma que, por não existir o sobrenatural, não é possível haver milagres. Quando alguém começa com tais pressuposições, evidência nenhuma o convencerá da verdade. Se você começasse por negar a possibilidade dos milagres, que evidência o convenceria de que algum ocorreu? Nenhuma. As pessoas que dizem: "Se Deus me aparecesse agora, eu creria nEle", são muito ingênuas. Acontecesse o que acontecesse, haveriam de explicar a ocorrência em termos naturalistas, sem cogitarem de milagre. Cristo aludiu a este problema \ em Lucas 16:28-31, quando o rico no inferno pediu a Abraão que mandasse Lázaro a avisar seus irmãos. Abraão lembrou--lhe: "Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos". Mas o rico insistiu: "Não, pai Abraão, se alguém dentre os mortos for ter com eles, arrepender-se-ão". Abraão retrucou-lhe: "Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tampouco se convencerão, mesmo que algum dos mortos ressuscite". O princípio ainda vige hodiernamente. Os dados que temos acerca da visita que Deus fez a este planeta constituem base suficiente de fé. Quando alguém recusa aceitar esta evidência, nenhuma outra mais o convencerá.

5. A Bíblia Não Está Cheia de Erros?

A quinta questão: "Como você concilia sua fé com o fato

de estar a Bíblia tão cheia de erros?" Põe-se em dúvida a fidedignidade da Escritura. Para começar, perguntemos que erros em particular a pessoa tem em mente. Noventa e nove por cento das vezes as pessoas não podem citar nenhum. Já ouviu alguém dizer que a Bíblia está eivada de contradições e acreditou piamente. Algumas vezes, porém, uma pessoa tem em mente um problema específico. Se você não tem resposta para esse caso particular, não entre em pânico. Pelo contrário, sorria sem preocupação e diga-lhe: "Não tenho resposta para o caso apresentado, mas terei prazer em averiguá-lo para você". Volumes têm sido escritos sobre alguns desses tópicos. Depois de dois mil anos, ninguém vai pensar agora que pode esmagar o Cristianismo com um caso destes.

Se a pessoa não leu a Bíblia, temos aí uma indicação razoável de sua falta de sinceridade em contestá-la e pô-la em dúvida. Mas não lhe diga isto. Em nenhuma circunstância devemos "gozar" alguém ou persuadi-lo com palavras de ridículo. É atitude fatal, esta, quando conversamos com alguém a respeito de assuntos sérios. Alguns dos maiores danos à fé cristã têm sido causados por aqueles que, apesar de bem intencionados, procuram ganhar a questão ridicularizando o ponto de vista do adversário. Só têm levado o evangelho à desonra.

A Bíblia contém, com efeito, algumas contradições aparentes. Entretanto esses nossos amigos provavelmente não percebem que repetidamente uma aparente contradição tem sido elucidada pelas descobertas da arqueologia moderna. O Dr. Nelson Glueck, notável arqueólogo judeu, faz a seguinte afirmativa extraordinária: "Jamais uma descoberta arqueológica refutou um fato sequer aludido na. Bíblia".(*) E é um dos arqueólogos de maior evidência no mundo quem faz esta declaração fenomenal. Quanto àqueles conflitos até agora não resolvidos, entre a Bíblia e a história, nossa atitude lógica é aguardar para ver o que outras evidências vão trazer à luz. Não

possuírmos todas as respostas para todos os problernas. Todavia, todos os dados justificativos, até agora surgidos, certamente dão a entender que podemos confiar nos registros bíblicos em tomo das minúcias que ainda parecem discutíveis.

(*) Nelson Glueck, Rivers in the Desert (Nova York, Grove Press, 1960), p. 31.

A teoria da evolução é um problema no trabalho da evangelização apenas enquanto conduz a uma conclusão ateísta. Não é prudente alguém envolver-se numa discussão técnica sobre evolução porque ela não é a verdadeira questão. Costumo perguntar: "Que conclusão você tira do seu ponto de vista evolucionista — que o universo apareceu por uma casualidade? Ou acha que Deus criou o universo empregando certos processos de evolução? Minha convicção não é esta, mas suponhamos por um momento que este ponto de vista seja correto. Que conclusão você tira dele?" Daí dirijo sua atenção para o que Jesus Cristo disse e fez. *De que modo* Deus trouxe o universo à existência não é tão importante como *é o* Fato de ter sido *Ele* quem o fez existir. A pressuposição de alguém e não a evidência efetiva é que muitas vezes determina a sua conclusão. Se a pessoa dá a entender que Deus não é o autor da criação e que o universo apareceu por acaso, então precisamos debater com ela este problema. Alegações aparentemente firmes para o ponto de vista naturalista só se podem fazer quando se ignora a evidência favorável a Jesus Cristo. Quem quer, entretanto, ser intelectualmente honesto tem que se ater a Ele. Um número espantoso de não-crentes inteligentes nunca de fato refletiu nas evidências que há favoráveis a Jesus Cristo.

6. Não é Apenas de Natureza Psicológica a Experiência Cristã?

Esta sexta questão é sutil **e** pode assumir aspecto

pessoal: "Não é possível explicar a experiência cristã em termos puramente psicológicos?" Algumas pessoas dão a entender que só temos fé porque fomos criados, desde nossa primeira infância, com esta maneira de pensar e de viver. Julgam que fomos amestrados como os cachorros de Pavlov. Elas reduzem a situação a termos ínfimos. Quem quer que tenha viajado muito e encontrado outros crentes sabe que esse aludido condicionamento não explica muitas conversões, porque tais convertidos têm saído de meios que mal se podem imaginar. Milhares deles não tiveram, em criança, contacto nenhum com o Cristianismo.

Não obstante, cada um deles testifica haver sido sua vida transformada por um encontro pessoal com Jesus Cristo. Nos seus estudos, o psicólogo procura manter constantes apenas um ou dois fatores. Para averiguar sua conclusão ele precisa eliminar tantas variáveis quantas possível. Mas, comparando-se umas com as outras as vidas dos crentes, o Senhor mesmo é o único fator constante. Da história de um à história de outro todos os outros fatores podem variar. Somente Ele permanece o mesmo em todas. Somente Ele, com o Seu poder, pode fazer de um ladrão uma pessoa honesta, de um libertino uma pessoa casta, de um mentiroso uma pessoa veraz, sincera. Ele é quem pode encher de amor um coração atormentado de ódio.

Outras pessoas de mentalidade psicológica asseveram que as idéias de realidade espiritual são em sua essência o sentimento de desejos concretizados. Toda experiência religiosa, afirmam eles, remonta à sensação da necessidade de Deus por parte de alguém, o que lhes imprime na mente uma imagem, e depois adoram essa projeção mental. Sua suposta realidade espiritual, naturalmente, ressente-se de qualquer realidade objetiva. Repetidas vezes ouvimos dizer que religião é muleta de quem não pode avançar na vida. Este ponto de vista levanta uma questão valida, que precisamos considerar.

Como é possível saber que não nos temos hipnotizado

para crermos no que queremos crer? Se nossa experiência espiritual é apenas resultado da realização de desejos ou de pensamento positivo, devemos ser capazes de considerar qualquer objeto, um órgão por exemplo, como sendo Deus. Se pensamos bastante tempo que o órgão é Deus, ele vai tornar-se Deus para nós; e então eis aí, temos uma experiência subjetiva. Mas qual é a nossa prova testemunhai objetiva desta experiência subjetiva?

Experimentemos outra situação. Suponhamos que alguém penetre na sua sala com um ovo frito bambaleando sobre o ouvido esquerdo, e diga: "Rapaz, este ovo frito é o máximo! Dele me vem alegria, paz, satisfação e propósito de vida. É fantástico, moço — este ovo frito é isto mesmo!" Que dirá você?

Em última análise você não pode contestar a experiência. Aí está por que o testemunho cristão é tão eficaz; ninguém o contesta. E você não pode discutir na base de experiência com o sujeito do ovo frito.

Mas você pode investigar sua experiência fazendo-lhe várias perguntas decisivas (as mesmas que todo crente deve estar preparado para responder a respeito da sua própria experiência). Como sabe que é o ovo frito e não auto-hipnose o que lhe está dando essa satisfação e paz? Quem mais auferiu os mesmos benefícios do ovo? A que fato objetivo se prende esta experiência? O Cristianismo difere da auto-hipnose, da realização de desejos e de todos os outros fenômenos psicológicos pelo fato de ser a experiência subjetiva do crente ligada firmemente a um fato objetivo, histórico, a saber, a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos.

Um professor de semântica da Universidade da Califórnia, em Berkeley, assistiu recentemente a uma série de palestras, das quais eu fui o orador. Ele era completamente relativista no seu pensamento. Bem no meio de minha palestra levantou-se no auditório interpretando (e logo refutando) o que

eu dissera. Admito que fez isto com boa intenção, mas foi também um tanto embaraçoso. Chegou a veicular a idéia popular de que o que nós cremos é verdade para nós, porém não necessariamente para os outros, e usou a seguinte ilustração: Um homem estar amarrado aos trilhos de uma estrada de ferro, em conseqüência de um trote de calouros de um grêmio universitário. Quando o trem passa silvando nos trilhos ao lado, o homem morre da um colapso cardíaco, por não saber que o trem está passando em outros trilhos, não naqueles a que está preso. Quanto a ele propriamente o trem bem que podia vir correndo e alcançá-lo. Ele acreditou que sim e isto para ele era a verdade. Vê então — o que é verdade para você pode não o ser para mim. Repetidas vezes procuramos mostrar àquele professor a diferença significativa que existe no Cristianismo, o fato da ressurreição. Lá pela quarta vez a coisa mudou. De pé, junto ao quadro-negro, com um pedaço de giz na mão, de súbito estacou no meio de uma sentença, e disse: "Hum. . . sim, isso faz com efeito uma diferença", e sentou-se.

Se a ressurreição é verdadeira, ela faz tudo diferente no mundo. Ela é a confirmação do fato de que Deus se revelou em Cristo, é verdade absoluta, fato histórico fora de nós mesmos, fato objetivo a que se prende nossa experiência subjetiva. Precisamos manter estes dois fatos, o objetivo e o subjetivo, em sua perspectiva própria. O fato de Jesus Cristo ter ressuscitado dentre os mortos nada significará para mim, pessoal ou experimentalmente, enquanto não O receber como Senhor e Salvador em minha própria vida. Por outra parte, se possuo apenas minha experiência, mais cedo ou mais tarde começarei a desconfiar se ela é real ou simplesmente auto-sugestão. Preciso reconhecer que minha experiência fundamenta-se no sólido alicerce de um fato objetivo da história.

Desejando-se um sumário breve e útil deste ponto, leia-se o livrinho da Inter-Varsity Press, *Evidence for the Ressurrection,* de J. N. D. Anderson, professor de Direito

Oriental na Universidade de Londres. Ele apresenta a evidência e as várias alternativas que têm sido aventadas para explicar a ressurreição, mostrando por que, à luz dos dados existentes, toda essa explicação é inadequada, insuficiente.

7. Uma Vida Virtuosa Não Me Levará ao Céu?

A sétima pergunta reflete uma atitude generalizada em nossa época. "Não basta eu viver uma vida de boa moral para chegar ao céu?" Ou como disse um estudante da Universidade de Duke após um debate: "Se Deus atribui notas fazendo contas de chegar, eu sairei aprovado". Suas palavras resumem a confusão de hoje sobre religião em geral. A maioria das pessoas aceita esta filosofia de só precisarmos fazer o máximo que nos for possível e então tudo ficará certo ou, pelo menos, por um triz não vai sair errado. Nesta esperança fantasiosa, anelante, observamos um otimismo incrível acerca da justiça humana e uma espantosa ignorância sobre a santidade infinita de Deus:

Ele não atribui notas fazendo contas de chegar. Ele tem um padrão absoluto, Jesus Cristo.

A luz, quando ligada à corrente, acaba com a escuridão. De igual modo, o caráter de Deus tanto refulge em sua pureza que consome todo o mal. Sendo nós o que somos, não poderíamos permanecer em Sua presença, mas seríamos consumidos, dada a corrupção de nossas vidas. A justiça perfeita de Jesus Cristo é a única base em que nos é possível chegar à companhia do Deus vivo.

Uma ilustração ajuda essas pessoas a ver como compreendem mal o assunto em foco. Suponha-se que toda a humanidade se enfileirasse na Costa Ocidental dos EUA com um objetivo: chegar ao Havaí a nado. Comparemos a meta que têm em vista com o padrão divino de justiça. Ouvido o estampido de saída, todos se lançam às águas, nadando. Olhando para o oceano vemos o mais virtuoso de todos os nadadores, um excelente professor e homem de bem, que

sempre faz o que pode obedecendo a um elevado padrão de moral. Seria no entanto o primeiro a admitir sua imperfeição e pecaminosidade. Mas lá está ele na água a setenta e cinco milhas da praia. Em seguida notamos um estudante de certa Faculdade, que não merece a penitenciária de Sing-Sing nem outra qualquer. Cola um pouco nos exames e vez por outra faz uma farrinha; mete-se às vezes em enrascadas por fazer o que não deve. Não é, porém, um sujeito ruim. Avançou umas dez milhas, nadando. Um marginal dos inferninhos está praticamente se afogando a umas cento e cinqüenta jardas da costa. Espalhados na água, entre os dois extremos do que a vista alcança, vemos o resto da raça humana. Olhando desde o marginal vagabundo até o estudante e, mais além, o cidadão de moral austera que alcançou setenta e cinco milhas da costa, vemos a diferença. É diferença enorme. Mas, que significa ela à vista da distância do Havaí? Todos vão afogar-se.

Uma série de instruções sobre natação não lhes seria de proveito nenhum. Precisamos de alguém que nos leve ao Havaí. É neste ponto que Jesus Cristo intervém. Se você puder chegar ao Havaí por si mesmo, se puder viver uma vida absolutamente perfeita em pensamentos, palavras e obras, então poderá chegar ao céu por seu próprio impulso. Homem nenhum, porém, já conseguiu isto, nem jamais o conseguirá. Todas as outras religiões do mundo são, em si, regras de natação, códigos de ética para que se obtenha um modelo maravilhoso de vida. Entretanto o problema básico do homem não é saber *como* viver; é a falta de *poder* para viver como lhe cumpre. As boas novas do Cristianismo é que Jesus Cristo, que entrou na história humana, faz por nós o que não nos é possível fazer. Mediante Ele podemos reconciliar-nos com Deus, receber a Sua justiça e capacitar-nos a viver em Sua companhia.

O Problema Básico é Moral

Havendo meditado sucintamente nas sete questões acima

apresentadas, precisamos estar lembrados que, em última análise, o problema básico do homem não é intelectual e, sim, moral. De vez em quando nossa resposta deixa de satisfazer alguma pessoa. Isto, no entanto, não a invalida. Por outro lado, a pessoa pode convencer-se e ainda assim não se tornar crente. Tenho ouvido pessoas que me dizem: "Você respondeu todas as minhas perguntas; fiquei satisfeito". Agradeço-lhes as palavras elogiosas e depois pergunto: "Você, então, vai ser um crente, não é?" Sorriem um tanto encabulados: "Bem, ainda não". "E por que não?", indago. "Francamente, isto acarretaria uma mudança radical no meu modo de vida". Muita gente não admite que outrem, inclusive Deus, mexa em sua vida. Não é que não *possam* crer; não *querem* crer, isto sim. Pelo menos alcançam o que resultaria daí. Nossa responsabilidade, no uso das informações apresentadas neste capítulo, é auxiliar tais pessoas a entender tudo quanto lhes possa ser dito.

Muitas vezes perguntam: "Se o Cristianismo é a verdade, por que a maioria das pessoas inteligentes não crêem nele?" A resposta é precisamente a mesma do caso das pessoas não inteligentes que, também, em sua maioria, não crêem. Não querem crer por não se disporem a aceitar as exigências morais que essa atitude demandaria. Podemos levar um cavalo para perto d'água, mas não podemos fazê-lo beber. Alguém precisa dispor-se a crer para, depois, crer. Nada podemos fazer com uma pessoa que, apesar de toda evidência em contrário, insiste em dizer que preto é branco.

Nós próprios devemos estar convictos da verdade que proclamamos. Sem isto, absolutamente, não podemos levar outros a esta mesma convicção. Precisamos estar aptos a dizer confiante-mente com Pedro: "... não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas" (II Pedro 1:16). Só assim nosso testemunho terá um timbre de autoridade, convicção e poder do Espírito Santo.



O crente não comete suicídio intelectual.

6. Cristo Convém à Época Atual?

MUITA gente não liga à questão de ser ou não ser verdade o Cristianismo. Tem na mente uma pergunta mais prática: Será que ele serve para alguma coisa? A reação do estudante é muitas vezes esta: "Acredito no que você disse sobre Jesus Cristo — e daí? Que adianta isso na vida de hoje? Qual o proveito que isto traz a *mim?"* Se queremos ser eficientes na transmissão do evangelho de Jesus Cristo aos outros precisamos saber qual a sua utilidade para nós pessoalmente. Devemos então refletir como estabelecer relação entre as realidades úteis de Jesus Cristo, inclusive os fatos que aconteceram há dois mil anos, e a vida no século vinte.

Não são poucas as pessoas que hoje, mais do que antes, se dispõem a considerar as realidades espirituais, isto por causa do clima da nossa época. Pouco antes de sua morte, o Dr. Karl Compton advertiu que a humanidade está sujeita ao aniquilamento, a menos que avance no terreno da moral e do espiritual até atingir o nível do progresso tecnológico já alcançado. A revista *Life,* dando notícia dos que conquistaram o prêmio Nobel de Física há alguns anos passados, salientou que o avanço tremendamente rápido no campo da ciência tem sido em progressão aritmética, comparado com a progressão geométrica do avanço da ignorância. Cada nova descoberta acentua cada vez mais a percepção de quanto o homem ainda não sabe e não pode controlar. Capacita-o também a manejar novas e extensas áreas para o mal tanto quanto para o bem; por exemplo, a energia nuclear que pode ser usada para destruir cidades ou o câncer.

A despeito de muitos tentarem excluir moralidade da ciência, tornando-a inteiramente amoral, as questões de ordem metafísica são mais pertinentes e mais oportunas hoje do que antes.

Vazio Interior

Muitos pensadores agora estão cientes de não poderem subsistir com uma dieta de trivialidades. Como lhes pode ser útil o Cristo vivo? Refletindo sobre as necessidades humanas, tanto presentes como eternas, vemos que a oportunidade de Jesus Cristo para o século vinte descobre-se em Suas palavras. As afirmativas "Eu Sou", registradas no evangelho de João, fornecem-nos a pista para o seu relacionamento com o homem moderno e suas necessidades.

Uma necessidade básica é o preenchimento do vazio espiritual, resposta à solidão interior que flagela muitas vidas atualmente. As pessoas muitas vezes se afundam, ou melhor, se perdem em toda espécie de atividade e excitação externa. Mas remova-se esta excitação externa, deixem-se tais pessoas sozinhas com os seus pensamentos, e ei-las entediadas, inquietas ou angustiadas. Sentem dentro de si a dor do esvaziamento e não podem fugir dela. Descobrem a falta de recursos interiores para os recontros da vida; todos os seus sustentáculos são externos. E nada externo produz satisfação duradoura. Satisfação perene provém do nosso interior.

O Senhor Jesus Cristo diz em João 6:35: "Eu sou o pão da vida; aquele que vem a mim não terá fome, e quem crê em mim nunca terá sede". Acontece uma coisa tremenda quando nos relacionamos com Jesus Cristo como Pessoa viva. Ele entra em nosso ser interior e enche o vácuo espiritual como somente Ele faz. Porque Ele está em nosso interior, através do Espírito Santo habitando em nós, adquirimos satisfação definitiva, suprema. Agostinho e muitos outros vêm fazendo ecoar de século em século esta descoberta: "Fizeste-me para Ti mesmo,

ó Deus, e nossos corações ficam inquietos enquanto não descansarem em Ti". Deus nos fez assim — criaturas dependentes de nosso Criador, para serem completas e realizadas. Somente podemos funcionar segundo o projeto de nosso Criador quando Ele ocupa o centro de nossas vidas.

Tornar-se liberto da dependência das coisas externas para o estímulo e o prazer na vida é o mesmo que sentar-se para saborear um filé depois de passar meses comendo cascas de batatas. Quando deixamos de depender de coisas externas e materiais, não precisamos parar de usufruí-las. Podemos apreciar um concerto, por exemplo, ou a beleza de um por-de-sol, para a glória de Deus. Mas não mais dependemos destas coisas para a nossa satisfação na vida. À semelhança de nosso Senhor, temos comida que outros não têm, a saber, fazer a vontade de nosso Pai do céu (João 4:32). Sustentam-nos os recursos internos que possuímos mediante o Senhor Jesus Cristo. Usufruímos, mas não dependemos das coisas externas.

Jesus Cristo é "aquilo" de que muitos anseiam lançar mão. É Ele que encherá o vazio dolorido e os libertará da falsa sujeição a exterioridades.

Falta de Determinação de Propósito

Outra importante necessidade surge: a falta de objetivo, de determinação de propósito, característica de nossa era e, em particular, do mundo estudantil. Muitos vêm a mim, depois de um debate, e dizem: "Você fez uma descrição exata de mim. Não sei o que estou fazendo aqui na universidade. Não sei por que faço três refeições no dia, estudando arquitetura (física, ou outra coisa). Estou aqui porque o meu pessoal paga as despesas, porém não vejo para que nem mesmo em que isto vai dar. Vivo num corre-corre de rotinas diárias. É duro andar às voltas com livros, quando não se vê para onde se vai, nem qual a razão disto".

Em face desta necessidade o Senhor Jesus Cristo diz:

"Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará em trevas, mas terá a luz da vida" (João 8:12). Se seguimos o Senhor, descobrimos propósito e orientação em nossa vida, pela razão de vivermos na luz do próprio Deus e de Sua vontade a nosso respeito. Não mais tateamos na treva das confusões. Você já saiu apalpando no quarto escuro, procurando encontrar a chave da luz? Você topa em alguma coisa. Sente que algo lhe roça pelo rosto. Dá alguns passos e tropeça numa cesta. O coração pulsa forte. Fica com uma sensação de embaraço. Por fim encontra a chave, liga a corrente e vê tudo ao redor. De repente se sente seguro. Sabe exatamente agora como proceder. É idêntica a experiência que temos quando chegamos a conhecer o Senhor Jesus Cristo. Ele nos faz sair da confusão e incerteza em que estamos para a Sua luz. Vemos a nossa vida no contexto da vontade e do propósito divino na história. Tal visão confere significação, sentido e propósito.

A maior parte da vontade de Deus já está revelada a nós na Escritura. Se obedecermos a Sua vontade como a conhecemos, Ele nos esclarecerá mais detalhes desta Sua vontade. Quando Lhe dizemos que estamos prontos a aceitá-la, seja ela qual for, pouco a pouco Ele nos vai descobrindo outros pormenores a respeito do lugar onde devemos estar e o que devemos fazer. Tais pormenores, que tanto significam para nós individualmente, são em certo sentido incidentais com relação ao propósito básico de Deus. Ele está chamando para Si um povo de toda tribo, língua e nação, povo que manifeste, cada indivíduo de per si, a semelhança de Cristo. É isto o que Deus está fazendo na história. Quando Ele levar a história ao seu fim, todos teremos o privilégio de ser parte da eterna obra de Deus.

Nossas vidas têm significado, sentido e propósito não apenas para agora e, sim, para a eternidade. Pensemos nisto! Muitos têm algum propósito na vida no momento que passa. A maioria de tais propósitos, porém, tem curta duração. Não satisfazem definitivamente; nada significam em termos de

eternidade. Para terem sentido supremo, definitivo, nossas vidas não devem valer só para o tempo, e sim para a eternidade. Vemos tanta gente hoje que não sabe para que serve a vida; vai tateando às tontas no escuro, sem Cristo, Andam sem rumo como navio sem leme.

Se lhes emprestarmos o Senhor Jesus Cristo, como Aquele que nos acode em nossa falta de direção e dá um objetivo à nossa vida, tais pessoas poderão ser atraídas a Ele e deixar com Ele a satisfação das suas necessidades.

Medo da Morte

Uma terceira necessidade,que o Senhor Jesus Cristo pode satisfazer é a de um antídoto para o medo da morte. Enquanto somos jovens a morte tende a ser um assunto acadêmico. Não esperamos morrer tão cedo, por isso não pensamos muito nesta possibilidade. Entretanto, a morte pode com rapidez impor-se à nossa consideração, afastando todas as outras cogitações.

Nesta era atômica um número espantoso de jovens começa a pensar sério na morte. Percebem nitidamente que vivemos à beira da destruição. Aperte-se um botão e tudo irá pelos ares. O acurado escrutínio psicológico de Samuel Lubell, que investiga o que o povo diz e procura deduzir o que realmente ocupa o seu pensamento, revelou a preocupação principal dos eleitores americanos. Na maioria dos casos, a inquietação subjacente à eleição presidencial era qual dos candidatos teria maior êxito em afastar a possibilidade de uma guerra termonuclear. Apesar de quase sempre não se fazer notar, esta ameaça de uma repentina destruição e morte persegue a mente dos homens.

A crise cubana agitou os desvanecidos, como fizera antes a de Berlim. Que vai acontecer, indagavam, se os EUA forem envolvidos. Eu estava bem no início do trabalho com estudantes em 1950, quando fomos colhidos no conflito da

Coréia. Em todas as discussões com eles, alguém indagava: "Suponhamos que eu embarque para a Coréia e lá uma bala me atinja, certeira. Onde estarei depois de morto? Como me é possível ter certeza de vida após a morte?"

O Senhor Jesus Cristo fala com poder a muitos atormentados pela morte. Em João 11:25-26 Ele diz: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim, não morrerá, eternamente". À medida que O conhecemos, numa experiência pessoal, Ele nos liberta do medo da morte. A morte deixa de ser uma interrogação. Conhecemo-la simplesmente como a serva que nos induz à presença do Deus vivo, a Quem amamos. Este conhecimento habilitou Paulo a exultar: "Ó morte, onde está a tua vitória? Ó morte, onde está o teu aguilhão?" (I Cor. 15:55). Ao invés de temer a morte, antegozamos a mais dinâmica experiência que é possível haver.

Espero que nenhum de nós se tenha entregado à impressão ingênua de ser a existência no céu igual a sentar-se numa nuvem cor-de-rosa dedilhando uma harpa. Naturalmente, se fosse assim, passada a primeira semana já estaríamos terrivelmente enfadados com o céu. Para que não caiamos em tão tolas fantasias, fiquemos certos de que o céu não será um lugar de tédio ou enfado. Não temos todos os pormenores, porque Deus não no-los quis dar; todavia, do que Ele nos contou, concluímos que o céu será uma experiência dinâmica, expansiva e criativa, muito além de qualquer coisa que nossas mentes finitas possam hoje alcançar. Será essencialmente alegria, satisfação e louvor. Mesmo não compreendendo perfeitamente como será o céu, estamos ansiosos por nele ficar para sempre com o Senhor. Podemos sugerir aos outros que Jesus Cristo é a solução para o medo que têm da morte.

Não obstante, enquanto não enfrentarmos a aproximação da morte, não poderemos estar certos, experimentalmente, de que Cristo nos liberta desse temor. É muito fácil dizer que liber-

ta, quando com amigos ficamos à vontade defronte de uma lareira acolhedora, após uma ótima refeição. Bem diferente é dizer isso quando defrontamos a morte. Situações como uma urgente intervenção cirúrgica muitas vezes levam o indivíduo a considerar a possibilidade de morte imediata. Quando me submeti a uma operação do coração, há dez anos, provei a experiência profunda do poder de Cristo em vencer o medo de morrer. Tal prova valeu para mim como valioso efeito secundário da operação. Antes eu sempre afirmava que os crentes não temem a morte, porém não falava de experiência própria.

Quando foram anestesiar-me, naquela manhã, eu estava perfeitamente ciente de minha condição. Sabia que havia toda probabilidade de sair vivo da sala de operações, entretanto sentia claramente a possibilidade de não sair. Uma operação do coração, você sabe, pode ser um absoluto sucesso, mas o paciente pode morrer se uma de setenta e quatro outras coisas não engrenar bem no ato operatório. Naquela manhã um gozo e paz, que eu sabia provirem totalmente de fora de mim, inundaram o meu ser. Nunca esquecerei isto. Se alguma vez antes pensei que a paz em face da morte pudesse ser fruto de pensamento positivo, essa idéia desvaneceu-se para sempre. Sabia que o mesmo não estava em minha mente para enfrentar aquela crise. O medo de morrer apoderou-se do homem lá do outro lado da sala, que ia submeter-se a uma apenicectomia. Se o pensamento positivo pudesse fazer a mágica, ele poderia esbravejar fora o seu medo. Quanto a mim, notas musicais do *Messias* batiam no meu cérebro quando me conduziam à sala de operações. Quando as enfermeiras pingavam o pentotal, pude até brincar com elas, dizendo quanto tempo iria ficar acordado — creio que recebi seis antes de ficar inconsciente. Foi uma experiência maravilhosa, para mim, pôr à prova este fato da realidade e constatar sua verdade. Porque é verdade, podemos convidar qualquer pessoa que procura libertar-se do medo da

morte a voltar-se para o Senhor Jesus Cristo e encontrá-Lo como a solução adequada para o seu temor.

Desejo de Paz Interior

Outra necessidade sentida hoje é a de paz interior. Um médico crente da Costa Ocidental dos EUA resolveu fazer uma pesquisa informal de três anos entre os seus pacientes. Quis saber que pedido cada um formularia, no caso de lhes ser garantido que o veriam satisfeito. Paz de coração, da mente e da alma foi o desejo número um de 87% dos pacientes. A venda fenomenal de livros religiosos, nos últimos anos, também é um índice desta gritante necessidade. As pessoas não têm paz interior, porém desejam possuí-la desesperadamente. Verificam no mais recôndito do seu ser que tudo nesta vida — posses materiais, poder, prestígio, fama — vai virar pó e cinza. Anseiam pela paz interior e contentamento, que perduram e transcendem estas coisas passageiras.

Outra vez nosso Senhor supre a resposta à necessidade do homem. A promessa que fez em João 14:27 é mais do que suficiente: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize". Sua paz é diferente da paz que o mundo oferece. A paz que encontramos no mundo pode ser real por um momento, mas logo se vai. "Não sou do mundo", disse nosso Senhor (João 17:14). Portanto pode conceder uma paz que trancende este mundo, paz que tem alicerces profundos, permanentes, eternos. Esta paz profunda do coração, da mente e da alma brota de nosso relacionamento pessoal de fé e dependência com o Senhor Jesus Cristo. Ele somente pede que aceitemos o Seu convite: "Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mateus 11:28). Muitas pessoas dariam milhares de cruzeiros por descanso, se pudesse ser comprado com dinheiro. Mas não se obtém por esse meio. Só o Senhor Jesus Cristo dá a Sua paz aos que a receberem

como dom gratuito.

Solidão

Em quinto lugar, embora todos tenhamos a necessidade básica de amor e segurança, a solidão é coisa comum hoje. David Riesman, sociólogo de Harvard, realça este fato no seu livro muito divulgado *The Lonely Crowd* (A Multidão Solitária) Salienta ele que muita gente só existe como conchas, fechadas em si, no meio da multidão.

Nosso Senhor referiu-se dinamicamente a esta necessidade, ao dizer: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas" (João 10:11'. O pastor procura as ovelhas e delas cuida. Tamanho foi o Seu cuidado que deu a vida por elas. Assegurou-nos ainda o seguinte: "Eis que estou convosco sempre, até à consumação dos séculos" e "Nunca vos deixarei nem desampararei". Uma estudante do Colégio Barnard, da Universidade de Colúmbia, veio uma tarde visitar minha esposa, quando residíamos na cidade de Nova York. Sentia-se inteiramente só e achava não poder confiar em ninguém, em virtude de experiências passadas com a família e com amigos. Discorria minha esposa sobre alguns dos meios de Jesus Cristo vir ao encontro da necessidade daquela amiga, quando ela, levantando os olhos cheios de lágrimas, perguntou: "Quer você dizer que Ele nunca me deixará, que sempre me amará, se eu entregar minha vida a Ele?" Assegurou-lhe minha esposa que era isto mesmo, porque tanto a autoridade das palavras de nosso Senhor como a prova da experiência pessoal que ela, minha esposa, tinha, confirmavam a fidelidade do Senhor Jesus.

A presença de Jesus Cristo já tomou conta da sua solidão? Porque viajo muito, às vezes me acho solitário em alguma parte, onde não conheço ninguém. Tem sido maravilhoso, mesmo nessas ocasiões, reivindicar a realidade da presença do Senhor pela fé e reconhecer que nunca estou só. É

formidável saber que nunca estaremos sós, porque o Senhor Jesus sempre está conosco. Algumas vezes ao imaginarmos que estamos sozinhos somos tentados a fazer coisas que não faríamos, se tivéssemos na memória a contínua presença de Cristo conosco. Quando, porém, conscientemente reconhecemos a luz de Sua presença e nela vivemos, assim nos dissuadimos do pecado, e temos uma dinâmica positiva para a vida.

Falta de Auto-domínio

Muita gente encara o problema da sua fraqueza de domínio próprio: "Vejo-me fazendo coisas com as quais nunca pensei em condescender. Tomo a resolução de modificar minha atitude, mas não consigo". Quando os estudantes se abrem falando de si mesmos, quase sempre admitem este problema. Nos meios universitários chegam a fazer coisas em que nunca pensaram quando em seus lares. O turbilhão da pressão social arrebata-os.

Tentam escapar, mas em vão. Nosso Senhor alude a esta necessidade ao prometer-nos vida e poder. Em João 14:6 Ele diz: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida". Apoiando-nos nEle, evitando as tentações a que daríamos lugar e confiando em Seu poder para livrar-nos daquelas que nos sobrevenham inopinada-mente, Ele infunde Sua força em nossas vidas e transforma nossa falta de domínio próprio em livramento do poder do pecado. Esta força transformadora caracteriza a vida de muitos que têm chegado a conhecer Jesus Cristo. Evidencia-se isto especialmente em pessoas que se têm convertido de meios pagãos para um gênero de vida drasticamente diferente. Jesus Cristo tem quebrado suas cadeias de falta de autodomínio e tem-lhes dado poder que eles sabem não proceder deles próprios. Esta é uma das atuações mais importantes de Jesus Cristo nos homens do século vinte.

O Pensamento Precisa de Integração

Dizendo "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida" nosso Senhor também fala de outra grande necessidade do homem: a integração do seu pensamento. Um formando da Universidade de Wisconsin abordou um amigo meu, crente, da faculdade com este problema: "Já fiz minhas 144 horas do curso de habilitação e em duas semanas mais receberei meu grau. Mas sinto-me como quem deixa a universidade levando na mão uma sacola de bolas de gude. Não vejo qualquer relacionamento entre os vários cursos que fiz. Não parece que se entrosam. Assemelham-se mais a bolas de gude, desconexas entre si, numa sacola". Esse moço não conhecia Aquele que é a Verdade — a absoluta verdade, de quem toda a verdade provém, em quem se inter-relacionam todas as verdades e se juntam. Todas as coisas começam a ajustar-se em Jesus Cristo à medida que chegamos a vê-lO como Aquele que de modo supremo é a única verdade.

Jesus Cristo é a Verdade

Como crentes temos autoridade para falar de Jesus Cristo, porque Ele é a Verdade. Não comunicamos o evangelho em bases meramente pragmáticas, se bem que o evangelho seja verdadeiramente pragmático. Ao anunciá-lo não apresentamos Deus como um cósmico prestador de serviços, que nos atende em todas as necessidades. Não afirmamos que o Cristianismo é a verdade porque funciona. Não. O Cristianismo funciona porque é a verdade. Jesus Cristo é a verdade. Nosso Senhor expressou-Se com grande autoridade, ao dizer: "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão" (Marcos 13:31). Assim, pois, não devemos relacionar Jesus Cristo com as pessoas apenas de um ponto de vista pragmático, embora isto represente um aspecto muito dinâmico do evangelho. Devemos sempre basear nossa comunicação na verdade revelada de Deus e na autoridade própria de Jesus Cristo. Depois podemos relacioná-lo com as necessidades de hoje, mostrando aos que

nos rodeiam que Ele lhes pode ser útil numa experiência pessoal. Nossa própria experiência pessoal de como Jesus Cristo satisfaz necessidades específicas ajudará um indivíduo a ver como são pertinentes e dignas de confiança as Suas promessas.

Neste curto capítulo certamente não focalizamos todas as necessidades do homem no mundo de hoje, nem todas as específicas provisões feitas pelo Senhor para cada uma delas. Tampouco pretendemos que uma vez recebamos Jesus Cristo todas as nossas lutas fiquem para trás. Temos de fato problemas na vida cristã, e em quantidade. Com efeito, muitos crentes têm mais problemas do que nunca antes. A diferença é que o Senhor Jesus Cristo está conosco na batalha, e Ele faz toda a diferença do mundo.



Coce onde as pessoas têm coceira.

7. Mundanismo: Exterior ou Interior?

Os crentes genuínos desejam viver santamente. Tiago insiste que nos guardemos incontaminados do mundo (Tiago 1:27). Paulo reafirmou o preceito do Velho Testamento: "... Retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras" (II Cor. 6:17). Pedro enunciou a exigência divina mais positivamente: "Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1:16). Hoje, pastores e amigos bem-intencionados exortam-nos citando estes e outros versículos semelhantes.

Mas o que queremos dizer com "espiritual" e "mundano"? Antes de envidarmos esforços por alcançar uma espiritualidade genuína, precisamos ter uma idéia bem definida e realista destes termos. A idéia que temos sobre este assunto afeta nossa maneira de tratar os jovens crentes, convertidos de meios não-evangélicos, e afeta igualmente os conselhos que damos a outros para que vivam santamente, e bem assim os métodos que usamos com crianças na Escola Dominical ou em casa. Nossa maneira de definir santidade influi também em nossas relações com crentes que são mais rigorosos do que nós, ou mais liberais, em suas atitudes concernentes a várias práticas e divertimentos.

Muita gente considera espiritualidade e mundanismo como sendo uma lista de coisas permitidas, e não. Sem qualquer in-tenção, rebaixam a santidade que Deus requer, por fazerem dela uma questão de observância a regras.

A Bíblia é explícita no estabelecimento de leis acerca de alguns aspectos da conduta cristã. Por exemplo, não matarás, não adulterarás, não furtarás, não cobiçarás. Estes mandamentos

são universais no seu escopo. Alcançam todos os homens, em todos os tempos e lugares, afastando dúvidas ou diferenças de opinião. Quem quer que rogue a direção divina para condescender com práticas dessa natureza perde o seu tempo; podemos dizer isto firmados na autoridade da Palavra de Deus.

Discordamos também de serem mundanos certos procedimentos que a Bíblia não refere explicitamente — ouvir rádio, ver televisão, assistir a cinema, dançar, jogar cartas, fumar, usar cosméticos, *ad infinitum.* A lista não tem fim porque alguns grupos sempre votam contra outras atividades de outros crentes. A maioria destes tabus era desconhecida ao tempo em que a Bíblia foi escrita, por isso ela naturalmente guarda silêncio a respeito dos mesmos.

A falta de um padrão bíblico definido, que regule muitas dessas práticas controvertidas, é exatamente o começo do problema. Diversidade de lugares e diferentes graus de cultura, que impõem variação do "padrão evangélico" aceito, complicam ainda mais a situação. Durante nossos três anos no Texas era muito interessante comparar os padrões de conduta vigentes no norte e no sul. Boa ilustração é a questão dos cosméticos. O uso de produtos de beleza nada significa para as moças crentes daquele Estado; as jovens usam tais produtos à vontade, e não deixam de ser crentes sinceras e fervorosas. Já no Norte, onde me criei, muitos círculos religiosos consideram o uso de batom como prova iniludível de não poder a "mundana" que usa tal coisa estar em relacionamento vital com Jesus Cristo. Os padrões variam.

Ao visitar o continente europeu descobri que muitos crentes na França bebem vinho e isto com naturalidade. A fé não os inibe desse costume aceito. Todavia em muitas partes dos EUA beber tornou-se assunto sério. Às vezes pessoas emprestam autoridade bíblica aos seus hábitos particulares (hábitos que se podem justificar biblicamente na situação particular de tais pessoas); depois generalizam e procuram

legislar e impor o seu código de comportamento aos outros. Maneiras de conduta variam, resultando ser tremenda essa diversidade, a qual se reflete, por exemplo, numa escola internacional de missões.

Qual a Atitude Legítima?

A questão da conduta legitimamente cristã não é problema novo. No século primeiro Paulo teve que elucidá-la para os romanos e coríntios. Referindo à situação em Roma, ele estabeleceu princípios básicos (Romanos 14). Dirigia-se a uma igreja cosmopolita em que se incluíam crentes gentios — alguns que nunca adoraram ídolos e outros que se haviam convertido da idolatria pagã — tanto quanto crentes judeus, que acariciavam sua herança de cerimônias e dias santos. Em Jesus Cristo todos estes crentes tinham sido unificados. Contudo, os seus antecedentes e as maneiras de se comportarem causavam desentendimentos.

Uma das controvérsias relacionava-se com a carne. A carne que se impugnava tinha sido provavelmente usada no culto dos ídolos antes de ser vendida no mercado. Julgamos que os mal entendidos dos romanos assemelhavam-se aos de Corinto, descritos em I Coríntios 8:1-13 e 10:25-29. Alguns crentes — provavelmente os cristãos judeus — comiam essa carne sem escrúpulos. Posso imaginar um deles a pensar, quando ia entrando no açougue: "Foi isto oferecido a um ídolo que nada vale? E daí? Carne é carne, e eu gosto dela". Você sabe, judeus repudiavam todo envolvimento no uso que previamente se tivesse feito da carne. Outros cientes, porém — outrora adoradores de ídolos — ficavam realmente chocados porque seus irmãos comiam daquela carne. Anteriormente comeram de tais carnes como sendo isso parte do culto aos seus ídolos. Abandonando tais ídolos, abandonavam as carnes; não separavam mentalmente uma coisa da outra. Por isso ficavam em extremo escandalizados vendo um cristão comprar e

saborear tais alimentos.

Uma segunda controvérsia afligia a igreja de Roma. Provavelmente, desta vez, eram os judeus crentes que não compreendiam como gentios desconsideravam escandalosamente dias santos e festas. Os gentios, surpreendidos com o fato de uma coisa diminuta assim transtornar os judeus, provavelmente perguntavam: "Que tem a ver o Cristianismo com tais observâncias? O assunto decisivo é Jesus Cristo, a Quem chegamos a conhecer. Se vocês querem guardar esses dias santos e festas, que os guardem. Está bem, isso é com vocês. Mas não podemos considerar tais observâncias inerentes ao Cristianismo."

A tensão era tremenda de ambos os lados, cada grupo cometendo o mesmo erro — julgando que os seus costumes e sua cultura eram normas do Cristianismo. A dificuldade, no entanto, ia mais além. Faziam deduções de natureza espiritual da conduta externa de uma pessoa, em vez de procurar entender-lhe as reações interiores e motivações. Este erro sutil tomará conta de nós, igualmente, se não tivermos cuidado. Uma vez que a Igreja deste século encara problemas semelhantes, consideremos os princípios oportunos e aplicáveis que Paulo estabeleceu em Romanos 14.

Não Julguemos

Encontramos o *primeiro* princípio nos versos três e quatro **e** também nos versos dez até o treze: "Quem come não despreze ao que não come; e o que não come não julgue o que come, porque Deus o acolheu. Quem és tu que julgas o servo alheio? para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o suster". Deus é o nosso Senhor e Juiz. Não temos o direito de nos arvorar de juízes de ninguém. Se a Escritura não é definida em torno de alguma atividade, não temos o direito de criticar ou condenar os outros que se comportam de forma diversa do nosso parecer.

Este princípio opera de dois modos. Apliquemo-lo no caso de uma atividade que não se discute, como seja um jogo de quebra-cabeças. Quanto a mim, acho que tenho a liberdade de participar desse brinquedo. Esta liberdade não me dá o direito de chamar de antiquado "a quem se furta a esta diversão." Por outro lado, talvez eu não tenha a liberdade de viciar-me nesse passatempo. Não posso, conseqüentemente, acusar um crente de ser mundano porque ele se diverte com quebra-cabeças.

O que vale é a nossa atitude para com os outros crentes. Noventa por cento das irritações em torno de conduta seriam eliminadas se pudéssemos esclarecer nossas atitudes. Concordar com tudo não é a solução. Não precisamos adotar as maneiras de proceder dos outros. Nós, entretanto, que nos inclinamos tanto a julgá-las, precisamos aceitar os outros como eles são e ver que, diante de Deus, é que eles ficam em pé ou caem — não diante de nós.

Que Nossas Convicções Moldem Nossa Conduta

O *segundo* princípio, que aparece no verso cinco, dá relevo à nossa responsabilidade diante de Deus. "Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente". Ás convicções de cada um em particular —não a premência da sociedade ou alguma motivação de menor valor — é que devem moldar nossa conduta. Como crentes queremos honrar o Senhor Jesus Cristo, fazendo o que Lhe agrada e O glorifica. E assim, baseamos nossos atos no que cremos ser a vontade de Deus a nosso respeito. Este tremendo princípio interior serve para todos os lugares e circunstâncias, em qualquer tempo.

Podemos ver o significado deste princípio com relação ao treinamento de uma criança. Porque tenho agora dois filhos jovens, estou muito atento a esta questão. Por exemplo, se procuramos comprimir nosso filho dentro de uma bitola de "faça isto" e "não faça aquilo", sem ajudá-lo a ver as razões, é

provável que ele rompa todas as nossas proibições logo que escape à supervisão dos pais. Por quê? Porque não compreende os princípio envolvidos. Novos crentes são crianças espiritual; mente.. Procuramos muitas vezes fazê-los conformar-se com o i nosso modo de proceder antes de terem a oportunidade de descobrir pessoalmente a vontade divina a seu respeito; então, logo que não estejam em nossa companhia, normalmente abandonam todo o nosso sistema de conduta e voltam a algumas de suas atitudes de antes da conversão. Precisamos convencer-nos de que a *nossa* conduta destina-se a glorificar a Deus. Quando agimos ou nos obstemos de agir, com convicção, por amor ao Senhor, o que fazemos ou deixamos de fazer não é mais um problema ou fardo, e sim um gozo. Enquanto estivermos convencidos pessoalmente em nosso espírito, o princípio continuará de pé, indiferente a situações e a outras pessoas.

Cada um de nós, no entanto, precisa considerar e reconsiderar sua própria conduta à luz do Novo Testamento para ter a certeza de que faz a vontade divina no que lhe diz respeito.

Tudo na Vida é para o Senhor

O *terceiro* princípio relaciona-se com a base sobre a qual deve estar nossa convicção pessoal. No verso oito lemos: "Se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor". Tudo em nossa vida deve ser entregue a Deus, para Ia Sua glória. Tudo — não apenas os momentos passados em oração, na leitura da Bíblia, no testemunho, mas a vida toda — a Deus pertence. Na vida de um crente não há copartimentos separados para o que é santo e para o que é secular. Estuda-se a Bíblia para a glória de Deus. O seu jogo de xadrez igualmente deve ser para a glória de Deus. Como se pode jogar xadrez para a glória de Deus? É simples, se primeiro reconhecemos que

toda a nossa vida, qualquer partícula de energia, todo instante do tempo, todos os centavos do dinheiro e toda outra coisa — tudo a Jesus Cristo pertence. Dele somos simples mordomos, e Ele espera que invistamos tudo em nossa vida segundo a Sua vontade para nós. Há ocasiões em que devo jogar xadrez, ao invés de estudar a Bíblia. Outras há em que devo estudar a Bíblia e deixar o xadrez de lado. Experimentamos um alívio enorme de preocupações desnecessárias quando verificamos este fato e vivemos inteiramente na presença de Deus com o objetivo de honrar a Jesus Cristo.

Algumas vezes os crentes se afligem por gozar a vida. Você já alguma vez ficou com um sentimento de culpa por haver apreciado um filé com bastante molho, gostozissimo? Não há razão para isso. Em I Timóteo 6:17 Paulo lembra àquele seu amigo um dos grandes fatos da Escritura, a saber: que "Deus tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento". Exatamente por sermos crentes podemos experimentar mais perfeitamente do que os outros toda espécie de prazer. O hino a seguir fala nisso:

O céu é mais azul,
A terra é de um verdor mais suave!
Algo vive em todos os matizes
Que os olhos sem Cristo nunca viram.

Em vez de dar guarida àquele sentimento, vago e contrafeito, deixado pelo prazer que tivemos de alguma coisa, gozemos de tudo quanto Deus nos dá, para a Sua glória.

"É isto que devo fazer agora?" Eis a pergunta chave que nos cumpre dirigir a nós mesmos. Algumas vezes precisamos varrer o quintal ou cuidar de plantassem vez de orar; outras vezes devemos esquecer o quintal e as plantas e cair de joelhos em oração. Cristianismo em sua essência não se limita aos tempos da chamada atividade espiritual ou aos dias e horas em

que nos vemos na comunidade cristã. Jesus Cristo é tão real e dinâmico às quatro da tarde de terça-feira, no laboratório ou na biblioteca, em casa ou no escritório, quanto às onze da manhã de domingo na igreja. Dele nos vem capacidade para passarmos a vida inteira em Sua presença, com Ele ao nosso lado. Cada aspecto, cada momento de nossas vidas pertence a Deus e pode glorificá-lO. Esta idéia já lhe passou pela cabeça? Ou você se apega a uma existência dividida em compartimentos? O fato de separarmos mentalmente o que deve ficar num compartimento espiritual, daquilo que deve ficar num não-espiritual, pode explicar uma boa parte dos nossos fracassos em viver uma vida cristã inteira cheia de sabor. Apoderando-nos do conceito de podermos cada momento viver segundo a vontade de Deus, para a Sua glória, a vida assume uma dimensão inteiramente nova.

A Motivação Compete a Deus

O *quarto* princípio aparece no verso catorze: "Eu sei, **e** disso estou persuadido no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera; para esse é impura". Muitas coisas não são más em si mesmas, porém o uso que delas fazemos é que pode ser mau. Agora há pouco mencionamos o filé. O alimento é necessário, mas é possível usá-lo mal e abusar de nossos corpos pela glutonaria. O sexo, maravilhoso dom de Deus, torna-se uma das coisas mais sórdidas quando se deturpa a sua função. Em si mesmas tais coisas não são más; o mal está no seu mau emprego. Daí Paulo preocupar-se com a nossa atitude para com elas. Se cremos ser mau para nós condescender com certa atividade, mas atiramo-nos a ela de qualquer modo, somos culpados mesmo se alguém a julgue boa.

Nisso está incluída nossa solicitude pelo "irmão fraco". Não consideremos consistir sua fraqueza apenas em não ser bastante forte para fazer o que nos julgamos livres para realizar.

Nem procedamos como crentes mais velhos, prepotentes, que querem impor sua relação legalista de "não faças" a todo mundo. Essencialmente, irmão fraco é o crente imaturo em seu pensar. Provavelmente é um crente moço que ainda não aprendeu a distinguir a diferença entre um ato e a sua motivação. Em vez de fazer a básica pergunta: "Por que devo (ou não devo) fazer isto?" o irmão fraco interpreta espiritualidade em termos de atos exteriores, provavelmente tirando todos os seus padrões de valores do meio de sua família ou de um grupo de sua igreja.

O interesse divino, lembremo-nos, deve ser nossa motivação. Em Romanos 14:6 Paulo disse, com efeito: "Quem come, para a glória de Deus come; e quem não come, abstém-se para a glória de Deus". Temos aqui dois extremos de conduta, porém ambos em honra ao Senhor. Um irmão fraco aceita um destes extremos como sendo a maneira correta de agir, esquecendo a motivação que realmente a faz ser correta. Se então vê alguém tomando o outro extremo, ou ficará escandalizado ou confuso, ou uma coisa e outra. Precisa aprender (e algumas vezes também nós precisamos) que o amor do crente a Jesus Cristo e o seu desejo de honrá-lO e glorificá-lO devem sempre vir na frente. A seguir então vem o que se faz ou o que não se faz.

Que fazer, pois, com o nosso irmão fraco? Empurrá-lo para um lado? Alguns dos cristãos de Roma deviam sentir mais ou menos assim: "De qualquer modo, fora com esses irmãos fracos! São uns imaturos, por que nos incomodarmos com eles?" Paulo não regateou palavras em repreendê-los: "Se por causa da comida o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal"' (v. 15). Nós, os pretensos crentes amadurecidos, que vemos a falácia de basear juízos de ordem espiritual em atos externos, devemos ser suficientemente maduros para transigir com os irmãos que não compreendem ainda. Animados pelo amor a Deus temos que recusar fazer que um irmão tropece em assuntos de somenos. Em I Coríntios 8, 9,

10 (se este tema interessa a você, medite sobre 8:10-13, 9:19-23 e 10:23-33), Paulo desenvolve o assunto de nossa responsabilidade para com os irmãos fracos. Ele próprio já resolvera pessoalmente "... se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo" (I Cor. 8:13). É o reino de Deus, perceba, não nossa liberdade pessoal, que está em jogo. E o reino de Deus envolve assuntos mais importantes do que a guarda de dias santificados, comer carne ou outras coisas equivalentes deste século vinte. Aprendamos o que diz este clássico verso. dezessete de Romanos 14: "... o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e "alegria no Espírito Santo".

Quando uma questão mais importante está em jogo, podemos precisar transigir com um irmão fraco, de modo a auxiliá-lo a descobrir o que o Reino significa. Ao mesmo tempo não devemos deixá-lo ficar com a impressão de que pode impor seu gênero de conduta aos outros. Nossos conselhos podem ajudá-lo a pensar com maior maturidade. Foi esta a finalidade de Paulo ao escrever às igrejas de Roma e de Corinto. Ajudou--as a olhar além de sua ênfase imatura em exterioridades e encorajou-as a desenvolver um espírito de maior condescendência e acolhimento para com os crentes cujo comportamento diferisse do deles.

Adquiri alguma experiência, de primeira-mão, a respeito deste problema numa palestra a estudantes em Nova Jersey, há alguns anos atrás. Lá encontrei um indivíduo, um vendedor, que literalmente adorava beisebol antes de se tornar crente. No trabalho dava um duro medonho durante todo o inverno para ficar inteiramente livre nos meses de verão a fim de se entregar ao seu deus. Por uns doze anos não perdera um jogo sequer em Filadélfia. Sabia todas as estatísticas deste jogo desde 1910. Dormia, comia, bebia e respirava beisebol. Foi quando encontrou o Salvador e abandonou o seu ídolo, depon-do-o aos pés de Jesus.

Perto do fim de nossa conferência, difícil e um tanto exaustiva, aquele indivíduo surpreendeu-me sugerindo a outro membro do quadro de auxiliares: "Que tal, depois da conferência, irmos ao Estádio Connie Mack assistir aos jogos Phillies? Estão disputando o título St. Louis Cards". O vendedor ficou desconcertado. Sem acreditar, fitou-me e perguntou: "Como pode você, sendo crente, ir a um jogo de beisebol?" Eu já tinha ouvido uma porção de tabus em círculos evangélicos, mas esta **foi** a primeira vez que ouvi a condenação do beisebol! Fiquei perturbado, sem saber o que dizer. Ao repetir a pergunta: "Como você e Fred podem dizer-se crentes, se vão a um jogo de bola?", Fred e eu começamos a pensar e a discutir a situação. Conversando com o vendedor, descobrimos o seu problema. Tínhamos diante de nós um homem igual aos cristãos gentios de Roma, um ex-adorador de ídolo. Beisebol fora para ele um assunto de elevada importância; julgava agora que alguém que assistisse a um jogo (comesse carne), embora sem intenção de idolatria, adorava beisebol como um ídolo. Fred e eu cancelamos nossa ida ao jogo, de vez que se fôssemos iríamos sem necessidade perturbar nosso amigo numa fase delicada de sua vida cristã. Mas também conversamos, e trocamos idéias com ele, de modo que aos poucos pôde verificar que nem todos os crentes vêem problema no beisebol. Em vista dos seus antecedentes, o beisebol seria provavelmente uma perigosa tentação para ele por todo o resto da vida; disto sabia ele. Mas depois viu também que não podia baixar leis para os crentes que nenhum problema têm com o esporte. Foi encorajador para nós vê-lo começar a amadurecer em suas atitudes.

Temos uma responsabilidade em face de nosso irmão fraco. O princípio bíblico não nos permite prosseguir com uma atitude vacilante, pensando: "Ele não tem razão, ele é tolo, não se convence nunca, por isso vou deixá-lo de mão". Nem esse princípio nos induz a nos conformarmos com a consciência de outro qualquer, senão para investigá-la e ganhá-la. Ao invés, o

princípio bíblico exige que examinemos os nossos motivos: Estou fazendo isto e não aquilo por amor a Jesus Cristo e pelo desejo de honrá-lO e glorificá-lO? Ou é a verdadeira razão menos universal, razão que não subsiste se eu me mudar de um grupo social e cultural para outro?

Depois de estabelecido o nosso motivo, temos ainda de resolver qual deve ser nossa atitude em face de alguma atividade particular. Este é um problema todo especial se o ponto de vista da Escritura não é explícito. Julgo que agora estamos vendo que muitas questões de ordem secundária da conduta cristã enquadram-se numa área sombria de relativismo. O que é certo para você, pode ser errado para mim. Mas Paulo tem algumas recomendações específicas para nós. Nos w. 14, 22 e 23 de Romanos 14, ele traça a linha discriminatória — a dúvida: "Eu sei, e disso estou persuadido no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera; para esse é impura... A fé que tens, tem-na para ti mesmo perante Deus. Bem-aventurado é aquele que não se condena naquilo Que aprova. Mas aquele que tem dúvidas, é condenado, se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado". Uma vez compreendida a situação pelo meu amigo vendedor, não seria nada de mais se eu aceitasse ir ao jogo de bola como um exercício recreativo. Mas teria sido ainda uma atitude errada para ele se fosse, porque no seu caso estava envolvida uma dúvida e outras questões morais.

Tenho achado isto uma regra muito útil: se existe alguma dúvida a respeito da propriedade de alguma atividade, suspendamo-la. Mas se a consciência está limpa diante de Deus e se a coisa pode ser feita para a Sua glória, sem confundir ninguém, façamo-la com prazer. Haja alegria nisso. Sintamo-nos felizes com qualquer coisa que Deus nos tenha dado para nosso gozo. É este o princípio bem definido de Paulo.

Há quem, naturalmente, sempre interprete mal o seu pri-

vilégio de liberdade pessoal e dele abuse, crendo ser este privilégio a licença para fazer tudo o que lhe aprouver. Tal procedimento nega tudo quanto Paulo diz aqui. Sempre tenho minhas dúvidas de quem se pavoneia com o seu comportamento diferente para mostrar como é "livre". Ele está bem longe do que disse Paulo.

O amor é o fator dominante de tudo quanto fazemos, quando vivemos inteiramente para a glória de Deus. Depois da cerimônia do casamento nenhum noivo diz à sua amada: "Bem, agora que as promessas foram feitas e a cerimônia terminou, vou a uma festa. Vê-la-ei mais tarde!" O amor que liga duas pessoas é, em primeiro lugar, a base permanente do seu casamento. Se você ama alguém, você deseja fazer tudo quanto agrada a ela (ou a ele). É muito doloroso quando algo que você tenha feito desagrade ou prejudique a pessoa amada. O amor o constrange. Agostinho sabia o que dizia, quando se expressou: "Ama a Deus e faze como te aprouver" E Com isto ele não estava sugerindo a idéia de compartimentos na vida. A atitude de quem diz: "Meus pecados já foram perdoados, agora posso proceder como o demônio", oferece uma prova nítida de que tal pessoa não conhece o amor do Pai celeste e do Salvador crucificado.

Uma expressão de amor pelo Senhor Jesus Cristo e o desejo de viver completamente para a Sua glória são evidências da nova vida nEle. Quando nossa liberdade pessoal em Cristo é dirigida por esta motivação, é liberdade maravilhosa — que Lhe dá glória, traz deleite para nós, conforto e edificação para os demais.

Mundanismo: Atitude de Auto-Satisfação

Em última análise, o mundanismo é essencialmente uma atitude de auto-satisfação. Pode assumir muitas formas, todavia, mais do que a série, exterior, de modos de comportamento, é o uma atitude interior. A forma mais comum e mais sutil de

mundanismo entre os crentes é provavelmente o orgulho. Algumas das pessoas mais mundanas abstêm-se de fazer tudo quanto costumamos chamar "mundano". São mundanas porque seu interesse básico refere-se a elas próprias, seu conforto, seu prestígio, sua propriedade material. Mera abstenção de certas coisas não é garantia de sermos espirituais.

A espiritualidade genuína consiste em encarar tudo do pon to de vista de Deus: considerando e vivendo todas as partes de nossa vida segundo o Seu padrão de valores e em termos de

Sua vontade revelada a nós, de sorte que tudo quanto dizemos e fazemos glorifique a Jesus Cristo, que nos ama e Se entregou por nós.



Mundanismo é um estado de espírito.

8. A Fé é a Chave

A FÉ é a chave para a manutenção da realidade de nossa experiência cristã. Aceitamos a doutrina da salvação pela fé: somente pela fé nos chegamos a Jesus Cristo e O convidamos a entrar em nossas vidas como Senhor e Salvador. Todavia, facilmente esquecemos que a fé deve continuar operando, dia após dia, em nossa vida cristã.

Que é Fé?

Desejaria saber quantos de nós compreendem o que seja a fé. Muitos estudantes não-crentes comparam-na automaticamente com superstição. Crêem que para ter fé têm que dizer adeus à razão. "Sou bastante inteligente para me deixar enganar com 'fé'," dizem. Não são os descrentes, aliás, os únicos que pensam assim. Alguns crentes também equiparam a fé à superstição. Lá no íntimo aceitam a "definição" de fé ouvida da boca de alguma criança numa classe da Escola Dominical: "É crer em algo que a gente sabe não ser verdade". Muitos de nós, para sermos sinceros, têm a mesma idéia. Se aparentamos diferente, é somente fachada, para impressionar. No fundo, sabemos que não cremos realmente nesta ou naquela declaração. Assim sendo, nossa fé passa a ser mesmo um problema. Precisamos corrigir várias noções do que seja a fé; só assim estaremos aptos a considerar sua função prática em nossa vida diária.

Experiência Diária

Primeiro, a fé é disponível para todos. Muita gente por engano vê a fé como um fenômeno reservado a pessoas com distúrbios emocionais, que nada conseguem na vida se não usarem uma muleta. Mesmo aqueles que pensam ser a fé uma

escora ou calmante exercem a fé todos os dias de sua vida. Você provavelmente tomou hoje pelo menos uma refeição, que você mesmo não preparou nem viu preparar. Ao comer esse alimento, você não teve meios de saber se ele continha veneno mas, apesar disto, comeu-o — pela fé. Talvez fosse uma fé cega; daqui a uma hora é possível que venha a sofrer os efeitos da comida venenosa. No entanto é provável que você tenha tomado o alimento porque confiou na pessoa que o preparou, mesmo não conhecendo o cozinheiro do restaurante, se foi o caso. Você exerceu uma fé razoável. Também você tem fé na instituição acadêmica onde estuda, esperando que ela lhe confira o grau do seu curso, uma vez terminado. Todas as pesquisas e todo progresso científico dependem igualmente da fé. Embora a objetividade da ciência e dos cientistas seja coisa a que se dá muita ênfase, o trabalho deles fundamenta-se em vários axiomas que se não podem provar, que precisam ser aceites — se me perdoam a expressão — pela fé. Por exemplo, os cientistas precisam crer que existe uma realidade ordenada e organizada a ser observada; e mais, que as leis que regem as causas aplicam-se a essa realidade, e que a lógica humana é aplicável na descrição da realidade física — até mesmo para compreender o universo. Assim, pois, a fé é uma autêntica experiência de cada um de nós. A questão que enfrentamos não é: "Temos fé, ou não?" e sim: "Em que temos fé e até que ponto?"

Validade da Fé

Segundo, a validade da fé está na razão direta da validez do seu objeto (pessoa ou coisa). É possível que você tenha fé implícita no seu companheiro de quarto. Se ele lhe pede emprestado cinqüenta cruzeiros, você lhe empresta, se os tem. Mas suponhamos que, sendo ele um desconhecido seu, foi reprovado nos exames e, despedido do colégio, vai deixar a cidade para sempre. Toda a sua fé e confiança nele não farão que o dinheiro volte às suas mãos, depois de desaparecer para não mais ser

visto. Sua fé somente terá validade em proporção à honradez dessa pessoa.

Ou podemos imaginar uma menina enferma, cujo pai ignorante leva-a, pelo meio da floresta, a um médico-feiticeiro. O pai pode ter fé implícita no cozimento que se faz para cura da filha. Mas, não importa o grau de sua fé na poção preparada; ela não vai salvar a vida da enferma, se a bebida for veneno. O valor da fé não é superior ao do objeto, seu alvo. A fé, no caso desse pai, não é maior do que superstição.

Este princípio tem um corolário: fé intensa não produz verdade. A intensidade da fé não faz aumentar a sua validade. Encontramos no mundo de hoje uma quantidade de idéias ingênuas a esse respeito. Há quem diga: "Acho mesmo uma maravilha você crer nisso. Para você é verdade, mesmo que para mim não seja". A crença não faz um desejo ser certo, real. As generalizações em que confiamos podem ser puras superficialidades. Quando uma pobre velhinha foi enganada pelo rapaz a quem alugara um de seus quartos, ela disse com tristeza: "Que pena, ele era até um ótimo rapaz. Nas suas toalhas até havia a marca da ACM!" (Associação Cristã de Moços). Mesmo que ela ainda quisesse acreditar na integridade do rapaz, essa crença não lhe poderia produzir uma verdade objetiva. Crença não produz ~~verd~~ade, assim como deixar de crer não a destrói.

Há alguns anos atrás um cidadão do Texas recebeu a notícia de ter herdado uma grande fortuna de um parente na Inglaterra. Este texano, que vivia sozinho, em pobreza, nunca soubera que tinha um parente inglês. Apesar de quase não ter o que comer, não quis acreditar na notícia. Sua recusa de crer não alterou o fato de ser herdeiro de um milhão de dólares; mas a descrença privou-o de se aproveitar do dinheiro. Morreu em estado de indigência. A verdade objetiva não sofreu alteração, porém o infeliz não lançou mão dos benefícios dela, porque não a reivindicou para si, com fé.

Na esfera da experiência humana do dia-a-dia, inclinamo-nos a lidar com fatos como fatos. Poucos de nós têm dificuldade em aceitar o conceito de que a crença não produz fatos objetivos, nem que a descrença pode destruí-los. Quando, porém, conversamos a respeito de Deus, muita gente se mostra estranhamente ingênua. Já ouvi mais de um estudante dizer: "Oh, não creio em Deus", como se isto resolvesse a questão. Dirá outro: "Céu e inferno? Não creio que sejam realmente lugares". E assim julga não precisar incomodar-se com este assunto; por descrer no céu e no inferno imagina que eles deixam de existir.

A distinção que o Dr. A. W. Tozer faz entre fé e superstição pode ajudar-nos neste ponto. A fé vê o invisível, mas não o inexistente. Segundo explica Hebreus 11:1: "A fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem". Os olhos da fé vêem o que é real, apesar de invisível. O que a superstição vê é irreal e inexistente. À medida que formos aprendendo a discernir entre irrealidade e realidade invisível, descobriremos uma diferença enorme entre uma e outra coisa.

Vamos gravar isto: Todo o mundo crê em alguma coisa. O objeto de sua fé, não a intensidade de sua crença ou descrença, determina a validade dessa fé. Fé depositada em algo irreal não passa de superstição.

Cristo: o Objeto da Fé Cristã

Desde que o objeto da fé cristã é o Senhor Jesus Cristo, cumpre-nos perguntar se Ele é um objeto válido para nossa fé. Muitos de nós, depois de estudar os fatos, têm concluído que sim. Ora, submetendo a hipótese ao teste da experiência pessoal, por meio de um relacionamento com Ele, provamos Sua absoluta fidedignidade.

Na salvação não podemos ganhar, por esforço próprio, o perdão dos pecados ou o dom da vida eterna. Recebemo-los

pela fé. Vemos que somente a fé nos põe em relacionamento vital com Jesus Cristo. Mas logo nos sentimos aptos a desviar o pensamento noutra direção — talvez um desvio inconsciente, mas devastador. Tendo começado a vida cristã pela fé, procuramos vivê-la pelas obras. Embora admitamos que a salvação não se ganha por esforço próprio, por obras, algumas vezes imaginamos que precisamos realizar vida cristã fazendo uma série de coisas. Esta idéia é falsa. A mesma fé que nos leva à vida em Jesus Cristo deve continuar operando por toda a nossa vida cristã. O objeto de nossa fé continua sendo o mesmo: Jesus Cristo o Senhor.

A Escritura mostra-nos com clareza Jesus como o constante alvo de nossa fé. Em I Coríntios 1:30 Paulo nos lembra: "Ele (Deus) é a fonte de vossa vida em Cristo Jesus, o qual se nos tornou da parte de Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção". Jesus Cristo deve ser nossa sabedoria; Ele é nossa justiça, santificação e redenção. Pedro faz uma declaração ainda mais surpreendente acerca de nosso Senhor (II Pedro 1:3), "Pelo seu divino poder nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele (Jesus Cristo) que nos chamou para a sua própria glória e virtude". Veja isto: pelo conhecimento de Jesus, que nos chamou pela Sua graça, Seu divino poder já nos doou todas as coisas pertinentes à vida e à piedade. Você percebe que, pelo fato de haver recebido Jesus Cristo em sua vida como Salvador e Senhor, você já tem tudo quanto é necessário a uma vida de piedade e santidade?

A maioria de nós — inclusive eu — tem a tendência de pedir a Deus presentinhos. Dizemos: "Senhor, preciso de mais amor"; ou "preciso de mais alegria, Senhor. Também de mais paz de espírito". Precisamos mais disto e mais daquilo. Deus, porém, não nos fornece pequenas porções de amor, ou de alegria, ou de paz. Se o fizesse, seríamos bem tolos em pensar que essas coisas seriam realizações nossas e então sairíamos por

aí alardeando: "Vejam como eu amo o próximo. Olhem só como a minha vida é cheia de poder. Nem deixem de ver que paz de espírito eu tenho". Não, Deus sabe fazer melhor. Ele nos deu tudo o que precisamos no Senhor Jesus Cristo. Uma vez que O recebemos em nossas vidas e estabelecemos relação pessoal com Ele, a qual tantas vezes foi mencionada nestes capítulos, temos tudo quanto Deus nos vai dar. Absolutamente tudo quanto precisamos neste momento está em Jesus Cristo — é nosso, para que de tudo nos apropriemos, se quisermos. E Jesus Cristo vive dentro de nós! Ao lançarmos mão dEle pela fé, dia após dia, Ele nos confere todas as coisas necessárias.

Experiências Cristãs de Fé

Como é, porém, na prática, esta exposição teórica? Como nos apropriarmos de nosso Senhor pela fé e experimentarmos a realidade da fé? Por realidade nos referimos ao que é genuíno e autêntico, ao que pode ser apreendido e ser o objeto de nossa confiança. Necessitamos desta realidade em nossas vidas; ela é decisiva tanto para o nosso relacionamento pessoal com Jesus Cristo como para nossos contactos com o mundo ao redor de nós. Como experimentamos a fé genuína em Jesus Cristo?

De Que Se Trata?

Para começar, temos que saber o que procuramos. Topamos de súbito com o descrente, que diz: "Eu creria em Deus se você me pudesse provar". Se lhe perguntamos: "Que prova você aceitaria?" ele vacila. Nunca parou para refletir no que procura. Não reconheceria a prova mesmo se desse com ela.

Procurando nós a vida cristã genuína, podemos ter o mesmo problema do descrente. Ficamos um tanto confusos a respeito do que procuramos. Será que estamos esperando pela experiência que outros tenham tido — talvez uma voz ouvida do céu? Um amigo pode ter-nos dito: "Deus falou-me. . ." e nós

exclamamos: "É formidável!" Porém depois passamos a pensar em nós mesmos: "Deus nunca me fala. Não sei por que nunca ouvi vozes. Talvez haja alguma coisa errada em mim, na minha vida espiritual, quem sabe?" É fácil compreender mal as expressões de outras pessoas. Então ficamos confusos e, sem saber mesmo o que procuramos, tentamos fazer uma réplica de sua experiência. Quando pensamos que temos que ter uma experiência de grande êxtase que nos fará pular e rodopiar como um pião, nossas idéias acerca da realidade da fé ficam em desordem. Logo se iniciará em nós um sentimento de frustração.

Quando Deus me fala, Sua voz não é audível; o que ouço é a Sua Palavra. Lendo sua Bíblia todas as manhãs, você não sente que determinada passagem é a mensagem de Deus para você naquele dia? Já não sentiu que por meio de Sua Palavra Ele estava dizendo alguma coisa diretamente para você? Temos__ uma experiência de realidade. Já conheceu, em alguma crise, a paz de **Jesus,** Cristo? Realidade é isto. Você pode ver em sua vida alguma coisa diferente porque Jesus Cristo nela está? Essa diferença é uma realidade da vida cristã. Pare um minuto e pergunte a si mesmo onde você estaria hoje, se nunca se tivesse encontrado com Cristo /Jesus. Talvez você descubra que existe prova mais objetiva da obra de Jesus Cristo em sua vida do que jamais imaginou.

Pela fé conhecemos a realidade de Jesus Cristo. Pela fé achamo-lO mais real para nós do que um membro achegado de nossa família. Pela fé podemos "praticar Sua presença", isto é, podemos aprender a pensar nEle como uma Pessoa que está continuamente em nossa companhia. A onipresença, é claro, é um atributo de Deus. É um fato aceito pelos crentes — porém poucos agem em conformidade com ele. Podemos exercitar-nos em pensar nEle em situações concretas, em ficar conscientes de que Ele está conosco *aqui* **e** *agora,* em lembrar que os Seus recursos sempre estão à nossa disposição. Se tudo assim fizer-

mos, acharemos nEle uma fonte inexaurível de tudo quanto precisamos.

Tentações

Jesus Cristo, Ele somente, eis tudo quanto precisamos.

Suponhamos que você esteja num momento de tensão, tentado a "explodir" com alguém. Você não suporta aquele companheiro de quarto nem por um minuto mais. Que você faz? Nesse momento pode voltar-se para Jesus Cristo com fé e dizer: "Senhor, não posso amar esse sujeito estúpido. Não tenho por onde. Só o,Teu amor pode. Ama-o por meio de mim". Reconhecendo sua falta de recursos, Você vem a Jesus Cristo pela fé no momento de necessidade.

Para alguns de nós a palavra *tentação* sugere uma coisa só: impureza. Certamente impureza é uma tentação que se tem de tomar a sério, porém muitas outras coisas também nos tentam, como o ímpeto de caluniar uma pessoa ausente, ou aniquilar alguém com zombarias. Os crentes parecem ser muito mais sensíveis aos pecados do espírito do que às más ações externas. Podemos ter menos preocupação com as muitas tentações exteriores que não nos atingem, mas precisamos estar mais alerta às tentações interiores que nos assaltam o tempo todo. O Senhor espera que Lhe digamos em oração: "Senhor, preciso de tua paciência, porque sou impaciente. Sinto-me bastante oprimido e não tenho forças para este combate. Obrigado porque Tu vives em mim e desejas manifestar a tua paciência. Por favor, faze isto agora em minha vida".

As tentações na esfera do pensamento devem ser repelidas logo no primeiro ataque. Você já ouviu este velho adágio, tenho certeza, mas vale a pena repeti-lo: Não podemos evitar que pássaros voem sobre nossa cabeça, mas podemos impedir que façam ninho em nossa cabeleira. Tão logo nos sintamos tentados com um pensamento impuro, ou injusto, ou ainda malicioso, voltemo-nos imediatamente para Jesus Cristo e

digamos: "Senhor, não tenho forças para rebater isto. Dentro de mim existe uma propensão perversa para o mal. Tu, porém, tens força. Chego-me a ti para que ligues a tua energia em minha vida". Ao invés de procurar vencer por Jesus, alguns de nós tentam afastar as tentações por si mesmos. Aí está o porquê de nossa derrota. Suponhamos que eu diga: "Procure não pensar em elefantes brancos durante cinco minutos". Se o quiser, experimente. Não há jeito. Inerente ao esforço para não se pensar em elefantes brancos está a concentração do pensamento neles.

Precisamos olhar para além da situação de tensão e ver Jesus: "Senhor, tu és a fonte do amor. Não posso amar esta pessoa (quase chego a ter desprezo por ela); porém tu podes. Ajuda-me". Jesus Cristo é tudo quanto precisamos. Em vez de mais porções de amor, paz, pureza ou poder, Ele Se oferece a nós como Pessoa viva. Que é que honestamente pensamos desta Sua oferta? Que é Jesus Cristo para nós? Para você é Ele simplesmente uma série de fatos estampados numa folha de papel, ou é neste momento mesmo uma Pessoa viva? Se Jesus Cristo não parecer vivo — Ele está vivo, quer vejamos isto, quer não — se você não descobrir que Ele vive no seu interior pelo Espírito Santo e deseja comunicar-Se com você, então para você obviamente Ele nada significa. Fazer despertar de novo em sua alma a verdade de ser o Senhor Jesus uma Pessoa viva, eis uma experiência revolucionária. A vida de fé, dia após dia, é de fato um reconhecimento contínuo do Senhor vivo. ressuscitado.

Focalize-se a Atenção em Cristo

Algumas vezes nos enganamos passando muito tempo preocupando-nos se nossa fé é bastante forte. Satanás quer que tomemos a posição errada. Hudson Taylor teve que aprender esta verdade, e nós também temos. Ele descreveu a sua (e nossa) condição em uma de suas cartas: "Todo o tempo me

sentia seguro de que em Cristo havia tudo o que eu precisava, mas na prática a pergunta era — como consegui-lo. . . Eu via que a fé era o único requisito. . . mas eu não tinha tal fé"'[1]'. Certo dia, na China, ele recebeu uma carta de um amigo que apontava a solução: "Mas como fazer que a fé se fortaleça? Não lutando por ela, mas descansando nAquele que é digno da Fé" ([2], "olhando para o Ser que é objeto da Fé"([3]. Não é a fé em si, mas o seu Objeto é que requer nossa atenção. Nunca devemos absorver-nos com nossa fé, desconsiderando o Objeto que a determina. Olhe para Jesus Cristo. Alguém disse que a fé forte numa prancha fraca o deixará no rio, mas a fé fraca numa prancha forte o levará para o outro lado.

1. Sra. Howard Taylor, Hudson Taylor's Spritual Secret (Chicago, Moody Press, 1959), pág. 160. Recomendo esta curta biografia do fundador da "China Inland Mission", para que a leia e releia.

2. Ibid., pág. 161.

3. Ibid., pág. 156.

A fé na vida cristã apodera-se dos fatos e vive na sua luz. Mas nem sempre é fácil. Sobrevem a depressão; você fica na "fossa". Como você pode sair dessa situação? Não ficando remoendo sua depressão e tudo o que saiu errado. Em vez disso, sente-se e considere os fatos impressionantes acerca de Jesus Cristo: quem Ele é, o que fez na história, o que fez em sua própria vida. Pense nEle agora, como o grande Sumo Sacerdote que está na presença de Deus por você — compassivo, capaz de salvá-lo perfeitamente. Deixe-se meditar nEle por dez ou quinze minutos e involuntariamente você se achará cantando.

Um relacionamento pessoal, diário, com o Deus Vivo é de importância vital. Quando não passamos sozinhos algum tempo na presença de Deus, temos dificuldade em pensar exceto nos problemas que nos acabrunham. Experimente agora.

Medite no que Deus tem feito em Jesus Cristo e como Ele é a dádiva de Deus para você. Você verificará que Ele o estará levantando. As orações da Bíblia seguem este modelo básico: os homens se lembram de quem é Deus e de tudo quanto Ele tem feito e, diante disto, oram por sua própria situação. Podem começar com a obra da criação e depois relembram o que Deus fez com Israel ou Elias. Depois de ganhar impulso e confiança, oram: "Agora, Senhor, aqui estamos. Dá-nos coragem e sabedoria para enfrentarmos a presente situação".

Precisamos lembrar-nos das misericórdias de Deus em nossas próprias vidas. Os crentes têm memória fraca se trata das suas experiências com Deus. A lembrança do que Deus fez no passado aumenta nossa confiança em face dos problemas do presente. Creio que tais lembranças concretas do amor, da sabedoria e do poder de Deus são o escudo da fé que Paulo nos exorta a embraçar em Efésios 6:16, a fim de que com ele apaguemos os dardos inflamados do maligno. Que dardos são estes? Certamente eles são também as tentações da dúvida e o nosso nervosismo ao pensarmos no caminho desconhecido que nos está pela frente.

Deus Está no Comando

A fé reconhece o fato de que Deus dirige a nossa vida. Quer eu creia nisto, quer não, é fato que Deus tem controle sobre o mundo. Se eu não creio, privo-me de apreciar este fato. Mas se nele medito e a ele me apego, meus temores em torno do futuro se desvanecem.

A experiência prova isto. Muitas de minhas viagens de uma universidade para outra são feitas por via aérea. Assim que tenho uma viagem marcada para algum lugar minha esposa costuma ouvir as notícias de recentes desastres aéreos. Tais notícias não são nunca tranqüilizantes. Com efeito, provavelmente cancelaria meu vôo se não confiasse que minha vida está nas mãos de Deus, que minha família também está segura nEle,

e que nada acontecerá em nossas vidas acidentalmente. Algumas pessoas que não têm nenhuma segurança sobre o futuro suam de medo durante uma viagem de avião. Eu não. Você sabe, a gente ou acredita no cuidado de Deus ou não acredita. A afirmativa que Deus tem o controle ou é verdade ou não é. Se não é verdade é melhor esquecermo-nos dEle. Mas se é verdade e aceitamos a revelação que Deus faz de Si, nossa fé habilita-nos a desfrutar da certeza de Sua providência e nela descansar.

A fé proporciona às nossas vidas uma nova e admirável perspectiva. A fé reconhece a soberania do controle de Deus, mas não é fatalista. Fatalismo é a submissão a uma força cega, impessoal, sobre a qual o homem não tem domínio. A fé na providência divina entrega-se voluntariamente ao Pai celeste, amoroso, que está atento aos pardais que caem no chão e sabe o número exato dos cabelos de nossa cabeça. A fé distancia-se muito do fatalismo e nesta diferença há um grande conforto.

A fé enfrenta muitos desafios. O Dr. Edward Carnell compara o crente a um físico assistindo a um espetáculo de mágica. Cada truque bem sucedido ameaça a fé do físico na lei da uniformidade. Ele pode, no consenso geral, estar derrotado, mas sua fé não é vencida porque a lei da uniformidade firma-se em base científica, não particular. Semelhantemente, a fé do cristão se fortalece à medida que ele conserva diante de seus olhos as promessas de Deus e considera não "as dificuldades no caminho das coisas prometidas, mas o caráter e os recursos de Deus que fez as promessas". Jó fez exatamente isto respondendo aos sarcasmos da esposa, quando Deus parecia tê-lo abandonado a sofrimentos incríveis. "Não sejas idiota. Amaldiçoa a Deus e morre!" Jó, porém, declarou: "Ainda que ele me mate, nEle confiarei".

Habacuque ficou desorientado com os acontecimentos dos seus dias. Judá jazia em ruína moral, porém Deus não estava julgando o Seu povo. Ao perguntar o profeta: "Como é

isto?" o Senhor lhe respondeu: "Usarei a Caldéia para castigá-los". Habacuque achou ainda mais duro aceitar essa explicação, pois a Caldéia era mais perversa do que Judá. Precisava aprender a ver à distância como Deus faz no Seu trato com os homens. Só então pode confiantemente afirmar: "Ainda que não haja nenhuma manifestação externa da Tua presença e poder, ó Deus, confiarei em Ti. Ainda que a figueira não floresça, e nos currais não haja gado, todavia eu. me alegrarei no Senhor, e exultarei no Deus da minha salvação" (Habacuque 3:17-18). Aqui vemos fé, e não expressão de desejos. A fé reconhece as realidades que foram reveladas no Senhor Jesus Cristo; a fé apodera-se delas e vive na sua luz.

A Fé na Vida Diária

Viver genuinamente pela fé é uma experiência de cada dia. O maná que sobrou ontem não nos pode satisfazer hoje. Devemos continuar na presença de Deus dia após dia. Sobre isto não há dúvida. É um fato simples, porém profundo — e decisivo em nossa vida com Deus.

Talvez você já tenha ouvido falar de George Mueller, o fundador de orfanatos na Inglaterra. Sendo homem de fé, nunca declarou de público as suas necessidades, mas dependia de Deus, esperando que Ele provesse a cada uma delas. George Mueller ensinou-me uma preciosa e confortante lição a respeito de nossa comunhão diária com Deus. Veja, eu costumava pensar que uma vez que o crente estivesse na companhia do Senhor, todos os seus problemas teriam fim. Veria sempre o sol a brilhar, ouviria o chilrear dos pássaros e sentiria êxtases de alegria. Mas o próprio George Mueller admitia: "Considero ser minha maior necessidade perante Deus e os homens levar minha alma a sentir-se feliz diante do Senhor todos os dias, e isto antes de ver qualquer pessoa". A palavra chave, aí, é *levar*. Sua alma nem sempre se sentia feliz quando acordava cada manhã. Ele devia sentir o que eu sinto quando o despertador

toca. Você sabe como é esse sentimento desgostoso que sobrevém quando você acorda e começa a lembrar-se de todos os seus problemas? Tenho certeza de que ele conhecia esse sentimento. A primeira coisa que Mueller fazia ao levantar-se era chegar à presença de Deus e nEle meditar até que sua alma se sentisse feliz no Senhor. Depois enfrentava a vida e os seus problemas.

A vida cristã não é coisa inteiramente passiva. Prefiro descrevê-la como "combate vitorioso" a chamá-la "vida vitoriosa", porque esta última expressão pode deixar a falsa impressão de que os crentes não têm problemas. Há lutas, sim. O que leio no Novo Testamento e minha própria experiência confirmam isto. A vida é uma batalha, mas batalha com vitória do nosso lado quando pela fé todo dia nos firmamos nas realidades de Jesus Cristo e deixamos que Ele atue em nossa vida.

Creio que às vezes temos tornado a "vida cristã vitoriosa" ou o "encher-se do Espírito Santo", ou como queiramos chamar, uma coisa muito mais complicada do que é. Alguém pode chamar-me ingênuo, mas tenho lido todo livro que se possa imaginar sobre o assunto e tenho conversado com centenas de pessoas a este respeito. Já ouvi muitas fórmulas. Lendo o Novo Testamento e conversando com pessoas, concluí — e estou disposto a que me provem o contrário — que, seja como for que chamemos, a chave é estarmos entregues totalmente, sem reservas, a Jesus Cristo.

A realidade de tal fé leva-nos através de todas as vicissitudes da vida. Algumas vezes nos emocionamos com nosso Senhor, outras vezes não. Isto é bom e saudável. Ninguém pode ficar muito tempo em alto grau de emoção; ficaria extenuado. Imagine o que seria viver constantemente na excitação emocional dos últimos segundos de uma partida empatada de basquete (o seu time estando de posse da bola) que fosse decidir um campeonato. Temos os nossos momentos de

emoção intensa, quando nossos sentimentos se agitam. Todavia, quer nos sintamos no auge da emoção, quer seja ela baixa, ou normal, o fato é que por baixo de qualquer destes sentimentos podemos ver a realidade de Jesus Cristo e Seu dom de paz e contentamento.

Se conhecemos Jesus Cristo não mais ficamos presos a circunstâncias. Não somos impelidos para um e outro lado ao sabor das mesmas. Ao invés, apegamo-nos ao Deus vivo e imutável. Podemos alhear-nos das circunstâncias andando com Ele dia após dia pela fé, recebendo ativamente Sua vida e deixando que Ele atue em nós. Por causa da vida de Cristo, Paulo pode cantar na prisão. Ninguém leve isto em caçoada. Não era brincadeira estar na cadeia e levar trinta e nove chicotadas. Tais crueldades eram tão assoladoras para ele quanto seriam para nós. Em Jesus Cristo, entretanto, ele achou o que o fez capaz de transcender tais circunstâncias. Dependente da vida de Cristo nele, a vida de Paulo foi uma autêntica experiência de fé.

Um hino que exprime bem a realidade de viver pela fé em todas as circunstâncias da vida baseia-se na promessa da presença constante de Jesus. Ele disse: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei" (Hebreus 13:5). "Eis que estou convosco até à consumação do século" (Mateus 28:20). Apropriando-nos desta promessa básica e vivendo em sua luz, podemos partilhar, em genuína vida de fé, do que o autor do hino abaixo transcrito (*) afirma:

Fremente ouvi rugir da vida o grande mar, E prestes meu batei esteve a naufragar As brumas da aflição, qual negro e denso véu, Toldaram toda a luz do meu risonho céu. Do abismo em que me vi clamei ao Salvador: "Socorre-me, ó Jesus! dissipa o meu pavor!

"Atende ao brado meu! Minha alma aflita faz,
Buscando o santo dom de tua santa paz!"

E a noite sem igual de minha turbação
Jesus a transformou em rútilo clarão.
Agora, em meu cantar, posso eu dizer: "Senhor,
Valeu-me até aqui teu braço protetor!"
Pungido pela dor, exausto me senti;
Mas alentado em Deus a tudo resisti,
Porque com Deus a dor transforma-se em crisol
Que faz brilhar a fé qual verdadeiro sol.
E a fé, sublime dom, com que Deus me amparou
Inspira-me a cantar que em Cristo Deus me amou.
Desse alto, ingente amor, nada me apartará.
O que me suceder para o meu bem será.
Se aos lírios, aos pardals dispensa Deus favor,
Irá me abandonar nos pélagos da dor?!
Oh, não! Pois Deus é bom. Sem Ele o mundo é vil,
Com ele um dia é mais do que sem Ele mil.
Penúria ou aflição, perigos ou temor,
A vida e seu prazer, a morte e seu horror,
Nem mesmo anjos revéis, nem potências mundiais,
Presente nem porvir, alturas colossais
Jamais conseguirão do meu Deus me afastar,
Porque é o próprio Deus quem há de me guardar.

** Rev. Prof. Jerônimo Gueiros, "Socorro Divino", Novo Hlnário, nº 9 (Recife, 1929)*



O que você crê é importante enquanto tiver fé.

9. Abasteçamos a Fonte

O CARÁTER, disse alguém, revela-se no que fazemos quando ninguém nos observa. Mas a maioria de nós se preocupa mais com que os outros vêem. Concentramo-nos no que dizemos e fazemos em sociedade, qual a impressão que queremos deixar nos outros; não nos incomodamos com os nossos pensamentos e ações quando estamos sozinhos. É aí, no entanto, que o nosso verdadeiro caráter aparece. Pomo-nos à vontade, pés sobre a mesa. Nesses momentos se patenteia o que de fato somos.

Em seu livro útil e perspicaz *The Meaning of Persons* o Pr. Paul Tournier comenta a. disparidade entre o que somos no íntimo e o que parecemos ser à vista dos outros. Ele chama essa disparidade a diferença entre a pessoa e a personagem. Na maioria das circunstâncias nosso grau de saúde mental será tanto mais elevado quanto mais próximo for o que realmente somos do que aparentamos ser. Quanto mais se distanciarem entre si nossa pessoa e nossa personagem, tanto maior será nosso problema de sanidade mental, porque uma parte de nossa vida é falsa.

A Personalidade Secreta

Na Bíblia inteira Deus dá relevo ao fato de nossa autêntica personalidade ser a nossa pessoa, o ser secreto, interior, o caráter que se põe à mostra quando estamos sós. E Deus sabe tudo acerca de nosso ser interior. Ele lembrou a Samuel a significação da vida interior quando o enviou a ungir rei um

filho de Jessé. Samuel pensava que Eliabe, alto e elegante, tinha todos os requisitos, até que o Senhor lhe disse: "Não atentes para a sua aparência, nem para a sua altura, porque o rejeitei; porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração" (I Samuel 16:7). O coração, nossa vida interior — o centro de nossa personalidade, que inclui o intelecto, a emoção e a vontade — é a base para a avaliação que Deus faz de nós. E o autor da carta aos Hebreus declara que Ele tem conhecimento de todos os fatos: "... não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas" (Hebreus 4:13).

Tais palavras da Bíblia são das mais encorajadoras e das mais aterrorizantes. Elas asseguram-nos que Deus sempre compreende bem. Nosso melhor amigo algumas vezes nos compreende mal. Sem qualquer má intenção pode interpretar errado uma palavra, ou um motivo, e isto é causa de mágoa. Deus, no entanto, conhece a verdade toda. Podemos nEle confiar porque Ele nos conhece completamente. Este fato quer dizer, portanto, que não podemos com Ele usar disfarces. Às vezes é terrível verificar que Ele sabe tudo quanto eu sei de mim mesmo, e mais até. O Deus vivo me vê como eu sou, quando estou só — despojado de qualquer máscara ou simulação.

Devemos levar em consideração nossa vida secreta, a qual ninguém exceto Deus vê, tanto sob uma perspectiva negativa como positiva. Moisés fala do aspecto negativo no Salmo 90:8: "Diante de ti puseste as nossas iniqüidades, e sob a luz do teu rosto os nossos pecados ocultos". Isto revela vários fatos importantes.

Primeiro, todos nós temos pecados ocultos. Moisés diz especificamente *nossas* iniqüidades, *nossos* pecados ocultos. Ele não exclui ninguém. Nosso pecado secreto pode ser o orgulho acobertado que, inflando-se, leva a pessoa a ver-se

melhor, mais esperta, mais bondosa, mais atrativa e importante do que realmente é. É possível que seja a auto-sugestão o que nos incita a racionalizar nosso comportamento, daí termos "justificáveis arrufos", "compreensível frustração", "justa indignação". Pode ser desonestidade encobrir parte da verdade, ou agir e falar propositadamente com o intuito de dar uma impressão falsa. É possível que seja pressa egoística, desperdício descuidado de tempo ou de talentos, ou ainda fracasso em amar como Deus nos ama. Pode ser a vontade de possuir alguém ou alguma coisa fora da vontade de Deus para conosco. Talvez seja o rancor ou a hostilidade a determinada pessoa ou grupo de pessoas o que nos está corroendo, destruindo, como fez o verme na aboboreira de Jonas. Pode ser uma trapaça. Impureza, quem sabe? Seja o que for, Deus sabe tudo. Não podemos ocultar dEle. Pelo contrário, precisamos em Sua presença reconhecer esse nosso pecado secreto e com ele travar luta.

Segundo, o pecado oculto acaba nos levando ao pecado visível. Pecados patentes são frutos que brotam da raiz dos ocultos, muitas vezes pecados de intuito ou motivo. Isto me assusta. Nosso Senhor tratou desta condição crítica ao procurar explicar aos fariseus que o pecado não é necessariamente um ato exterior. Essencialmente, Ele disse: "Vós não entendeis. Não é o que entra no homem o que o contamina; não é o que as pessoas vêem o homem fazer ou não fazer. É de dentro, do coração que procedem os maus pensamentos, as impurezas, e coisas que tais. O homem contamina-se de dentro" (cf. Marcos 7:14-23).

O pecado oculto, somente conhecido por nós, precede sempre o pecado externo, que aos outros se descobre. Tiago diz: "... cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então a cobiça, depois de haver concebido, dá a luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tiago 1:14-45). Por toda a Bíblia encontramos exemplos: o

furto de Acã foi precedido pela ganância do seu coração. O adultério de Davi começou na sua imaginação. Ananias e Safira só fizeram descobrir a falsidade que lhes ia na alma quando mentiram a Deus. Em cada caso o pecado aninhava-se no interior da pessoa muito antes que o ato externo o manifestasse.

Talvez façamos uma observação mordaz sobre alguém — é um ato externo; mas uma disposição impura está por trás dela. Seja qual for o pecado, podemos remontar à sua origem, uma atitude interior errada, um pecado oculto. Este fato ajuda-nos a entender o que já foi dito, que um colapso na vida cristã nunca é resultado de uma explosão súbita. Sempre resulta de um escape moroso. Não sei se em minha vida, ou na sua, existe agora mesmo um desses escapes lentos.

Terceiro, devemos ver que todos os nossos pecados ocultos estão patentes à vista de Deus. Se temos alguns, Ele os vê, ainda que não estejamos apercebidos deles. Se pessoalmente ignoramos algum pecado em nós, podemos abrir nosso coração e nossa mente a Deus e pedir-Lhe que nos mostre se há em nossa vida pecados ocultos, e esperar dEle a resposta. Se orarmos sinceramente como Davi: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração: prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno" (Salmo 139:23-24), o Espírito Santo nos convencerá do pecado em nossa vida. É possível que Ele no-lo revele por meio de uma passagem da Escritura que estivermos meditando, use a observação que alguém faça para despertar nossa consciência desse mal. De um modo ou de outro, Ele porá Seu dedo no pecado.

Cabe a nós travar luta com esse pecado específico, logo que nos seja revelado. Deus nunca nos revela um pecado para nos deixar nele. Mesmo quando desperta nossa percepção para descobri-lo, oferece perdão e purificação. Ele quer que correspondamos a esta revelação que nos faz, confessando e abandonando esse pecado particular, e fazendo restituição, se for ne-

cessário. Ele quer perdoar-nos e purificar-nos. Ele quer remover de nós esse pecado oculto. Ele quer fortalecer-nos para que vivamos para Ele. E assim Ele está pronto sempre a ouvir o nosso pedido de perdão, purificação e poder.

Satanás, que não nos quer ver lidando com pecado recém-descoberto nem com faltas repetidas em nossa vida, sente prazer em zombar de nós, sugerindo: "Deixa prá lá! Você tem o descaramento de voltar a Deus para lhe confessar outra vez este mesmo pecado? É possível? Quando você outro dia acabava de confessá-lo, prometeu ao Senhor que não o cometeria mais. Como vai poder encará-lO agora? Convém, antes de tudo, você melhorar a contagem dos seus pontos nessa refrega. Mostre a Ele que você já tem a força de vontade de dar cabo uma vez por todas desse pecado". Estas palavras procedem do Abismo. Deus quer que venhamos a Ele imediatamente, da maneira como estivermos. Somente Ele pode haver-Se conosco e com os nossos pecados. Ele sabia com exatidão o que éramos quando nos redimiu em Jesus Cristo na cruz. Enquanto a obra iluminadora do Espírito Santo põe a descoberto o nosso pecado, Ele nos chama a Si na condição em que estamos — sem uma só justificativa, salvo o sangue que o Senhor Jesus verteu por nós.

Se, depois de pedirmos ao Espírito Santo que descubra em nossas vidas algum pecado específico, Ele não o revelar, não precisamos ficar perturbados. Um dos ardis do inimigo para/ nos paralisar e nos estorvar em nosso serviço eficiente a Jesus Cristo é sugerir que somos réus de algum pecado desconhecido que Deus não nos revelou. Satanás espera que, em vez de *re*pousarmos na paz do Senhor e regozijarmo-nos na purificação e perdão do passado e do presente, tornemo-nos introspectivos. Se nos absorvermos com nós mesmos, inclinamo-nos a esquecer os outros. Nosso Pai quer que reconheçamos ser virtualmente sem limites nossa propensão ao pecado e à auto-sugestão em torno do mesmo. O profeta

Jeremias acentuou que o coração é enganoso mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto (Jeremias 17:9). Não obstante, temos de contar com o Salvador, que continua salvando, e assume a responsabilidade de nos revelar pecados específicos. Deste modo Ele atenua nossa ansiedade e nossa constante preocupação conosco. Podemos focalizar nossos espíritos no Senhor Jesus Cristo, que é a solução para cada problema de pecado, com uma certa confiança despreocupada e relaxada, que deve caracterizar o filho de Deus.

Robert Murray McCheyne fez uma advertência sensata: "Para cada olhadela que você der em si mesmo, dê dez em Jesus Cristo". Não precisamos assumir uma atitude mórbida de introspecção, como aqueles que tomam sua temperatura espiritual de três em três dias, ou de três em três horas. Muitas) vezes tratamos nossa vida espiritual como o garoto que plantou! um caroço de feijão e depois, cada manhã, desenterrava-o para! ver como ia germinando. É pela entrega de todos os setores de nossa vida ao Senhor e, depois, pela confiança nEle, que progredimos na comunhão pessoal com o nosso Deus, para o que, aliás, fomos destinados.

Protejamos e Desenvolvamos Nossa Vida Interior

Devido ao impacto que nossa vida interior experimenta em determinar qual seja nossa vida exterior, a Escritura nos admoesta explicitamente que a protejamos: "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Provérbios 4:23). Somos induzidos em grande parte por nossa vida interior: somos o que ela é. Alguém observou que as circunstâncias nunca fazem ou acabam com ninguém; apenas revelam o que as pessoas são. Somos uma acumulação dia após dia de tudo quanto tem constituído nossa vida até o momento presente — especialmente do que temos pensado, sentido e desejado.

Eis aí a razão do salmista dizer: "Eis que te comprazes

na verdade no íntimo, e no recôndito me fazes conhecer a sabedoria" (Salmo 51:6). Neste ponto passamos do aspecto negativo para o positivo de nossa vida secreta, a comunhão pessoal com Deus. Em Tiago 4:8 lemos: "Chegai-vos. a Deus .e Ele se chegará a vós outros. Purificai as mãos, pecadores; e vós que sois de ânimo dobre, limpai o coração". Embora fundamentalmente dependemos só de Deus para nos redimir e purificar, Ele nos faculta desempenhar um papel positivo, ativo, neste processo.

Este aspecto positivo de nossa vida interior pode e deve ser ainda mais influente do que o negativo, na determinação de nossa vida exterior. No Sermão do Monte Jesus ensinou: ". . .quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (Mateus 6:6). A oração secreta receberá uma evidente recompensa de nosso Pai. Nossa vida secreta com Deus é a raiz do poder espiritual exterior, assim como o pecado oculto é a raiz do pecado aparente. São duas leis espirituais inexoráveis.

Parece ser absolutamente inacreditável, mas o Deus da criação, que fez o céu e a terra e a nós outros, quer ter comunhão pessoal com cada um de Seus filhos. Que fato grandioso para dele nos apoderarmos! Dificilmente podemos alcançar a sua total importância. Através das Escrituras vemos homens com este íntimo relacionamento com o Senhor. Davi afirmou: "De manhã, Senhor, ouves a minha voz" (Salmo 5:3). Três vezes no dia Daniel inclinava-se na direção de Jerusalém para ter comunhão com o Deus vivo, e daí enfrentou as conseqüências — os leões. Depois de um dia longo e trabalhoso, nosso Senhor levantava-se antes que o dia aclarasse e saía para um lugar solitário a fim de ficar a sós com Seu Pai.

Deus tem prazer no culto, nos louvores e na comunhão de um grupo de crentes reunidos em nome de Cristo. Ele Se apraz em encontrar-nos em capelas, igrejas e reuniões de oração

de estudantes. Mas gosta igualmente de ter encontro a sós conosco. Suponhamos que os seus pais só o vejam quando você aparece em casa levando consigo uma porção de amigos. Como a maio ria dos pais, eles provavelmente ficam alegres em conhecer esses amigos. Querem participar do que a você interessa. Mas não ficarão também frustrados se só o virem acompanhado de outros? Na certa dirão: "Escute, gostamos dos seus amigos, mas queremos estar com você sozinho por um pouco. Que tal uma hora sem ninguém mais por perto?" Ê exatamente assim que Deus deve sentir a respeito de alguns de nós. Naturalmente passamos tempo com Ele em certos grupos; todavia Ele anseia ter encontro individual conosco.

Suponhamos que você quisesse dar um presente especial a seus pais. Para comprá-lo você teria que passar todo o seu tempo trabalhando; nunca poria os pés em casa. Que diriam eles? Quando não suportassem mais haveriam de desabafar: "Olhe aqui, não queremos o seu presente; queremos você! Gostaríamos que você passasse um tempinho ao nosso lado". É fácil ficar tão absorvido em "servir ao Senhor" que nunca temos tempo para ficar a sós com Ele. Não obstante, estas horas passadas a sós com Ele é que são essenciais a uma vida de poder espiritual.

Que acontece quando estamos sozinhos com Deus? Que é necessário para que esse tempo de comunhão secreta com o Deus vivo resulte em manifesto poder espiritual? Ele, naturalmente, fala conosco mediante Sua Palavra, e nós Lhe respondemos em oração. Aliás, algumas vezes nossa leitura bíblica ou nossa oração deixa-nos insatisfeitos. Que está errado, no caso?

Estudo Bíblico

Estudando a Bíblia muitos procuram descobrir fatos a respeito da Bíblia, e até mesmo fatos dentro dela. Mas a informação em torno da Palavra escrita não é um fim em si mesma. Se você já procurou obter vida e poder espiritual

apenas com a leitura de versículos, com o arranjo de informações e traçado de esboços, você sabe que este esforço é inútil. Benjamim Franklin escreveu comentários sobre a Bíblia, mas ao que se sabe ele nunca foi crente.

Basicamente, o propósito da Bíblia é levar-nos a ter contacto com o Deus vivo em Jesus Cristo. É como disse um 'poeta sacro: "Da mera letra, *além,* a Ti, Senhor". Um telescópio ajuda-nos a focalizar uma estrela. Naturalmente devemos saber como ele funciona antes de usá-lo, mas que tragédia se nos absorvermos com o seu mecanismo, esquecendo de olhar a estrela. O fracasso em distinguir entre meios e fins pode ser o problema que muitos de nós enfrentam em nossas devoções particulares ou na "hora tranqüila". Talvez estejamos pensando: "Já experimentei uma hora tranqüila com regularidade, mas era uma coisa desinteressante. Não lucrava nada com ela. Você já se viu a repassar dez versículos por dia, qual um budista que faz girar a roda de suas orações, sem que isto nada lhe aproveite? Você começou a sentir-se desanimado: Qual a vantagem? Por que me preocupar? Idéias semelhantes fustigam por vezes a maioria de nós. Não há significado em rituais vazios. Talvez tenhamos falhado em reconhecer que o propósito de nossa hora tranqüila é termos um encontro direto com o próprio Deus, no Senhor Jesus Cristo. Ou talvez tenhamos falhado em reconhecer que Ele é uma Pessoa viva, que deseja encontrar-Se conosco. Acercando-nos da Escritura, deve ser sempre nossa expectativa termos esse encontro com o Senhor vivo, porque em sua essência a Bíblia não é um livro-texto, e sim uma revelação de Deus.

Outro problema em nosso estudo particular da Bíblia surge da falta de orientação. Já foi dito: "Aquele cujo alvo é nada, atinge-o na certa". Se entramos em nossa hora tranqüila sem qualquer propósito em vista, nenhum desejo de comunhão particular com o Senhor Jesus Cristo, tolhemos com isto o desenvolvimento de nossa vida espiritual tanto quanto é certo que a perda de apetite depaupera nossa vida física.

Sete perguntas orientadoras têm-me ajudado muito, ao fazê-las de vez em quando em minhas leituras da Bíblia. Experimentei-as quando comecei a ter encontro com Deus cada manhã e ainda a elas recorro de vez em quando, especialmente se a rotina começa a enfastiar-me. Se você se chegar à Palavra de Deus com oração e procurar obter na passagem a resposta a cada pergunta, descobrirá sempre aplicações pertinentes. Algumas das sete perguntas talvez não se adaptem a determinada passagem; as demais no entanto se adaptarão. Algumas se aplicam em qualquer passagem. Apesar de simples, estas perguntas podem evitar que passemos rápido por uma série de versículos tendo o pensamento no programa do dia ou nos fatos ocorridos ontem. Elas detêm nossos pensamentos em revoada e levam-nos a confrontar o Deus vivo e Sua vontade.

Primeira: Há um exemplo que eu devo seguir? Esta passagem da Escritura sugere algo que eu devo fazer ou ser, hoje?

Em vez de lermos a Bíblia como exercício acadêmico, devemos sempre levar no devido apreço a verdade divina com o intuito de afeiçoar nossas vidas à vontade revelada de Deus. Que exemplo a passagem apresenta para eu seguir?

Segunda: Há um pecado que devo evitar?

Terceira: Há um mandamento a que devo obedecer? Muitas vezes ficamos a imaginar qual é a vontade de Deus acerca de nossas vidas. E não raro conversamos como se o discernimento da vontade de Deus a nosso respeito fosse um problema difícil e embaraçoso.

Você não vê que noventa e cinco por cento da vontade de Deus já foi revelada? Isto pode ser uma descoberta de abalar os nervos. Deus revelou Sua vontade na Bíblia. Em nossas extensas e impressionantes orações à procura da vontade de Deus, costumamos pensar em termos de casamento ou de uma carreira profissional. Mas, de um ponto de vista ambas estas decisões são incidentais. Deus declara com clareza Sua vontade

com relação ao nosso caráter e à vida diária. Algumas vezes não conhecemos Sua vontade por uma única razão: não nos temos submetido à Palavra de Deus para descobri-la.

Há um mandamento a que obedecer? Se — como tantas vezes acontece — temos sido desobedientes a respeito de alguma coisa que Deus deixou claro, não podemos esperar que Ele nos revele mais de Sua vontade. Primeiro Ele espera que obedeçamos no que já nos mostrou, porque Sua vontade declarada não é de obediência facultativa. Deus revela-nos Sua vontade progressivamente, à medida que formos obedecendo.

Quarta: Há uma promessa feita a mim, para que a reivindique? Nesta passagem da Escritura o Espírito Santo está me levando a uma promessa, de que posso apropriar-me agora mesmo pela fé? Algumas promessas na Escritura, como a de Hebreus 13:5, são incondicionais: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei". Outras são acompanhadas por uma condição: "Agrada-te do Senhor, e Ele satisfará aos desejos do teu coração" (Salmo 37:4). Investigando as promessas precisamos sempre ver e refletir a respeito das condições, e depois reivindicá-las conforme seja o caso.

Quinta: Que me ensina esta passagem acerca de Deus, ou de Jesus Cristo? A aventura da vida cristã parece-se de vários modos com o casamento. Os noivos não se conhecem de fato mutuamente. Apesar de um e outro terem procurado descobrir o quanto possível sobre o futuro companheiro, ao festejarem seu primeiro aniversário de casamento, olharão para o passado e dirão: "Não a conhecia (ou não o conhecia) quando nos casamos, e ela (ou ele) não me conhecia". Isto, digo-o aqui em parênteses, é razão bastante para eu estremecer, quando penso nos casamentos que não têm certeza da vontade de Deus. Um cônjuge não conhece de fato o outro de antemão. O processo desse conhecimento mútuo, como ele se reaüza aos poucos, é uma das grandes aventuras do casamento.

Semelhantemente, uma das aventuras da vida cristã é

crescer em nosso conhecimento pessoal do Senhor Jesus Cristo. No início conhecemos só poucas coisas a Seu respeito, suficientes para que Lhe entreguemos nossas vidas e O recebamos em nossas vidas como Senhor e Salvador. Confiamos nEle. Entregamos-Lhe nossas vidas em obediência total. Todavia O conhecemos muito pouco. Meditando na Sua própria revelação que fez de Si e crescendo nEle, vamos conhecendo Deus cada vez melhor. Depois, com o passar da vida, pela nossa própria experiência pessoal com Ele, Deus acrescenta outras dimensões a um fato que já tínhamos aprendido a Seu respeito na Escritura; por exemplo, que Deus é misericordioso, que Deus honra a Sua palavra.

Sexta: Há aqui alguma dificuldade que eu devo pesquisar? Algumas pessoas procuram sempre as perguntas primeiro, somente para se verem assoberbadas de problemas e empecilhos. E logo vêm com a desculpa: "Há tanta coisa que não entendo. Não posso fazer nenhuma idéia, nem vale a pena tentar". Quando comemos peixe, nós normalmente nos livramos primeiro das espinhas, para em seguida comermos o peixe. Mas alguns há que se especializam em tirar as espinhas e nunca comem o peixe. Comendo peixe, ou estudando a Bíblia, catar espinhas não satisfaz. Devemos tomar nota das perguntas que nos embaraçam, e depois procurar suas respostas. Não devemos, porém, fazer dos problemas o prato principal de nossa refeição.

Sétima: Há algo nesta passagem em torno do que devo orar hoje? Alguns de nós têm problemas com a oração. Cada dia parece ser a mesma coisa — nada mais do que uma repetição do que se disse ontem. "Ó Senhor, abençoa-me e a mamãe e a Maria e o mundo inteiro, por Jesus. Amém". Se estivermos atentos durante a leitura da Escritura, podemos tirar nossa oração da passagem lida. Uma oração assim, de assunto sempre novo, ajuda-nos a descobrir a alegria de uma vida de oração que tudo abrange, baseada na Escritura.

Nem todas as passagens apresentam um exemplo a ser seguido, um pecado a evitar, um mandamento a obedecer, uma promessa a reivindicar, um pensamento novo acerca de Deus, uma dificuldade a explorar, e um assunto para oração, porém cada uma inclui algumas destas coisas. Se você reservar quinze minutos amanhã cedo, ou mesmo hoje, para ter um encontro com Deus e procurar respostas para estas perguntas em alguma passagem da Escritura, garanto-lhe que será uma pesquisa compensadora.

O problema a seguir é o que se deve *ler para se obter uma dieta espiritual equilibrada.* Talvez, como outros muitos crentes, você tende a vaguear por entre o Salmo 23, o evangelho de João e algumas outras passagens favoritas. Temendo coisas com que não esteja familiarizado, deixa o resto da Bíblia correr à revelia. Como crentes, no entanto, que devemos apegar-nos ao inteiro conselho de Deus, precisamos de um plano de leitura da Bíblia toda. É este o alvo do livro *Search the Scriptures* (Esquadrinhai as Escrituras) e da União Bíblica, associação universal de leitores da Bíblia. Quer sigamos um plano feito por alguém, quer façamos um para nós, o essencial é que sigamos um plano.

Pensamentos errantes e outras distrações também podem importunar-nos. Uma prova de Física, ou um jogo de bola, ou alguma outra coisa em expectativa pode distrair nossa atenção e impedir que nos concentremos. Tenha-se à mão lápis e papel para se anotarem novos fatos e idéias encontrados na leitura; é um dos melhores remédios para este problema. Anotações feitas em nossas horas tranqüilas tornam-se um registro de novas descobertas, de primeira-mão, acerca de Deus. Incidentalmente, essas anotações guardadas com carinho podem ser um "quebra-galho" se, de repente, sem esperar, você é chamado a apresentar uma mensagem devocional de 15 minutos. Além disso, nossas palavras terão o calor e poder da autêntica experiência, ao relatarmos uma recente descoberta feita em comunhão pessoal

com Deus.

Precisamos lembrar que *não podemos avaliar nossa hora tranqüila* pela maneira como nos sentimos depois dela. Em certos dias uma idéia parece saltar da página para nós e de fato "vir a propósito", ou nos deixa sentindo um forte ardor dentro de nós. Isto já aconteceu com você, e então você pensou, "Ah, hoje de manhã tive um encontro com Deus!"? Mas nos dias seguintes, lendo a Escritura, nada aconteceu que se comparasse àquilo, e você ficou desapontado. Precisamos entender que uma avaliação correta de nossa hora tranqüila não envolve reações emocionais, que mudam mui facilmente. Ao contrário, uma avaliação justa baseia-se no reconhecimento do fato de Deus, que nunca muda, ter tido um encontro conosco.

Oração

Outra parte vital de nossa comunhão secreta com Deus é a oração. È tão necessária como a leitura da Bíblia, para que nossa vida interior se exteriorize em vida de poder espiritual. Notamos em seguida que alimentando-se da Bíblia, uma vida de oração fraquejada pode ser renovada e vitalizada. Agora temos que ser mais precisos.

Tenho certeza que todos nós saberíamos citar os diferentes aspectos da oração: louvor, ação de graças, confissão, intercessão por outros e súplicas por nós mesmos. Poucos, no entanto, estarão atentos para dar tempo igual a cada um destes aspectos. Como eu, provavelmente você tem a mania do "me dá, me dá": "Senhor, preciso disto, somente quero que me dês aquilo". E provavelmente sua tendência é para ser fraquíssimo no louvor, quando ora. Raramente reservamos minutos de tranqüilidade para, a sós em Sua presença, descobrirmos e reconhecermos quanto vale mesmo a adoração que Lhe devemos. Adorar é reconhecer o caráter de Deus — não à vista do que possamos auferir dEle próprio, ou do nosso reconhecimento de Sua Pessoa, mas reconhecê-lO pessoalmente, como Ele é. Nós,

que não somos muito bons no louvor, podemos começar com algum hino da Igreja e fazer nossas as suas expressões de louvor. Quando me acho espiritualmente exausto, costumo escolher um salmo (como o 103) ou um hino, escrito por algum dos grandes santos do passado. Por exemplo:

Os altos céus louvor a Deus ressoam De gratidão, ao soberano amor; Os redimidos com fervor entoam O nome ilustre do seu Benfeitor!

Ou nas palavras de Bernardo de Clairvaux, de séculos passados:

ó Tu, Jesus, gozo dos que Te amam,
ô Tu, Fonte da vida, ó Tu que és Luz dos homens,
Da terra as mais altas venturas
Não satisfazem aos nossos corações:
A Ti volvemos, de alma vazia,
Enche-as, Senhor, nós Te rogamos.

Partilhando assim das experiências espirituais destes santos do passado, nossos corações exultam no louvor, na adoração e no culto ao Deus vivo. E assim somos levados à presença do Senhor, arrebatados de admiração, enlevados no que o Dr. Tozer chamou "contemplação da alma".

Estabeleçamos Prioridades

Você não pode adorar dessa forma se lhe faltam dois minutos só para entrar em aula. O que mais falta em nossa "sociedade de lazeres" é o tempo. Nunca parece que o temos suficiente. No Oriente a arte da meditação tem sido cultivada largamente, mas até mesmo lá a tecnologia moderna está roubando do povo a sua solidão. Mas todo o mundo ainda dispõe de vinte e quatro horas por dia. E a maioria de nós tem

certa medida de controle sobre muitas dessas horas. Comumente podemos encontrar tempo para o que queremos, mesmo que tenhamos que gastar o tempo de outra atividade. A batalha mais decisiva em nossas vidas é a que sustentamos continuamente por assegurar tempo bastante para ficarmos sozinhos na presença de Deus. Nosso vigor e vitalidade espiritual em tudo o mais dependem do resultado desta batalha.

Assim como o inimigo das almas emprega todos os meios possíveis para semear pecados ocultos em nossas vidas, fará também tudo quanto puder para estorvar o desenvolvimento de uma frutífera vida secreta com Deus. Coisas inocentes, inócuas, como tarefas marcadas, um chamado telefônico, alguém que nos quer para o café da manhã vinte minutos mais cedo constantemente, tudo isso conspira para reduzir ou cortar o tempo de nosso encontro diário com o Deus vivo.

Ultimamente, num verão, tive o privilégio de ouvir John Stott, reitor de uma das principais igrejas anglicanas de Londres. Falava ele a ministros na grande Convenção Keswick de Lake District, na Inglaterra. Seu assunto era prioridades. Acentuou ele que o desenvolvimento de nossa vida interior é a prioridade número um para todo crente — inclusive o ministro. Mas ele admitia um paradoxo muito esquisito em sua vida: "Aquilo' que sei ser minha mais profunda alegria — a saber, estar sozinho, serenamente, na presença de Deus, consciente dela, meu coração desimpedido para adorá-lo — isso é muitas vezes o que menos quero fazer". Todos somos vítimas deste paradoxo. A causa básica corre por conta do nosso inimigo, por saber ele que nosso crescimento em poder espiritual depende do tempo que passamos com Deus. O demônio tudo fará, até imprimir direção errada aos nossos desejos, para atacar a fonte de nosso poder espiritual. É muito certo o ditado: "Satanás treme ao ver de joelhos o crente mais fraco".

Alguns afirmam que passar tempo todos os dias com Deus num horário fixo é muito rotineiro, ou é muito formalismo. As devoções particulares podem tornar-se formalistas, ou mecânicas, mas não há necessidade. Quando isto acontece, uma disciplina salutar converte-se em cativeiro. Escravidão sugere algo que se é forçado a fazer, algo detestável, uma carga odiosa a levar. Autodisciplina aplica-se ao que fazemos voluntariamente para evitar sofrimento, ou assegurar um benefício. Crescimento espiritual mediante comunhão secreta com Deus demanda disciplina positiva — e logo. Tendo deixado o tipo de vida universitária já há anos, posso garantir que manter a vida secreta com Deus não se torna mais fácil quando você deixa a faculdade. Se você vai estabelecer um padrão para a vida inteira, o tempo de fazer isto é agora.

Esta regularidade disciplinada, essencial, não implica rigidez férrea. As estrelas não vão cair do céu no dia em que um de nós não possa realizar a sua hora tranqüila. Não é necessário temer que tudo estará perdido, que seremos reprovados nos exames finais, que nada mais vai dar certo, etc. etc. só porque um dia não tivemos hora tranqüila. Nada disto. Deus não é nenhum tirano para nos castigar desta forma. Todavia espera que levemos a sério nossa vida espiritual, assim como fazemos com o nosso bem-estar físico. Nossos corpos precisam de alimento, por isso comemos diariamente. Nossa vida espiritual precisa alimentar-se, daí o dever de nutrir nossas almas com a Palavra de Deus dia após dia. Se não tomamos o alimento de que precisamos, a fraqueza bate em nossa porta sem tardança. Não podemos dispensar a alimentação por muito tempo, quer se trate de nossa vida física, quer da espiritual.

Embora costumemos preocupar-nos com as aparências e exteriorizações, o principal interesse de Deus gira em torno de nossa vida interior. Ele quer que saibamos que toda evidência de realidade exterior em nossas vidas procede da realidade interior, a qual somente Ele pode dar. Ele sabe se algum pecado

oculto está-nos roubando poder espiritual. Sabe se colhemos todos os benefícios de uma vida secreta passada com Ele.

O começo da realidade espiritual está na entrega total a Jesus Cristo, evidenciada pelo desejo de Lhe obedecer. A manutenção e desenvolvimento da vitalidade espiritual vem da comunhão diária, que resulta numa vida de obediência e de poder espiritual.

A realidade espiritual interior, fomentada por uma vida secreta com Deus, é essencial a um testemunho eficaz apresentado ao mundo incrédulo.



O *que está dentro é que vale.*